





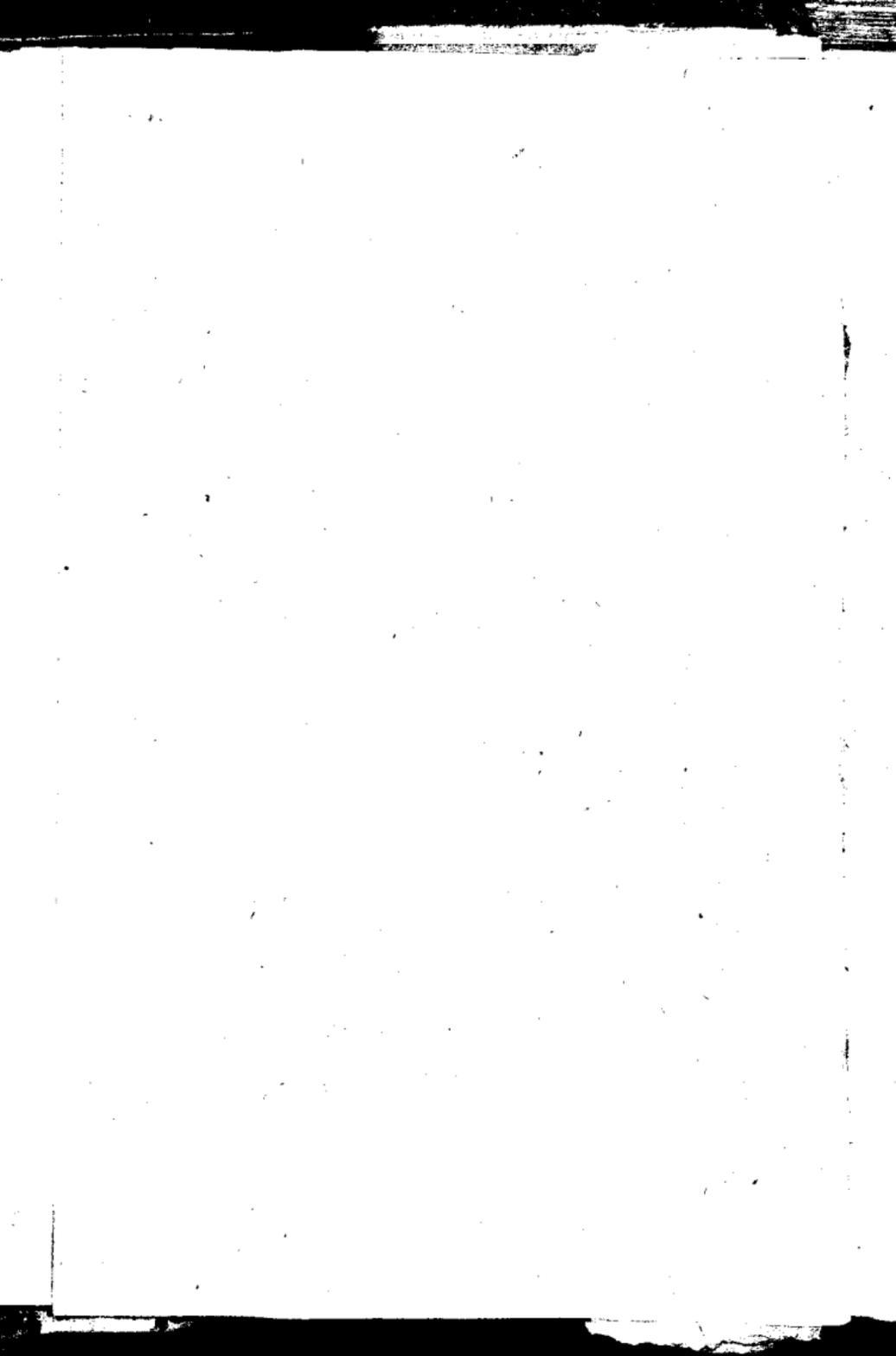


L
3316.

[Handwritten scribbles]

L.

3316



P O E S I A S

D E

ANTONIO DINIZ DA CRUZ

E SILVA.

Na Arcadia de Lisboa

ELPINO NONACRIENSE.

T O M. II.

Que contém os Idyllios.

L
3316



LISBOA. 1811.

NA TYPOGRAFIA LACERDINA.

Rua da Condeça ao Carmo. N. 19.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço

NUJAC

vocabat,
Canto quæ solicus, si quando armenta
Amphion Diræus in Actæo Aracyntho.

Virgil. Eclog. 2. v. 23 e 24.

Molle atque facetum
Virgilio annuérunt gaudentes rure Ca-
mœnæ.

Horat. Satyr. Lib. I. Satyr. 10. V. 44 e 45.

DISSERTAÇÃO

*Sobre o estilo das Elogas, para se recitar
na Arcadia a 30 de Setembro de 1757.
Por Elpino Nonacriense. (1)*

Silvis deducti caveant, me iudice, Fauni,
Ne velut innati triviis, ac penè forenses,
Aut nimium teneris juvenètur versibus unquam
Aut immunda crepent, ignominiosaque dicta*

Hor. in Poet. vers. 244. et seq.

HAVENDO de discorrer hoje na vossa
presença, Sabios Pastores do Menalo,
por obrigação do emprego, a que me
elevou a fortuna (nunca tão cega como
nesta occasião) sobre huma das partes
da tão agradável como difficil arte da

* ii

(1) Esta primeira Dissertação sobre o estilo da Ecloga, que Elpino recitou na Arcadia no anno de 1757, foi tirada d'huma extensa carta que elle havia escrito no anno antecedente a Theotonio Gomes de Carvalho sobre a mesma materia. Achárão-se estes dous Escritos espalhados entre varios Apontamentos originaes do

Poesia ; me parece , que nenhuma podia escolher para objecto das minhas reflexões , nem mais proporcionada á agradável solidão deste monte , que tantas vezes se tem deleitado em repetir os vossos cantos , nem mais conforme ao nosso rustico exercicio , que aquella parte , a que chamão Poesia Pastoril , e que com tanta felicidade entre estes pinheiros se exercita , com inveja das Musas de Sicilia.

O estilo , que se deve usar neste genero de Poesia tem sido materia de largas disputas entre os Eruditos , e presentemente o será do meu discurso : e supposto que estou cabalmente capacitado , que este empenho excede muito as minhas forças , e que o tem sido dos maiores homens que ennobrecem a Republica das Letras , e que em vez do cado sempre sustentarão na mão a penna ; comtudo , confiado na benignidade com que costumais a ouvir , e desculpar os

Author , a tempo que a impressão deste volume estava quasi concluida ; por isso se imprimio separadamente a Dissertação ; a qual vai neste lugar , porque fórma a primeira parte da Dissertação seguinte , que se achou na antiga Collecção original das Obras de Diniz , e que chamamos Collecção primeira.

meus erros, principio a discorrer. O ardor da disputa me obrigará talvez a deixar aquella humildade de frases, com que a nossa singelleza se costuma explicar, e valer-me de alguns termos pouco usados entre a ditosa simplicidade de nossas cabanas; e assim vos peço, que na presente occasião me não considereis como Elpino, hum rustico goardador do Menalo; mas como hum homem, que contra o seu proprio conhecimento, e o que lhe dicta a modestia, se vê obrigado a discorrer sobre cousas mais elevadas, que estão muito distantes das suas idéas.

Enfadados os homens de viver na solidão dos bosques, e entre a aspereza das serras, começarão a unir-se entre si, e a formar povoações, onde com a communicação fizessem mais suaves as suas fadigas. Os amadores da Poesia querem, que á sua admiravel efficacia se attribua huma tão proveitosa mudança: porem o certo he, que entre as cousas mais estimaveis, que da simplicidade, e innocencia da sua primeira vida trouxerão os homens para as Cidades, foi huma esta soberana arte. Tinha ella tido por berço a amenidade dos prados; e entre o doce murmuro das cristallinas fontes, o

6 DISSERTAÇÃO.

susurrar do brando vento, e o cantar das harmoniosas aves tinha dado os primeiros passos: mas depois que entrou nos povoados, começou a ter tão grande augmento, e tanta reputação, que os primeiros homens daquelles venturosos seculos a começarão a cultivar. Ao mesmo passo que nelles se hião extinguindo as reliquias d'huma creação barbara, e agreste, se hia a Poesia reduzindo á sua maior perfeição. Ultimamente os Filósofos, e Sacerdotes a abraçarão, e deixando a humildade de seus primeiros objectos, começarão a tratar nella as materias mais elevadas: os mysterios mais sublimes da sua Theologia, e os mais occultos segredos da Natureza forão o assumpto de seus versos. Então se começarão a ouvir cantar os louvores das virtudes, a reprehensão dos vicios, e as acções que os heróes obravão, dignas da immortalidade.

Estabelecida por este modo a Poesia nas Cidades, começou esta, que não he mais que huma imitação da Natureza, a dividir-se em duas especies: huma que tinha por objecto o imitar a vida do campo, a que por isso se deo o nome de Poesia Pastoral; e outra que se reduzia a tratar as acções, usos, e

costumes dos Cidadãos, a que para distincção podemos chamar Poesia Urbana. Teve, e mereceu tanta aceitação esta primeira especie de Poesia, talvez por ser hum retrato daquelles primeiros seculos, a que por suas delicias, e innocencia chamáráo de ouro, que os maiores homens de todas as Nações se empenháão em cultivalla. Theocrito, Virgilio, Camões, Tasso, Garcilasso, e Fontenelle della fizerão as suas delicias. Esteveirão estes grandes homens neste genero com tanta suavidade, e delicadeza, que a todos os que attentamente os lem de tal sorte delectão, transportão, e arrebatão; que não ha nenhum, que de boa vontade não deseje sacrificar todas as suas fortunas, só por se ver entre o socego, e delicias, que a fantasia dos Poetas com tanta evidência lhe soube pintar. Quem bem reflectir sobre os Idyllios de Theocrito, verá que este insigne Poeta, sem offender a delicadeza com frases toscas, e grosseiras, nem saltar á simplicidade com a demasiada cultura, soube representar no grau mais eminente da perfeição o caracter, e costumes dos Pastores. Esta foi a razão porque dos seus Idyllios se chegou a dizer que forão dictados pelas Graças, Venus, e Amor.

§ DISSERTAÇÃO.

Este modo de compôr, que bastava ter pela sua parte a authoridade de hum tão grande mestre como Theocrito para ser venerado, não agradou a muitos prezados de criticos; que lendo que a Poesia era huma imitação da Natureza, assentáráo firmemente que se não pôde chamar perfeita huma Écloga nem imita a Natureza, se nella se não encontráo infinitos barbarismos, e grande numero de acções, e frases toscas, e grosseiras, a que elles dão o nome de estilo rustico. Hum homem, que em quasi todo o Portugal he respeitado como oraculo da Poesia, e a quem se não pôde negar huma excellente fantasia, e hum agudo engenho, dez são as Éclogas deste estilo que deo á luz; e não contente com isto, no Prologo dellas sem mais fundamento, ou authoridade que a que suppõe em si, magistralmente decide, que as Éclogas que se apartarem deste estilo, não merecem este nome; e logo empunhando a vara censorja despe da dignidade de Poetas pastoris não menos que a Ferreira, Bernardes, Britto, Caiado, Camões, e entre elles o divino Pastor do Mincio, Virgilio, a quem Boileau, que com tanto rigor exercitou ainda no nosso seculo o seu cri-

terio , que de muitos foi chamado satyrico , propõe como exemplar nesta especie de Poesia. Tanto pôde o engano n'hum espirito vaidoso !

A combater esta opinião me movem o credito de tão grandes homens , com tanta soberba injuriado , e o conceito que sempre formei da natureza da Poesia Bucólica : e para que mais facilmente o possa conseguir , exporei brevemente qual he o caracter desta especie de Poesia , não conforme sómente ás minhas idéas , mas ás dos melhores Authores , que desta materia tem tratado , e que com applauso são lidos de todos.

Como a Poesia não he mais que huma imitação da Natureza , tendo a Poesia Bucólica por objecto a vida dos camponezes , e pescadores , evidentemente se segue que he huma viva imitação dos costumes , genios , e inclinações desta especie de gente ; que tem por fim divertir os homens , pintando o socego , alegria , e innocencia dos que vivem distantes da confusão , e enganos que reinão nas povoações maiores. Estes Poemas , a que os Latinos chamavão Eclogas , ou Eglogas como pertendem outros criticos , devem ser ordenados com toda a graça possivel , que por isso os Gre-

gos lhe derão o nome de Idyllios, que vale o mesmo que huma pintura no genero suave, e gracioso.

Huma Ecloga, Senhores, he hum quadro, onde com as mais vivas cores se devem debuxar os longes da idade d'ouro, e as reliquias d'aquella antiga innocencia, que nas selvas, aonde teve a origem, ainda se conservão. Os campos quasi sempre hão de ser os mais fer-teis, os ares os mais puros, os rios os mais serenos, as aves as mais armonio-sas, e ainda os mesmos montes hão de brotar copiosas flores. O socego, a paz, a liberdade, a abundancia, os innocen-tes divertimentos, e huma suave bran-dura, que melhor se sabe sentir, do-que explicar, finalmente tudo o que es-tiver respirando as felicidades daquelle desejado seculo, faz hum admiravel ef-feito n'hum Poeme destes.

Nos Pastores deve reinar a singel-eza, a innocencia, huma simples ale-gria, e ainda a mesma delicadeza, com tanto que não seja buscada, ou como os Francezes dizem *recherché*. Os seus discursos se hão de encetar dentro dos limites do campo: poderão ser delica-dos, mas não excederão a esfera de hum homem sem mais instrucção, que a que

DISSERTAÇÃO II

He pôde permittir a goarda do rebanho, e a tradição dos seus maiores. Que maior inverisimilidade, que carregar o discurso de hum homem rustico, e ás vezes fallando de repente, de reflexões que apenas com huma grande meditação formarão seus Authores? Ha cousa mais impropria, que ver hum Pastor rodeado de livros, repetindo sentenças de Seneca, e fallando nos maiores empregos de huma Monarquia? Certamente que quando leio estas, e outras semelhantes cousas, de que abundão as já mencionadas Elogas, conheço o grande fundamento com que o critico Romano escreveu: *Si dicentis erunt fortunis absona dicta, non Romani tollent equites, peditesque cachinnum.*

(*Hor. in Poet. v. 112 et seq.*)

E ainda assim presume seu Author, que misturando estas materias com quatro vozes barbaras, vis, e indignas de entrarem n'huma composição seria v. g. *escamoso, ranhoso &c.* tem chegado neste genero ao cume de Parnaso, e deixando a huma grande distancia atrás de si Virgilio, Bernardes, Ferreira, e outros homens desta qualidade.

Mas aonde me elevo, que parece que intento apartar-me do caminho principiado, e abusar da vossa paciencia?

12 DISSERTAÇÃO.

Eu vos peço perdão, Senhores: eu me reporto, e torno aos meus Pastores. Nelles, como hia dizendo, e nas suas practicas ha de estar brilhando a Natureza; e tudo o que mostrar affectação, doutrina, e estudo, como tambem o que souber a grossaria, e dureza, n'humas palavras o que não for suave, e offender hum gosto delicado, deve ser deterrado dos seus discursos. A pintura de hum ameno prado, das festas dos Pastores, a sinceridade de seus doces, e innocentes amores, o fervor de suas contendas, a desordem de suas amorosas queixas, e a miuda descripção de humataça como a de Theocrito, e a de Virgilio, ou das portas do Templo da Deusa Pales de Sannazaro, são excellentes pinturas para ornar hum Idyilio. Talvez se vê hum Poeta obrigado a tratar assumptos mais elevados; mas para isso lá está Sileno, se intenta cantar a origem do Mundo; ou Proteu, se quer descrever a guerra dos Gigantes, e os trabalhos de Hercules; e se a morte de Julio Cesar, ou de D. Antonio de Noronha he o assumpto de seus versos, não falta hum Pastor Dafnis, ou Tionio com que aquellas personagens se encubráo.

Não se pôde encarecer o grande cuidado e diligencia, que requerem semelhantes materias para serem tratadas n'hum Ecloga com a devida decencia, e sem se faltar ao carácter, e propriedade desta composição. Devem ser cobertas d'hum fina allegoria, que como o véo com que Camões cobrio o delicado corpo da formosa Venus, não ha de esconder aos olhos dos que o contemplarem o objecto que com ella se encobre.

Se eu fallára n'hum Congresso de homens nem tão eruditos, nem dotados de huma critica tão solida, e penetrante, como os que estou contemplando; eu me contentara de combater o Estilo rustico, só com as reflexões, que seguindo as luzes que nesta materia nos deixarão o meu estimadissimo Muratori, Boileau, Fontenelle, e o Author dos Principios da Literatura, sobre a natureza, e caracter da Poesia Bucolica, acabo de fazer: pois dellas claramente se segue, que o seu estilo ha de ser facil, natural, puro, suave, singello, e delicado, e por consequente opposto em tudo ao chamado rustico. Mas, Senhores, a vossa alta comprehensão, o vosso esculpulo, e justo criterio está pedindo argumentos mais claros, e evidentes: ella

me obriga a que pondo de parté o receo de parecer prolixo, pertenda mostrar, que este estilo chamado rustico he hum monstro, huma quimera forjada na idéa de huns homens faltos de gosto, e delicadeza, contrario ás leis da Poetica, e Oratoria, e que deve ser abominado por todas as pessoas assistidas da boa razão.

Todos os Mestres da Poetica, e Oratoria não souberão até agora descobrir mais que tres especies de Estilo; a saber simples, mediocre, e sublime: fallo attendendo á qualidade do argumento, que se olharmos para a quantidade, isto he para a maior, ou menor extensão do periodo, vulgar he a sua divisão em Asiatico, Laconico, Attico, e Rhodio. Verdade he que Demetrio Falereo no seu Tratado *De Elocut. num.* 36. o divide em quatro especies, a que dá os nomes de magnifico, ornado, tenue, e grave; mas além de todos os Authores com Cicero no seu Livro *Orator ad Marcum Brutum* approvarem a primeira divisão. todas as especies que aponta Demetrio, se reduzem ás tres acima assignadas. Nem ha, nem pôde haver, ou excogitar-se qualidade alguma de argumento, que nellas se não compre-

henda : porque se he illustre , pertence ao sublime ; se humilde , ao simples ; e se entre estes dous extremos , no mediocre tem o seu proprio lugar. A ellas se reduzem tambem as outras quatro especies de Estilo de que acima fiz menção , pois pôde hum periodo estar v. g. no Estilo Asiatico , e pertencer ao sublime ; no Asiatico em quanto á quantidade , no sublime em quanto á qualidade.

Isto supposto , seguem-se duas consequencias igualmente verdadeiras : a primeira que as Eclogas , ou sejam Pastorís , ou Piscatorias , pertencem ao Estilo simples ; pois havendo de ser compostas n'humas destas tres especies , e tendo por objecto a descripção da vida , discursos , e acções dos Pastores , e Pescadores , a qual como pela sua humildade nem aspira á magestade das frases , figuras , e sentenças do sublime , nem á pureza , elegancia , e ornato do mediocre ; só a simplicidade do humilde lhe convem. A segunda he que se o Estilo rustico se não conformar com o simples , ao qual pela sua humildade só se pôde chegar ; não só deve ser desterrado da Poesia Pastoril , mas deve ser abominado como hum monstro dos estilos , e reputado mais como aborto d'humana

fantasia estragada, que como fructo de hum juizo bem regulado.

Ora que o Estilo rustico não só se não conforma com o simples, mas que lhe he totalmente opposto, isto veremos nós sem mais trabalho, que fazemos huma comparação de hum, e outro, e examinar ainda que brevemente as suas propriedades.

O estilo simples, conforme Heineccio no seu Tratado dos fundamentos do estilo mais culto part. 1. cap. 2. §. 44. consiste n'huma locução pura, e elegante, o rustico pelo contrario n'huma oração barbara, grosseira, e falta de alinhho: no estilo simples não ha de haver palavra, que não seja pura, no rustico ha muitos barbarismos, solecismos, e outros vicios, não só oppostos á elegancia, mas ainda contra a boa Grammatica: o simples ainda que imita o uso de fallar nas conversações de pessoas elegantes, foge das frases baixas, escuras, vis, e proprias do povo ignorante, e ao mesmo tempo o rustico dellas tece as suas galas: o simples com prudente moderação, conforme o Pai da Eloquencia Romana no já citado tratado *Orator ad Marcum Brutum*, não usa das riquezas da Rhetorica para ostenta-

ção, porem não deixa de valer-se dellas quando lhe são muito necessarias; o rustico não só as não busca, mas até as despreza: finalmente o Estilo simples (seja-me licito usar desta comparação) he como huma mulher formosa, que considerando, que os dizes, as joias, os ornatos occultão os primores da sua natural belleza, se contenta sómente com huma honesta, e aseada compos-tura; pelo contrario o Estilo rustico he como huma mulher enorme, que não só não cuida em encobrir os defeitos da natureza com os estudos da arte, mas até da mesma enormidade, e desalinho faz jactancia. Creio que estas considerações deixão inteiramente provado o que prometti, e eu me resolvera a citar os exemplos de hum e outro Estilo, se acaso presumira, que á vossa erudita penetração os se occultão, ou não fora facil observar em seus Autherés as contrariedades que assigna este paralelo, e se a brevidade do tempo me não estivesse chamando com argumentos igualmente fortes contra semelhante Estilo.

A Poesia ou tem por fim principal o deleitar, como pertendem Flatão, Eratosrhenes, que floreceo no tempo de Archimedes e de Marcello (homem

Tom. II. *

de tão singular merecimento, que delle diz Strabão, que não só excedia na Grammatica, e Poesia, mas até na Filosofia, e Mathematicas), o Author dos Principios da Literatura; e parece insinuar Pope nas notas a Homero, e seguem outros Authores de igual nome, e veneration na Republica das Letras: ou se dirige a instruir-nos, e deleitar-nos, conforme ensina Horacio nos bastantemente vulgares versos:

Aut prodesse volunt, aut delectare Poetæ,

Aut simul et jucunda, et idonea dicere vitæ.

cuja opinião he seguida de muitos homens grandes: ou conforme a doutrina do nunca assás louvado Muratori, *Liv. 1. Cap. 1.* e do Padre Francisco Jose Freire, *Liv. 1. Cap. 4.* que delle a copiou, considerada por si só se encaminha ao deleite, e considerada em quanto he arte subordinada á Filosofia, Moral, e Politica, toda se emprega na nossa utilidade.

Qualquer destes que seja o seu fim principal, cuja questão agora eu não pertendo examinar, he certo que ordenada no Estilo rustico nenhum delles poderá conseguir. Igualmente he manifesto, que todos os meios que não servem para o fim premeditado se devem desprezar.

Ora que o Estilo rustico não corra para o deleite nem para instrução, facilmente se prova: o deleite na Poesia provém de dous principios, ou da materia, ou do artificio: da materia quando o Poeta contemplando attentamente os objectos, que pertende imitar, nelles descobre qualidades, acções, e costumes, que ordinariamente não produz a natureza, e que outro até agora não tinha descoberto; estas novidades não esperadas, que os Poetas achão n'hum sujeito talvez bem vulgar, são quem nos deleita, e quem nos move, admirando-se o nosso entendimento de ver aquellas circumstancias, que nunca imaginou podesse admirar. Mas porque nem sempre se pôdem descobrir estas novas verdades, então para deleitar recorre o Poeta ao artificio adornando os objectos com tanta graça, viveza, e diversidade de cores, que os fação parecer novos, e dar-lhe aquella belleza, que elles per si não tem. Esta doutrina he de Muratori em muitos lugares dos seus excellentes Livros da Perfeita Poesia, cujas palavras do tom. 1. Cap. 6. liv. 2. repetirei, porque se veja qual he a opinião deste Author a respeito da Poesia Pastoral. *Nós queremos* (diz elle fal-

lando de hum Poeta) que elle aperfeicõe a natureza , e falle como melhor poderião, ou deverião as gentes ; e isto se faz de duas maneiras : primeiramente finge elle as pessoas introduzidas a fallar em verso as mais perfeitas , que naturalmente no seu genero possão dar-se ; e então concebe , e escolhe todos os mais bellos , e nobres pensamentos , que verisimilmente possão vir ao pensamento d'aquellas pessoas suppostas perfeitas. Secundariamente veste com cores poeticas todos aquelles sentimentos , que elle imaginou convirem ás taes personagens. Se se introduz hum Pastor (atienda-se que o primeiro que nomea he hum Pastor) hum soldado &c. cada hum destes devertá pelo Poeta suppor-se excellente , e perfeito no seu genero , e de optimo engenho , para bem exprimir a sua paixão proporcionadamense segundo o seu grdo. Depois d'aquellas imagens mais bellas , mais novas , que sabirião da boca d'aquellas pessoas com frase não muito ornada , como todos os dias acontece nas conversações familiares , poderão pelo Poeta enfeitar-se , e ornar-se com frases gentis , e com o devido ornamento Poetico.

Até aqui o dito Author : agora applicuemos esta doutrina para os Authores do Estilo rustico , e principalmente

para o seu novo patrono; examinemos se nas suas obras se encontrão estes dous principios do deleite Poetico. Eu, Senhores, nelle não encontro mais que acções muito vulgares, vis, grosseiras, e indignas de entrarem n'hum Poema, cujo fim he excitar em nós hum vivo prazer com a imagem de huma innocencia, e simplicidade delicada, e algumas sentenças, e moralidades tão triviaes, que não ha compositor algum de Novellas por mais insipido, e infeliz, que dellas não tenha usado. Isto he por parte da materia; que por parte do artificio, todo elle consiste n'huma affectada incultura, e grossaria de dicção, que por nenhum principio pôde agradar aos homens que huma vez chegarão a tomar o gosto á pureza da sua lingua. E porque não pareça que sentenciamos á revelia, citaremos alguns lugares destas novas Eclogas.

Hum Pastor chamado Nuno que na Ecloga VIII. vem accordar a outro seu amigo, vendo que este se enfada de elle o chamar, lhe diz:

Com mui pouco te quebrantas;
E se o houvesse presumido,
Não te vinha erguer das mantas:

Mas estarás aburrido,
 Que inda agora te levantas.
 Está como te aprouver,
 Como gostas, como queiras;
 E já que te fiz erguer,
 Se has de vir ver as sementeiras
 He o que quero saber.

Ao que o tal Pastor responde:

Hei de ir, porque hei de dar rega,
 E deitar á gelva o macho,
 Que lhe dei ontem huma estrega;
 E ver os homens do sacho;
 E hei de pôr outros na sega.

Ao que Nuno replica:

Par Deos, que quem tanto havia
 De fazer, estar de borco
 Na cama até alto dia

A resonar como hum porco.

Foi boa calassaria.

Toda a prática que ha entre estes
 dous Pastores desde o principio da Eclo-
 ga até esta passagem; está cheia d'aquel-
 la doçura; suavidade; e delicadeza; que
 he propria de huma Ecloga; he hum pe-
 queo quadro onde com todo o primor

se vem fielmente imitadas as pinturas de Theocrito, Móscho, Bion, Virgilio, Sannazaro, e Bernardes; mas aonde brilha mais a delicadeza, e bom gosto do Author, he nos lugares apontados. Contemplem, Senhores, a graciosidade daquelle *estds aburrido*, o polido daquelle termo *Par Deos*, aquella agradável imagem *estar de borco*, a elegancia daquelle comparação *a resonar como hum porco*, e veráo que tudo são (como se costuma dizer) pincelladas de Mestre. Tudo isto he excellente, e maravilhoso, ao menos não se pôde duvidar, que materia, e artificio tem huma notavel proporção. Mas sobre tudo aonde o Author, conforme o meu parecer, sobresahê, e mostra toda a força do seu vivo engenho, he no

Ir deitar á gelva o macho

Que lhe dei onte huma esfrega.

Sem duvida que quando o Poeta escrevia com tanta delicadeza, tinha diante dos olhos estas palayras de hum douto, e moderno critico de França. *Do que se passa no campo nem tudo he digno de entrar n' huma Eclôga: Delle não se deve tirar mais que o que de sua natureza he proprio de nos agradar, ou interessar; e por consequencia he necessario excluir as*

grossarias, as cousas duras, e tudo o que for miudeza, que não faz mais que huma imagem ociosa, e muda, e n'humas palavra o que não move nem lisonjêa.

Nesta mesma Ecloga ha huma passagem digna de toda a attenção. O proprio Nuno conversando com seu amigo Antão, diz:

Cá vejo a Senhora Benta,
Farte-hemos huma visita,
Que de formosa rebenta.

E Antão lhe responde:

Ella será mui bonita,
Mas a mim não me contenta.

Ao que Nuno replica:

Oh como estás escáimoso!
Se te ouvira agora Bento.

Ao que o bom de Antão torna a replicar:

Este, Nuno, he hum ranhoso;
Nunca terás pensamento
Que não seja languinhoso?

Este lugar sim que se póde chamar (seja-me licito usar de huma frase estrangeira) o chefe d'obra do Estilo rustico. E será possivel que haja homens que se deleitem com estas grossarias?

Mas que muito! ainda existem no mundo muitos parciaes de Caligula, e Adriano; na mesma França na mesma Corte de Paris aquelle centro do bom gosto em todas as Artes, e Sciencias (a pesar da inveja dos seus emulos) e nos nossos tempos havia pessoas de tão máo gosto, e discernimento que antepunhão a divina Iliada, e excellente Eneida a *Pucelle de Chapelain*, e o *Moise sauvé de Saint-Amand*.

Mas deixadas estas considerações, passemos agora a ver como o Estilo rustico he hum meio pouco proporcionado para a nossa instrucção, e utilidade.

Depois que a natureza se corrompeo pela desobediencia de nossos primeiros Pais, ficarão os homens empena do peccado tão sojeitos a engano, que amando todos a verdade, procurando-a, e tendo-a muitas vezes diante dos olhos, ou a não vem, ou se lhe representa tão pouco agradavel, que lhe voltão as costas. A multidão de vicios, e apparentes delicias em que andão engolfados, lhes faz parecer menos bello o severo habito de que ella se reveste: por isso he preciso ornalla de imagens agradaveis, e joias preciosas para lhe perdêmos o horror; de outra sorte será impossivel

que nos mova, nos arrebate, e nos instrua.

Ora isto he o que não faz o Estilo rustico, como acima vimos; antes pelo contrario a faz mais disforme com a grossaria, e baixeza das suas frases. Quantos homens de bom gosto (não fallo dos que pertendem este nome sem outro merecimento, que o de criticarem sem reflexão as obras que sahem ao publico), e que conheção o verdadeiro caracter da Poesia Pastoral, e ainda dos que párao na superficie das cousas, e não profundão as materias, haverá que lendo n'hum Ecloga composta neste Estilo tantas expressões baixas, tantas vozes humas totalmente barbaras, outras na desinencia; e formatura, e outras tão antigas que já o uso,

Quem penes arbitrium est, et jus, et norma loquendi, similis estis, eorum eorum ha muitos tempos tinha sepultadas no esquecimento, tantos solecismos, cacophonias, e escuridão; que prosigão em lellas creio que nenhum. Tende máo, poderão responder os seus apaixonados, que entre todos esses vicios do Estilo se occultão as melhores maxims da Politica, e da Ethica. Quero suppor que assim he; mas de que serve tanta precio-

sidade, se offerecida fóra de tempo, e de lugar, se faz menos aperecida? Ent quando entro a ler huma Elogia, o que pertendo he divertir-me com a simplicidade dos seus Pastores, contemplar hum retrato da antiga, e sã innocencia, ver a descripção de huma risonha fonte, a alegria, e frescura de hum ameno prado, o socego, e descanso dos seus habitadores, e outras muitas imagens igualmente deleitaveis, que me encham de prazer; se eu quizera preceitos da Moral, e Politica, ou lera a Ethica de Aristoteles, os livros de *Officiis* de Cicerão, ou as Aventuras de Telemaco, e ainda os Apologos do nosso D. Francisco Manoel; nos quaes Authores se encontra maravilhosamente tratada toda esta materia, e ornada com os primores da Rhetorica, e com as graças de huma locução pura, e elegante. Verdade he que se n'huma Elogia se pôde unir o util-com o delectoso, não pôde deixar de causar hum admirável effeito; mas a faltar alguma destas partes, seja a primeira.

Deixo outras muitas razões, com que podia combater os sequazes do Estilô rústico; não só por evitar a diffusão, mas porque n'outro lugar espero expôr mais largamente alguma, e passo a pro-

var, que semelhante estilo não se deve admittir nas Eclogas com o exemplo dos melhores Authores, que nellas o não seguirão.

Theocrito (1) he o mais antigo Poeta Bucolico que existe, e a pesar de alguns criticos, o Principe da Poesia Pastoril: nas frescas ribeiras do Anapo, e entre os floridos bosques d'Elora deo exercicio aos doces accents da sua frauta: seguirão-se depois Moscho (2) natural de Sicilia, e Bion de Smyrna Cidade de Jonia (3). Nas obras destes tres Poetas se encerrão as maiores delicias das Musas Pastoris.

Passando da Grecia ao antigo Lacio, tambem são tres os Poetas, que os Latinos nos deixarão neste genero: o divino Virgilio, gloria do Mincio, e honra de Mantua, Tito Calphurnio, e Aurelio Olympio Nemesiano.

(1) Theocrito foi natural de Sicilia: floreceo pelos annos da creação do Mundo 3800: 253 annos antes do nascimento de Christo, conforme o calculo de Musancio.

(2) O Idyllio do roubo de Europa passa pela melhor obra deste Author.

(3) O Sepulcro de Adonis de Bion he muito excellente, e huma das obras mais ternas, suaves, e patheticas que nos deixou a antiguidade.

Desde o terceiro Seculo (principalmente depois do Decreto que o Imperador Philippe publicou para reprimir a audacia dos Poetas) começarão em Italia a ir emmudecendo as Musas, e ainda que de quando em quando se ouvião as suas vozes, era já com tão pequeno alento, que na sua debilidade davão evidentes signaes da ultima ruina. E com effeito no Seculo quinto, em que os barbaros invadirão as reliquias, que da antiga grandeza na Italia ainda conservava o Imperio Romano, apenas se percebeo a sua harmonia, até que de todo se calarão no Seculo outavo, em que a Poesia com as mais Artes, e Sciencias passou para as Nações Orientaes (1), e o

(1) Entre os Persas floreceo no Seculo 12 Susano, assim chamado por ser natural da Cidade de Susa, o qual foi Poeta de distinto merecimento, como se póde conhecer pelo principio desta Elegia feita á morte d'humã Princesa, que morreo na flor da idade.

*Dum rosa in hortis é calycibus prodeunt,
Hac rosa momento marcescit, jamque pul-
vere tegitur.
Et dum arborum surculi vernalium nubium su-
gunt aquas,
Hic narcissus aqua defectu crescit in medio
horti irrigui.*

dominio dos Arabes (1); os quaes ainda que hoje nos pareçam barbaros, tiveram por muitos Seculos o imperio das Sciencias.

Finalmente depois de passados cinco séculos de profundo silencio, tornou a Italia a admirar na lingua vulgar humanas mal distintas luzes da Poesia, que as sombras da barbaridade, e ignorancia daquella idade não deixavão claramente brilhar. Os Sicilianos; ou Provenças (2) forão os primeiros que entrarão a cultivar este estudo, dos quaes no seguinte seculo se estendeo a toda a Italia, e principalmente pelos annos de 1120: nelle floreceo Arnaldo Daniel,

(1) Huetius in *Dissertat. de fict. Historiis*, e Genebrardo citado por Musancio na taboa da setima idade.

(2) Grande disputa ha entre os Italianos, e Francezes sobre quaes forão os primeiros, que usáram da Poesia vulgar: se dermos credito a Petrarca, ao Muratofi, e a Musancio, os Sicilianos forão os primeiros a usar deste genero de Poesia. Petrarca na *Epist.* que serve de Prefação ás *Letr. famil.* se explica por estes termos: *Pars vulgari auribus inuenta, suis et ipsa legibus utebatur, quod genus apud Siculos (ut fama est) non multis ante saeculis reuatum, brevi per omnem Italiam, et longius manavit, apud*

Guittone de Arezzo, aos quaes se seguirão Guido Guinizelli, Franceschin degli Albizzi, Dante, e no seculo quatorze Francisco Barberino, e Francisco Petrarca hum dos que trabalhou com toda a efficacia em polir, e limar a lingua Toscana.

Restaurada por este modo a Poesia na Europa, começou a ouvir-se a Musica Pastoril. Hum dos primeiros que com felicidade exercitou este genero de Poesia foi Sannazaro: no mesmo Seculo se distinguirão nestas composições na lingua Latina o nosso Henrique Caiado, emulo de Virgilio, que enriqueceo o Vaticano com a preciosidade dos seus

Græcorum olim ac Latinorum vetustissimi celebratum, siquidem et Romanos vulgares rhythico tantum carmine uti solitos accepimus. O Muratori fundado nesta opinião diz no cap. 3 do Livr. 1 da *Perf. Poes: Piuttosto la Provenza dall' Italia, che l' Italia dalla Provenza, ha da riconoscere l' uso della vulgar Poesia.* Musancio na tab. II. tambem segue a mesma opinião. Os Francezes pelo contrario seguem que os Provençaes della forão os inventores (Mons. Fauchet no Tratado da origem da Poesia Franceza Livr. 1. cap. 8.). E com effeito João Mario de' Crescimbeni na Historia da Poesia Toscana confessa, que ella deve muito aos Provençaes.

versos; e na Italiana Serafino Aquilano. Atraz destes vierão Torquato Tasso (1), Beccari, João Baptista Marino, Bonarelli, Baptista Guarini, Pelicari, e outros muitos, que deixo de nomear por não fazer hum Catalogo.

Quasi nos mesmos tempos brilhava em Castella o delicado engenho do suavissimo Garcilasso (não sei se conta este Reino entre a grande multidão de Poetas de que se jacta tres, ou quatro que se cheguem ao gosto, e delicadeza deste homem), gloria e honra da Poesia Castelhana: e em Portugal Bernardim Ribeiro, Balthazar Estação, Christovão Falcão, o immortal Camões, Principe dos Poetas d' Hespanha, lustre singular da sua Patria, e merecedor de melhor fortuna. Forão seus contemporaneos Diogo Bernardes, Jorge de Monte maior, Antonio Ferreira, e outros, a quem se seguirão Bernardo de Britto, Francisco Rodrigues Lobo, D. Francisco Manoel de Mello, e nos nossos tempos Francisco de Pinz e Mello.

(1) Mons. de Fontenel. no seu Discurso sobre a Elogia, dá o premio da Poesia Pastoril a Tasso na sua Aminta: mas não sei se justamente se queixa Sannazaro desta sentença.

Passando das Hespanhas a França, o primeiro Poeta Bucolico que esta nos offerece he Ronsard; depois do qual appareceo Honorato de Bueil Marquez de Racan, Mons. de Segrais, Mons. de Fontenelle, e Madame Deshoulières. Ora deste grande numero de Poetas que acabo de referir, só Ronsard em França, Lobo, D. Francisco Manoel, e Pina e Mello em Portugal seguirão o estilo rustico nas suas Eclo-gas (1).

Demos agora hum passo mais adiante, examinemos quem torão estes quatro homens, que antes quizerão caminhar por huma vereda aspera, inculta, e desabrida, do que seguir aos outros por huma estrada espaçosa, adornada de bellas flores, e coberta de frescas, e viçosas lamedas.

Seja o primeiro que appareça Ron-
Tom. II. ***

(1) Tambem podia entrar neste numero Francisco de Sá e Miranda: mas como em todas as suas Obras usa do mesmo estilo, entendo que usou delle nas Eclo-gas não com estado affectado, mas sim como victo da Lingua Portugueza, naquelle tempo ainda bastante inculta, que elle não quiz imitar, como fez Camões, e outros.

sard; e como he Francez, sejam os seus mesmos Francezes os que o examinem, que lhe entenderão melhor a lingua, Mons. de Boileau, homem inflexivel, amigo de fazer justiça, e de dar o seu a seu dono, e o Author dos Principios da Literatura, igualmente recto, ainda que mais inclinado a piedade, sejam juizes, e ouçamos o que sentençaão. Boileau diz delle estas formaes palavras (*Art. Poet. 2. 21.*)

On droit que Ronsard sur ses pipeaux rustiques

Vient encor fredonner ses Idylles gothiques,
Et changer, sans respect de l'oreille et du son,
Lycidas en Pierrot, et Philis en Toinon.

O mesmo diz o Author dos Principios ainda que em diverso estilo: *Nous ne parlerons point des Eglogues que Ronsard nous a données. Reglant tout, il brouilla tout, dans ce genre, aussi bien que dans le langage François. Il fait parler ses Bergers, comme on parle au vilage.*

Este he, Senhores, o conceito, que os melhores criticos de França formão de Ronsard; vejamos agora qual he o caracter dos nossos Portuguezes. D. Francisco Manoel não ha duvida que foi hum homem distinto não só pela nobreza do sangue, mas tambem pelo

seu engenho, de que são evidente testemunho tantas, e tantas obras que correm com applauso entre os Eruditos; porem em materias de Poesia o seu voto não me parece o melhor. Este he hum dos Authores, que pelo seu máo gosto em materias de Eloquencia, forão chamados Seiscentistas: assistio muita parte de tempo em Castella, e mesmo dentro de Madrid onde dominava a corrupção protegida de Lope de Vega, Luis de Gongora, Francisco de Quevedo, Conde de Villa Mediana, Juan Peres de Montalvan, e outros quasi infinitos, que com as suas agudezas transformarão a natural belleza da Eloquencia, e chegarão com o seu contagio a inficionar o nosso Portugal. Francisco de Pina e Mello conheceis vós melhor do que eu. Resta só Francisco Rodrigues Lobo: este homem que em muita parte se soube preservar da peste dos equivocos, agudezas, *galimatias*, *brilhantes falsos*, *alliterações*, *Antitesis*, *Acrosticos* &c, que já no seu tempo tinha lançado o seu veneno na Hespanha, teve huma fortuna desigual nas suas composições; pois o seu *Condestavel* por consentimento commum dos intelligentes he hum Poema de bem infe-

liz merecimento. Nas suas Poesias Pastorais, isto he, na *Primavera*, *Peregrino*, e *Desenganado*, se fez acrédor de huma muito distinta estimação; mas por isso mesmo infiro eu que as suas Eclogas não merecem aquelle conceito que dellas fazem alguns homens.

Temos visto quem torão estes quatro homens, e qual he o seu merecimento: e sendo certo que ou elles ou os outros deixarão de acertar no estilo Bucolico, pois como acima vimos, são contraditorios o simples, e o rustico: pergunto agora, quem havemos nós dizer que errou? hum tão grande numero de homens insignes, onde entrão Theocrito, Virgilio, e alguns modernos dotados de hum excellente criterio, v. c. o Fontenelle; ou Ronsard, Lobo, D. Francisco Manoel, e Pina? Pergunto mais, quem teria melhor gosto Ronsard, ou Theocrito, Moscho, e Bion? Lobo, ou Segrais, Racan, e Deshoulières? D. Francisco Manoel e Pina, ou Garcilasso, Santazaro, e Camões? Quem teria melhor criterio Ronsard, ou Fontenelle? Lobo, ou Caiado? D. Francisco Manoel, e Pina, ou Tasso, e Bernardes?

A resposta destas perguntas deixo

eu á vossa consideração: e por confirmação de tudo quanto tenho dito contra o estilo rustico, citarei cinco grandes criticos, e Mestres na Poetica. O primeiro he Horacio na sua Arte Poetica; o qual ainda que expressamente o não refuta, claramente o deixa assim entender. Este grande homem querendo dar-nos as regras para a Satyra Dramatica (1), depois de nos ensinar de que modo se deve portar o heróe, que nella representar, entra a mostrar-nos o caracter das satyros; o qual (diz elle nos versos, que no principio deste discurso citei) não deve ser como o dos homens nascidos nas Cidades, e versados no foro: mas também não ha de ser tão humilde, que profirão palavras im-

(1) A Satyra Dramatica como Horacio nos ensina, era hum Poema onde igualmente entravão os Heróes, e os Satyros: Se nos seus principios foi assim há grande duvida, o que sabemos de certo he que já no tempo de Euripides tinha este character, o que julgamos por huma que elle nos deixou, unico exemplar que temos deste genero na antiguidade. A acção della he a liberdade de Ulisses das mãos do Ciclope; nella fallão Ulisses, o Ciclope, hum Sileno, e hum Coro de Satyros.

mundas, e grosseiras. Ora se elle condemnou a grossaria, e rusticidade nos satyros, reputados pelos Ethnicos quasi como teras, com mais razão a havia de condenar nos Pastores, que estavão em maior grão de perfeição a respeito dos Faunos.

Os outros Authores, que expressamente o reprovão são Mons. de Fontenelle no seu Discurso sobre a Ecloga, o Author do Curso das Bellas Letras no 1. Tom. part. 2. artic. 2. Mons. Despréaux na sua Arte Poetica Canto 2. e o sabio Muratosi nos seus Livros da Perfeita Poesia. A estes se pôde ajuntar hum nosso Portuguez, este he o erudito Manoel de Faria no Tom. 2. dos seus Comentos ás Rimas de Camões.

Estes são, discretos Pastores, os principaes fundamentos, que me movem a condenar o estilo rustico, os quaes sougeito em tudo ao vosso juizo. Bem sei que para huma completa Dissertação faltã dar solução aos argumentos contrarios: mas os limites, que a nossa Arcadia tem prescrito a semelhantes discursos, me obrigão a deixar a sua resposta para a seguinte Conferencia.

DISSERTAÇÃO,

*Que sobre o estilo da Ecloga recitou aos
29 de Outubro de 1757 no Monte
Menalo Elpino Nonacriense.*

P A R T E II.

Tenho a honra, Illustres e Sabios Senhores, de continuar na vossa presença as reflexões, que na Conferencia passada comecei a formar contra o estilo rustico. Nella prometti eu a esta erudita Assembléa de as proseguir na presente Sessão, respondendo aos argumentos, que talvez obrigarão a muitos homens eruditos a abraçarem nas suas composições aquella especie de estilo: em satisfação pois desta promessa, com vossa faculdade principio.

O primeiro fundamento em que se estribão os sequazes do Estilo rustico, consiste em que sendo a Poesia huma sabia, e perfeita imitação da Natureza (1); he evidente, que quem mais fielmente a

Tom. II.

A

(1) Aristoteles *in princip. Poet.* Alexandre Donato, e outros muitos, entre os quaes se distingue Luzan, definindo-a: *Imitação da Natureza no universal, ou particular, feita em versos para utilidade, e deleite dos homens.*

copiar, pintando com toda a evidencia, e pondo-nos quasi diante dos olhos os objectos que imita, representando-nos com toda a propriedade os discursos, acções, e costumes das pessoas, que introduz nas suas composições, logrará completamente o seu designio, e se fará digno do sagrado nome de Poeta. Ora sendo a Poesia Pastoril huma pintura, hum retrato da vida do campo, das acções, costumes, e discursos dos seus habitadores, e costumando estes a explicar-se pelos termos mais rusticos, vozes, e frases as mais humildes, e barbaras, e a obrar as acções mais grosseiras, e toscas; se segue que o Poeta, que nas suas Eclogas retratar estes costumes, como por exemplo:

Se cansares pelo atalho,
Antes de entrar na chacota,
Para empurrar huma gota
Cá levo broa, e mais alho:

e usar daquellas expressões totalmente incultas, v. c.

Já elle nos lobrigou,
Pois hum apupo nos deo.

Aleix. E presumo que accenou.

Gons. He verdade. . . .

Aleix. Ora hes sandedo,
Pois lhe não tornas hum eu:

terá no Parnaso hum lugar muito superior a Theocrito, e outros espiritos de igual gosto, e esfera.

Este argumento á primeira vista representa-se com tanta efficacia, que creio que elle obrigou ao Author das Reflexões sobre a Ecloga (1) que accompanhão as Obras de Mr. de Segrais, a dividir os Pastores em duas classes, e a querer que os Poetas nos seus Idylios introduzão, e imitem, não os Pastores d'huma baixa, e vil condição, mas os que nos felizes Seculos, em que ainda o vicio não tinha tão grande imperio no coração dos homens, passarão das Cabanas para os Tronos, ou talvez com a mesma mão, com que empunhavão o Cetro, sustentarão o Caxado. Desta reflexão, que para me agradar summamente tem por si a preocupação de eu ter usado della, antes de a ler em Segrais, ou outro algum Author, me não pertendo agora valer; pois creio, que o argumento contrario só tem força no conceito dos que ignorão o verdadeiro sentido, em que se devem tomar as palavras *imitação da Natureza*.

He certo que deve o Poeta, se pertenc-

A ii

(1) *Reflexion 5.*

de justamente este nome, imitar a Natureza; mas esta imitação não ha de ser tão rigorosa, que não tenha mais liberdade que a de copiar servilmente os objectos, como ella os produzio (1): antes pelo contrario está obrigado a ornallos com todas as graças, e perfeições possiveis; e expollos aos nossos olhos, não como a Natureza os produzio, mas como deveria produzillos, se os quizesse crear no gráo mais sublime da perfeição. Deve pois o Poeta (com o exemplo de Zeuxis, que querendo retratar a Helena, não elegeo para prototypo do seu retrato huma só formosura) discurrir por todos os objectos, que a Natureza lhe offerece naquella especie do que pertende debuxar, e de todos elles escolher o que lhe parecer mais digno; e unindo-o na fantasia, formar de todas estas idéas particulares huma idéa universal, a qual lhe sirva de modello na sua pintura. Nesta doutrina está o fun-

(1) Il faut conclure, que si les arts sont imitateurs de la Nature, ce doit étre une imitation sage, et éclairée, qui ne la copie pas servilement, mais qui choisissant les objects et les traits, les presente avec toute la perfection dont ils sont susceptibles. *Cours de Bell. Lettr.* tom. 1. part. 1. sect. 1. art. 1. 2. 3.

damento de Aristoteles affirmar na sua *Poet. Cap. 9.* que a Poesia he cousa melhor, e mais filosofica que a Historia, porque trata mais das cousas universaes; isto he, representa as cousas conformes ás idéas universaes, e poder que a Natureza tem para as crear: o que não soccede á Historia, que está obrigada a narrar as cousas como a Natureza as produzio, e accontecêrão.

Assentando pois em que a Poesia ainda que seja huma imitação da Natureza, he huma imitação sabia, brilhante, e não servil; se desvanece toda a força deste primeiro argumento, porque ainda que os Poetas nas suas Eclogas introduzão huns homens rusticos, os devem fingir os mais perfeitos no seu genero, (1) e fugir nas suas praticas tudo o que for grosseiria, vileza, e não satisfizer hum gosto puro, e delicado: em huma palavra todo o seu cuidado deve ser imitar só o que na simplicidade daquella vida nos pôde deleitar: como são a innocencia, o socego, a liberdade, e os deliciosos lugares em que se passa.

(1) Prima finge egli le persone, introdotte a ragionare in versi, le più perfette, che naturalmente nel genere loro possano darsi. &c. *Murat. della Perf. Poes. tom. 1. Lib. 2. Cap. 6.*

Desvanecido este primeiro argumento, sahem os contrarios a campo com outro, no seu conceito não menos forte; e dizem, que tendo a Poesia por objecto principal o instruir-nos, e sendo necessario que as Eclogas se encaminhem ao mesmo fim; toda a diligencia do seu Author ha de ser encobrir o grande numero de sentenças, e doutrina, de que se devem ornar, com frases toscas, e barbaras, porque se não falte ao character destas composições. “ Todos os periodos das Eclogas se devem encher de meralidades, sentenças, e doutrina, encobrendo-se esta proveitosa riqueza com as peles da montanha. Devem ser como os Silenos de Alcibiades, que occultavão grandes tesouros debaixo de humas figuras rudes, e singellas. „ Diz hum destes Authores no Prologo da sua Bucolica. A authoridade, com que elle escreve esta decisão, eu a não sei: o certo he que em nenhum dos Authores mais famosos neste genero, tanto praticos, como especulativos, vejo observar, ou dictar este preceito. Porem talvez que este Escriitor supponha em si todas as circumstancias precisas para dictar leis no Parnaso com offensa do mesmo Apollo.

Mas deixando estas considerações, e

tornando ao nosso ponto; facilmente se respondia ao argumento proposto, negando que a Poesia tenha por objecto a nossa instrução, para o que me não faltariam patronos: porem para proceder com boa fé não irei contra a mesma doutrina que abraço. Eu mesmo conformando-me com o Padre Rapin (1) siguo que huma Ecloga se ha de dirigir não só ao nosso deleite, mas á nossa utilidade; e não posso soffrer, que haja quem se atreva a affirmar, que estas composições só podem divertir-nos: mas que para nos instruirem seja necessario, que cada período deva estar cheo de moralidades, e sentenças, isso não consentirei eu facilmente. Para hum Idyllo, ou huma Ecloga nos inspirar o amor das virtudes, e o horror dos vicios, basta que nella se pintem com toda a viveza huns frescos, e sombrios bosques, huns floridos prados, huns crystallinos regatos, o doce murmurar das agoas, o susurrar do vento por entre os ramos da floresta, e das abelhas em roda dos cortiços, e no meio de todas estas innocentes delicias a dous Pastores, que deitados debaixo de copadas faias,

(1) *De Carmine Pastorali*, Part. 2. pag. 69. et 70.

cheos de singelleza com huma tranquillidade de animo inalteravel, sem saberem o que he ambição, engano, soberba, e outros vicios, que reinão entre a confusão das Cidades, contendem innocentemente com suas cantigas sobre o pequeno premio de huma rustica taça. A' vista destas pinturas, que representão simplesmente a Natureza, e qual foi naquelles venturosos Seculos, que por sua innocencia merecêrão ser chamados de ouro; os homens que tem huma natural inclinação para o bem, se enchem de hum ardente desejo de ver-se entre os suavissimos prazeres, que o Poeta industriosamente lhe finge na vida do campo; e entrão n'humma especie de furor contra os vicios, e perturbações de que se vem cercados. Quem haverá, que lendo na primeira Elegia do insigne Camões aquelle admiravel apostrophe, que faz á vida dos Camponezes; a excellente Ode (1) em que o Principe dos Lyricos Latinos louva a mesma vida; ou a descripção que Virgilio faz do feliz estado daquelle velho (2) que com a sua pobreza igualava os tesouros dos maiores Principes; se não veja do-

(1) *Epodon Libro, Epod. 2.*

(2) *Georg. Lib. 4. vers. 125. et seq.*

minar de hum aborrecimento da enganosa pompa, e esplendor das riquezas, da soberba, do odio, da inveja, &c. se não veja attrahir do amor da innocencia, da singelleza, e liberdade que reina distante das Cortes? Ouçamos a hum grande Prelado da França, e hum dos homens, que mais illustrão a Republica das Letras, e veremos que nas suas Reflexões (1) sobre a Rhetorica, e Poetica, confessa que lendo a Virgilio neste lugar, se sentia inflammar n'hum ardente desejo de ser companheiro de tão feliz velho.

Ora não sendo necessario, para tirarmos utilidade da lição de huma Ecloga, que esta se carregue de sentenças, e moralidades; fica sendo superflua a prevenção de as cobrir de frases toscas, e barbaras, para lograr o character simples, e humilde; pois com huma locução pura, e só com representar os innocentes costumes dos Pastores, se consegue o não faltar ao decoro, e á nossa instrucção. E quem haverá, Sabios Senhores, que possa louvar a hum Author, que introduzindo n'huma Ecloga a dous rusticos falando com mais moralidades, e sentenças que hum Seneca, que hum Catão;

(1) Fenelon Reflex. 10. § 9.

presuma que as suas Obras pôdem servir de modello neste genero?

Já eu disse que os Poetas tinham obrigação de apertear a natureza; porem esta obrigação, esta liberdade se coarta pelos limites da verisemelhança. (1) E que cousa mais imprópria, menos verisimil se pôde imaginar, que ouvir discorrer hum Pastor (contra o que nos ensina Horacio (2) e a propria Natureza) com a mesma delicadeza, e penetração que hum Sabio, quando as idéas de ambos necessariamente hão de ser muito diferentes? Não he isto querer unir n'hum sujeito duas contradicções, e ajuntar em pacifica concordia as Serpentes com as Aves, os Tigres com os Cordeiros? (3)

Quem haverá que lendo n'hum Ecloga destas:

A's acções, que na memoria
Se tem fundado sómente,
Não se deve alguma gloria;
Porque foi o seu agente
Não a virtude, a vangloria.

(1) *Ficta voluptatis causa sint proxima veris, Nec quodcumque volet, poscat sibi fabula credi.*
Hor. in Poet. v. 338.

(2) *In Arte. v. 114. et seq. v. 156. et seq. v. 317. et seq.*

(3) *Pictoribus atque Poetis &c. até tigribus agni.* *Horat. ibid. v. 9. et seq.*

DISSERTAÇÃO. II

A acção , para ter saude,
Não ha de ter incentivo ,
Que o seu proposito mude ;
Ha de obrar sem mais motivo
Que ser acção de virtude.

Este he o fim , este o proemio ,
Com que a bõndade se inflamma ,
Porque as obras deste gremio
Não attendem para a fama ,
Que em si mesmas têm o premio :

imagine que está ouvindo hum Pastor , e não hum Filosofo. E porque se não presuma , que contra este Author me move alguma paixão particular , ou que invejoso da sua gloria (a qual eu lhe confesso bem merecida) lh'a pertendo escurecer ; apontarei outro lugar do nosso Camões na Ecloga segunda , que pecca no mesmo genero de inverisemelhança. Introduz elle nesta Ecloga ao Pastor Almeno , queixando-se de Belisa por este modo :

Oh Ninfa delicada ,
Honra da Natureza ,
Como pôde isto ser ,
Que de tão peregrino parecer
Podesse proceder tanta crueza ?
Não vem de nenhum geito

De causa Divinal contrario effeito.

Pois como pena tanta
 He contra a causa della?
 Fóra he de natural minha tristeza:
 Mas a mi que me espanta,
 Não basta, ó Ninfa bella,
 Que podes perverter a Natureza?
 Não he a gentileza
 De teu gesto celeste
 Fóra do natural?
 Não póde a Natureza fazer tal!
 Tu mesma, bella Ninfa, te fizeste;
 Porem porque tomaste
 Tão dura condição, se te formaste?

Ainda que a esta continuada successão de reflexões não faltasse o verisimil interno, isto he, fossem intrinsecamente verdadeiras (circunstancia que todas como imagem do entendimento, conforme a divisão do Sabio Muratori (1), devem ter para serem admittidas nas composições) o que a alguma lhe falta, como se póde observar naquelle verso:

Tu mesma, bella Ninfa, te fizeste:
 o qual segundo entendo inclue huma no-

(1) *Dell. Perf. Poes. tom. 1. Lib. 2. Cap. 3.*

ravel contradicção, pois suppõe ao mesmo tempo Belisa produzida, e não produzida; produzida porque se ella não existira, não poderia formar-se; não produzida, porque se o fora, não se fizera. Ainda, digo, que em quanto a esta parte estas reflexões não fossem viciosas, sempre erão inverisimeis em hum Pastor; os quaes ainda que se devem fingir dotados de engenho, e discurso natural; não he verisimil, que este seja tão profundo, e penetrante, que esteja por largo espaço a fazer reflexões, e a fundar humas sobre as outras, como na passagem citada faz Almeno. O que supposto, me admira que hum dos maiores homens em bellas letras, que ornão no presente Seculo a Portugal, e que se tem feito celebre pelas suas traducções, louve em huma sua Obra este lugar, e o proponha para exemplo das imagens de reflexão bem reguladas.

Mas desculpaveis forão as reflexões destes lugares, se ellas se formassem sobre objectos, nos quaes costumão os Pastores a discorrer, e he natural que discorrão; porem aquelle reflectir, que os effeitos devem ser semelhantes ás suas causas, e que por consequente não podia ser senão por prodigio a sua pena, que

era contra a causa della ; aquelle reflectir que as acções para serem louvaveis, se não devem obrar com o interesse da gloria (prescindendo agora se he verdadeira, ou não esta proposição) mas só por serem virtuosas ; mais convem a hum homem instruido, que a hum rustico camponez.

Quando os Pastores se vem obrigados a discorrer sobre objectos, que não correspondem ás suas idéas, sempre o fazem com huma especie de temor, e escolhimento, que no meio do discurso está dando a conhecer a sua simplicidade. Hum bello exemplo do que affirmo temos na Ecloga primeira de Virgilio, onde Tityro havendo de explicar a Melibeo a grandeza de Roma, donde vinha, o faz por huns termos, que claramente mostráo o grande embaraço, e assombro, em que o põe hum objecto tão distante da sua imaginação. “ Ah Me-
 ,, libeo (diz Tityro) esta Cidade, a que
 ,, chamamos Roma, julgava eu que era
 ,, semelhante a aquella, onde costumamos
 ,, a levar os nossos cordeiros: porem es-
 ,, ta excede tanto as outras, quanto os
 ,, ciprestes aos lentos vimes. ,, Agora ro-
 go-vos, Senhores, que contempleis a natu-
 ral graça, e simplicidade deste lugar, e

que o compareis com este d'hum homem, que se atreve a censurar a Virgilio; e facilmente vereis o como nos engana o amor proprio.

Chama hum Rei ao pensamento
 Nas horas do seu descanso,
 E em vez de tomar alento
 Nos colchões do leito manso,
 Põe-se em continuo tormento;

Consumindo a fantasia
 Para achar tesouros novos
 Sem cansar a Monarquia,
 E para manter os Póvos
 Sem guerra, nem rebeldia;

Para munir as Fronteiras,
 Mandar Vis-Reis aos Estados,
 E nas Nações estrangeiras
 Saber pelos Enviados
 As prevenções mais ligeiras.

Eu creio, que a toda esta erudita Assembléa ha de causar huma grande admiração, o ouvir a hum Pastor fallando nos maiores empregos de huma Monarquia. Mas talvez que para a prevenir, nos represente o Author destas Eclogas aos seus Pastores cheos de noticias, que tem

tirado dos livros. N'huma parte diz hum Pastor :

Já n'hum livrinho encontrei,
 Que quando o Magno vencia
 O Mundo, e lhe dava lei,
 Que houve hum Sabio que dizia,
 Que era mais rico que o Rei.

E em outra parte outro :

Pastor, dos livros o trato
 Dos outros nos differença &c.

Mas este modo de fazer os Pastores eruditos, em quanto a mim he o mais repugnante á natureza da Poesia Bucolica; e hum Poeta, que em vez de debuxar os seus Pastores rodeados de ovelhas, os finge cercados de livros, he como o pintor, que querendo deleitar com a novidade, pinta hum Delfim entre as flores, e hum Javali entre as ondas. (1)

Notavel he a inconsequencia, com que estes Authores procedem! Crem que para huma Ecloga ser perfeita, nella hão de

(1) Qui variare cupit rem prodigialiter unam,
 Delphinum sylvis appingit, fluctibus aprum.
Hor. in Poet. v. 29. et 30.

fallar os Pastores barbara, e toscamente; mas não reparão em que os seus pensamentos sejam os mais sublimes, e delicados. Todas as vezes que elles se explicão, como talvez se não expliquem presentemente os mesmos rusticos, não importa que discorrão com mais acerto, e erudição que alguns homens, que toda a sua vida empregão na lição das Sciencias: como se fosse mais difficultoso fallar puramente, que discorrer solidamente, e ser erudito.

Igualmente me parece digno de reflexão, que julgando os sequazes do estilo rustico a lição dos livros capaz de fazer os seus Pastores os mais judiciosos, e eruditos, só a não tenham por sufficiente para lhe poder limar a frase.

Estas são as razões que me occotrem em resposta dos argumentos, que por parte do estilo rustico se podem formar: o que me faz creer incontrastavel a sua força he o ver, que na pratica são approvadas por todos os Sabios Pastores da nossa Arcadia; pois de tantas composições, que nella se tem recitado neste genero de Poesia, ainda até agora se não ouviu huma naquella especie de estilo.

Quando eu principiei estas reflexões presumia, que em satisfazendo ás duvi-

das acima ponderadas, podia deixar seguramente a penna. Hoje porem vejo o contrario. Alguns reparos, que parece se não dirigem a mais que a condenar a approvação, que a nossa Arcadia dá a estas composições, me obrigão a que, em quanto os nossos Estatutos m'o permitem, trabalhe por desvanecer a sua efficacia.

Funda-se o primeiro reparo, em que das Eclogas se não tira alguma utilidade. Mas o contrario mostrei eu já neste Discorso; pois vimos, que ellas nos pódem inspirar o amor das virtudes, e horror dos vícios, que he a maior utilidade que nos póde dar a Poesia. Esta doutrina he autorizada pelo Padre Rapin, pelo Author das Reflexões sobre a Ecloga, e por Mr. Fenelon.

O segundo reparo consiste, em que sendo o objecto das Eclogas a paixão amorosa, se deve fugir como menos decente, e em seu lugar introduzir as Odes, e Elegias, como ensaio para huma Tragedia. Eu sou o primeiro que louvarei infinito, que quem se acha com espirito para seguir os arrebatados voos de Pindaro, o empregue na sublime composição de huma Ode; ainda que sei, que ellas não excluem os assumptos amorosos (Horacio tem muitas deste genero, Anacre-

õnte todas, e nelle são os fragmentos de Sapho): como tambem não ignoro, que n'hum Ecloga debaixo do veo Pastoril se pôdem escrevet materias muito elevadas. Theocrito tem muitos Idyllios, em que se não ouve hum só palavra de amor; Virgilio algumas Eclogas; e o Padre Rappin nellas trata alguns misterios da nossa Religião. Nem ha muitos tempos que n'hum louvou hum dos nossos Arcades hum dos maiores Ministros, que vio Portugal, e admira a Europa.

Hum dos mais louváveis empenhos dos modernos Criticos he o pertenderem desterrar até da Poesia Lyrica os assumptos amorosos. Muratori na sua estimadissima Obra da Perfeita Poesia, tom. 2. trabalha com toda a efficacia por conseguir este intento, representando-nos os inconvenientes, que deste abuso se seguem: mas o amor que elles detestão he hum amor desordenado, hum amor lascivo: não hum amor como o pinta Platão, hum amor innocente, qual se finge o dos Pastores; o que excellentemente explica o já louvado Muratori.

Com esta restricção são dignos dos maiores elogios os sabios esforços de alguns dos nossos Arcades. O que supposto, eu summamente me glorieio, que as pin-

turas, as imagens, que desta paixão fazem nas suas Obras os nossos Pastores, não sejam como as de Anacreonte, e de Ovidio. Injustamente se afflige quem pretende desterrar das nossas Poesias o amor: (1) que não imitemos a Anacreonte, Author ainda que summamente suave, e delicado, que protesta que elle não sabe cantar mais que amores; e que em todas as suas Obras não pretende mais, que inspirar-nos o amor da lascivia, e embriaguez. O mesmo digo de Ovidio, a quem as suas composições obscenas, desterrão para Tomos, Cidade do Ponto. Accrescendo a respeito deste Author, ser elle o primeiro que começou a cotromper a elegante, e aurea simplicidade do Seculo de Augusto.

O outro reparo, que sobre esta materia se faz, tem por fundamento que nas composições amorosas, se não pôde dizer cousa alguma, que não tenha sido dita muitas vezes. Supponhamos que assim he: o modo, o artificio, com que o Poeta expõe os seus pensamentos, he huma fonte tão copiosa, e tão agradavel do

(1) Parece faltarem aqui palavras no Original do Author, segundo o qual se imprimio esta Dissertação. N. do Ed.

deleite Poetico , como a mesma novidade.

Muitos tempos havia que Horacio tinha dito , que a morte igualmente pisava os palacios dos Reis , e as casas dos pobres ; mas o modo por que Malherbe o tornou a repetir , dizendo : *O pobre na sua cabana não está isento ds suas leis, nem as goardas, que defendem a entrada do Louvre, segurão os nossos Principes* : fez com que parecesse novo este pensamento. Se o receio de não poder encontrar novidades , para adornar os nossos conceitos , nos houvesse de embaraçar , todos os Poetas largarião as pennas , e se entregarião a huma escura ociosidade. Até nos mesmos argumentos , sem embargo dos novos casos , que continuamente soccedem , parece que se encontra a mesma esterilidade. Sobre o Edipo se tem composto muitas Tragedias ; sobre Merope muitas mais ; alem de Euripides , e Ennio , bastantes Authores Inglezes , Francezes , e Italianos , trabalharão sobre o mesmo argumento. Na de Maffei se lem muitos pensamentos da do Conde Torelli , e na de Voltaire muitos da de Maffei. O mesmo se póde dizer a respeito da Epopéa ; não menos de dous Poemas heroicos conta a nossa lingua sobre a fun-

dação de Lisboa. Em Virgilio ha passagens inteiras de Homero , em Milton o mesmo ; no nosso Camões , se achão traduzidos muitos lugares de Virgilio , e no Tasso bastantes de ambos : o que prova que não só na Poesia erotica pôde haver , ou plagiarios , ou imitadores.

O terceiro reparo he , que as Eclo-
gas não pôdem excitar em nós as paixões. Eu creio que quem tal imagina , entende que no coração humano , não pôde haver mais affectos , que o terror , e a compaixão. Bastará ler somente o Epitaphio de Adonis, composto por Bion, para se saber o quanto he capaz de mover os affectos huma Ecloga. Verdade he , que esta composição não he propria para mover as paixões violentas ; mas alem de isto ser mais huma virtude , que hum vicio ; pois se a Tragedia as move , he só para purgar-nos dellas como nos ensina o mesmo Aristoteles nestas palavras: *Per misericordiam et metum inducens talium perturbationum purgationem* : segue-se , que pela mesma razão deve ficar igualmente inutil a Comedia , tão proporcionada á instrucção dos homens : porem o certo he , que a Ecloga he capaz de excitar em nós a piedade , o amor da virtude , o horror da ambição , o desprezo

da soberba, do odio, da inveja, do appetite, e de outros muitos vicios.

Oppõe-se mais contra as *Éclogas*, que com o seu uso não poderá lograr a *Arcadia* o fim, para que foi instituida, que he a restauração do bom gosto em Portugal. A esta duvida bastara responder, que á *Arcadia Romana* deve a *Italia* o grande esplendor da sua Poesia, o que confessão todos os *Sabios* daquella Nação, e entre elles, aquelle grande homem, que ainda em sua vida mereceo huma *Estatua*, na resposta ás observações criticas, que sobre a sua *Merope* faz *Lazarini*. E todos nós sabemos, que huma das leis daquella celebre *Assembléa* he, que nas suas *Obras* em verso se use sempre do estilo *Pastoril*, e nas em prosa quanto a natureza da composição o permittir. Daqui não se infira, que eu deixo de approvar, e louvar muito o uso de outras composições na nossa *Arcadia*.

O ultimo reparo se estabelece, em que a *Poesia Bucolica* he mais do caracter da Nação *Italiana*, que do da *Franceza*, e que por consequencia nós a não devemos abraçar. Se a *Poesia Pastoril* não agrada a alguns *Francezes*, será a aquelles cujos costumes, corrompidos pelo luxo, e vaidade dos presentes *Seculos*,

lhe representem menos agradável o simples retrato da bella Natureza : será a aquelles a quem não pôde satisfazer a pintura de Nausicaa na Odissea de Homero, e a de Achilles, e seu amigo Patroclo, guisando com as proprias mãos as viandas, para offerecerem aos Embaixadores de Agamemnon: mas não aos grandes espiritos, que se contentão dos prazeres onde não entrão o crime, e a ruina; aos que olhão com desprezo para a pompa, soberba, e vaidade das Cortes. Hum destes he o celebre Fenelon que confessa, que mais o namorava a pobre Itaca de Ulisses, que huma Corte brilhante pelas suas odiosas magnificencias. Alem de que não he este genero de Poesia tão alhea do gosto Francez, que muitos Authores daquella Nação se não applicassem a ella, depois que Honorato de Ursé compoz a sua tão estimada Astréa.

Supponhamos porem, que os Francezes não gostão destas composições: por isso não havemos nós gostar dellas? Eu não sei, que dependencia haja entre o nosso gosto, e o seu, que seja consequencia torçosa aborrecermos nós, o que elles não amão. O contrario, o quanto he do caracter da nossa Nação esta Poesia, provão evidentemente todos os nossos Poetas

do bom Seculo de Quinhentos; daquelle Seculo, em que ainda o pessimo gosto dos Castelhanos não tinha derramado o seu veneno em Portugal. Francisco de Sá de Miranda, Francisco de Sá de Menezes, Conde de Matozinhos; Bernardim Ribeiro, Balthazar Estação, Bernardes, Ferreira, Camões, Fernão d'Alvares do Oriente, Christovão Falcão, e outros muitos, todos amarão, todos compozirão Eclogas. Mas que muito, se até o mais sabio, o mais opulento Monarcha, que vio o mundo, se exercitou nestas composições.

Do que tenho dito em defenza da Poesia Pastoral, vos não pareça, dignissimos Arcades, que o meu intento he persuadir-vos o frequente uso destas composições. Não, Senhores, eu não sou tão vaidoso, que me imagine capaz de aconselhar hum tão distinto Corpo. Creio, e creio bem, que a nossa Arcadia sabe muito bem o que deve executar; e que necessita mais de exemplos, que de arbitrios.

Disse.

CONFIDENTIAL

CONFIDENTIAL

CONFIDENTIAL

CONFIDENTIAL

I.

Na Collecção original mais antiga, e tambem menos correcta, das Poesias de Diniz que se consultou, a qual existe hoje em Coimbra, e daqui em diante chamaremos a Primeira, he este Idyllio mais extenso, e tem por titulo: Elpino Nonacriense aos Pastores d'Arcadia, na primeira Conferencia, que foi aos 19 de Julho de 1757. Conservado depois sem alteração na Collecção Segunda (que he aquella que o Author offereceo d'Excellentissima Condessa de Vimieiro, da qual extrahio em outro tempo huma copia muito fiel e exarta o Excellentissimo, e Reverendissimo Sr. Bispo actual de Portalegre, que benevolamente no-la communicou); tornou a apparecer mais abbreviado e correcto, pelo modo por que vai impresso, na Terceira e ultima Collecção, escrita toda da propria letra do Author, e remetida do Rio de Janeiro depois da sua morte; a qual conseguimos por diligencia e efficacia do Sr. Brigadeiro Mathias José Dias Azedo.

P Astores, que habitais as frescas margens,
 Que banha o claro Téjo, e nos seus câpos
 Vigilantes goardais vossos rebanhos;

Se das frautas Pastorís a antiga gloria
 Quereis ver renovada, e do tamoso
 Pastor do claro Anapo, e do do Mincia
 Igualada a suavissima doçura;
 A ribeira deixai, vinda comigo
 Do Menalo ás fraldas, onde as Muzas
 Tornão a florecer. Alí cantando
 Vereis ao brando Tirse os seus amores,
 Tirse (1), q̄ arrasta e move apòs seu canto
 Os antigos pinheiros do alto monte.
 Alí vereis tambem entre as ovelhas
 Almeno (2), q̄ os pastores não despresa,
 (Que Apollo foi tambem pastor d'Admeto.)
 E que gozo tereis, quando escutardes
 De Coridão (3) a lira, aquella lira,
 Com a qual costumava o loiro Apollo
 Nas ribeiras do Anfrizo entre o seu gado
 Os montes attrahir! o mesmo Apollo
 Benigno lh'a entregou, a formosura
 Ouvindo-o descantar da sua Marcia.
 Alí tambem de Alcino (4) o doce canto,
 De Fido (5), de Silvano (6), e de Sive-
 Suspensos ouvireis: canto suave, (no (7))
 E qu' igual nunca ouvio o Ismaro Thracio.

-
- (1) O Doutor Theotonio Gomes de Carvalho.
 (2) O Doutor Manoel Nicoláo Esteves Negrão.
 (3) Pedro Antonio Garção.
 (4) Domingos dos Reis Quita.
 (5) José Gonçalves.
 (6) José Dias Pereira.
 (7) Silvestre Gonçalves.

Tão brandos , tão sonoros são seus versos ,
 Que as Naiades formosas para ouvillos
 Com as verdes cabeças fóra d'agoa
 Suspensas vejo estar. Oh tres e quatro
 Vezes felices sabios goardadores !
 A cujas brandas vozes concederão
 As Musas tal encanto : o vosso gado
 De fina e branca lá em todo o tempo
 Sempre coberto esteja ; vossos tarros
 De saberoso leite sempre abundem ;
 E as arvores agrestes vos derrantem
 Mel mais doce , q̃ o doce mel do Hymeto ;
 Pois por vós vemos hoje renovada
 A antiga idade de oiro ; o antigo preço
 Das frutás pastorís. E vós , oh Luos !
 Que inflamar-vos sentis no amor da gloria,
 E quereis pelas Musas ser famosos ,
 Os meus passos segui ; que neste dia
 (Oh dia mais feliz , mais vehturoso
 De quantos tem o Meñalo contado !
 Sempré o Sol com seus raios te illumine :)
 Os Pastores seus jogos principiáo.
 Oh Arcades ! notai com branca pedra
 Dia rão fausto , e seja por famoso
 A's vossas festas sempre consagrado :
 E porque delle eterna se conserve
 Entre nossos vindoiros a memoria ,
 O seu nome cortai nos duros troncos
 Das arvores annosas , e cantado
 Em vossos versos para sempre seja.

Mas ã brilhante luz enche os meus olhos!
Que doces écos ferem meus ouvidos!
Ah! já vejo os pastores, já escuto
O suavissimo canto: alí Almeno,
Aqui Siveno está, alí Alcino,
Tirse, Coridão, e Nemeroso.
Mas o loiro mancebo, que cercado
De tantas Ninfas, anda diligente
Pelo monte colhendo as lindas flores,
Quê sera? Ah! perdõa, oh sacto Apollo!
Tu mesmo hes, que das Musas assistido;
Com as divinas mãos andas tecendo
Capellas de boninas e de loiros,
Para a frente croar dos meus Pastores.
E que novo portento me arrebatã!
Que admiravel, que subita mudança!
Em brancos cisnes vôão convertidos
Os ditosos Pastores, de harmonia
Enchendo a terra toda com seu canto:
Onde, sabios Pastores, dizei, onde
Sem Elpino voais, o vosso Elpino?
Esperai, esperai, que eu já vos siguo:
Jã de candidas plumas guarnecido
Meu corpo vejo; já da humilde terra
Batendo as leves azas me remonto;
E por vós alcançar rapidamente
Sacudo as crespas plumas: mas de balde,
Que são muito sublimes vossos voos.
De longe os seguirei, já que não posso
A tão immensa altura transportar-me;

E seguindo seu rasto luminoso,
 Não só na Arcadia, mas em toda a terra
 Farei de Elpino o nome celebrado.

II.

Este Idyllio, e o seguinte achão-se unicamente na primeira Collecção.

Numa manhã serena de Janeiro
 Sentado em sua choça, estava Dafnis:
 O vivo fogo, que estalando ardia
 Nos secos troncos, nella derramava
 Hum suave calor; em quanto o Inverno
 O restolho, que a cobre, c'hum grossa
 Cama de neve sepultado tinha.
 Satisfeito o pastor, por huma estreita
 Janella os olhos lança sobre os campos;
 E observando o contorno despojado
 Pelos ventos crueis, assim dizia:

DAFNIS.

Quantas graças inda entre os teus rigores
 Comtigo tens, oh desabrido Inverno!
 Que ledo resplendor o Sol espalha
 Por entre as subtis nevoas sobre os montes,
 Que alvevão com o crespo caramelo!
 Oh como resplandece a branca neve!
 Que magnificos quadros representam
 Aqui os negros troncos, e os torcidos

E desfolhados braços destas arvores,
Nesses campos, que cegão, espalhadas!
Lá essa parda choça, que de neve
O recto tem coberto! n'outra parte
As balsas espinhosas, que matizão
Com sua cor escura a uniforme,
E brilhante brancura da planície!
O verde grão, que grela pelos sulcos,
A neve greta com as tenras pontas;
Que agradável matiz está formando
A verde cor, que brota, com a alvura
Da densa neve, que o terreno cobre!
Que brilhante espectáculo apresentão
Os vizinhos arbustos espinhosos!
Lá o orvalho, em perolas totnado,
Nos desfolhados ramos, nas vergontes,
Que leves movê o vento, está brilhando.
Desertas sim estão estas campanhas;
Os rebanhos pacíficos repousão,
Em os quentes apriscos encerrados.
Apenas se descobrem as pisadas
Do manso boi, que do vizinho bosque
Vagatoso conduz para a cabana
Os grossos troncos, que o pastor cortára.
Deixado tem as aves as florestas;
E só voar se vem o solitario
Melharuco, que pelo ftió canta,
O pequeno picanço, que no campo
Ora aqui, ora alí, salta a miudo,
E o pardal atrevido, que das choças

Vem junto ás portas a comer o trigo ,
 Que está por essas lavras semeado.
 Lá no valle esse rustico aposento ,
 Donde sahe ondeando o negro fumo
 Do meio dessas arvores , morada
 Da minha Filis he. Oh minha Filis!
 Agora pode ser que tu sentada
 Junto do teu fogão , o bello rosto
 Encostado na mão , em mim contemples ,
 E a totnada da alegre primavera
 Como eu desejes. Fili ah quanto hes bella !
 Mas não foi só a tua formosura
 Quem o amor ateou , que n'alma sinto :
 Eu te amo desde o dia que do cume
 D'hum rochedo cahirão despenhadas
 Ao gentil moço Alexis duas cabras.
 Meu pai, chorando , he pobre , elle dizia,
 E eu perdi duas cabras , das quaes huma
 Prenhe estava : ai de mim ! á nossa choça
 A tornar não me atrevo. Tu seu pranto
 Viste , e de compaixão tambem choraste ;
 Mas o pranto enchugando , duas cabras
 As melhores do teu pobre rebanho
 Logo escolhes ; e , afflicto Pastor , dizes ,
 Alexis , estas duas cabras toma ,
 Das quaes huma está prenhe : elle de gosto
 Chorava , e tu tambem de gosto choras ,
 Pelo ter em seu mal remediado.
 Oh Inverno ! por mais cruel que sejas ,
 Não estará por isso a minha frauta

Pendurada na rustica choupana ,
E coberta de pó , nem menos ternas
Cantigas cantarei á minha Filis :
Tu as flores dos prados tens segado ,
E das folhas as arvores despido ;
Mas a pesar de tudo huma capella
A Filis tecerei , unindo nella
Com seus cachos azues o verde eterno
Das lentas heras : este melharuco ,
Qu' ontem cahio por dita em minhas redes,
Da minha Filis cantará na choça :
Hoje lho levarei com a capella.
Lá canta tu , amavel avezinha ,
E com teus doces quebros a diverte :
Ella te fallará com doce riso ,
E o comer te dará nas bellas mãos:
Oh com que ancia serás della tratado ,
Contemplando que hes dadiya de Dafnis !

III.

Alguns versos errados se encontram nesta Ecloga, que se devem attribuir a descuido da penna do Author, e á negligencia que teve de a corrigir, e aperfeiçoar.

Ecloga. Tirse, e Ornito, e Coro de Pastores, composta em 1754.

JÁ a saudosa Aurora vinha abrindo
As portas do Oriente ao novo dia,
De luz os desiguaes montes cobrindo:

Enchião-se as florestas d'alegria,
Filomela entre os ramos se queixava
Com triste e suavissima harmonia:

Quando Tirse, pastor que apascentava
Nas ribeiras do Téjo manso gado,
Com o canto das aves despertava:

E das humildes peles levantado,
O malhado çurrão no cinto prende,
D'hum canto toma o rustico cajado;

E correndo aos redís, delles desprende
A faminta manada cuidadoso,
Que pelo valle concavo se estende:

E em quanto pelo prado delectoso (1)
Pasce a tenra ovelhinha a molle grama,
E o codeço co' o orvalho mais sabroso;

Ornito, que na humilde e tosca cama
Ainda entregue está ao sono brando, (2)
Assim o desvelado Tirse chama.

TIRSE.

Ah Ornito, ah Pastor, dize até quando
Has de dormindo estar? as varias flores
Já com seu pranto a Aurora vem regando.

Já conduzindo vão os lavradores
Os tardos bois ao rustico exercicio,
E deixáo as malhadas os pastores:

E tu sem te lembrar do teu officio,
Das ayes não te accorda o doce canto,
E apenas de que hes vivo dás indicio.

Por certo que me causa grande espanto
Ver que dormindo estás com tal socego,
E que do gado teu te esqueças tanto.

(1) *O Author tinha escrito:*

E em quanto n'humido prado, e delectoso;

(2) *O Author escrevia:*

Inda entregue está ao sono brando.

Não ouves o feliz desassocego,
 Com que alternão os leves passarinhos
 Dos seus cantos o vario e grato emprego?

Olha como saltando nos raminhos
 Sonoramente a Aurora estão saudando,
 Deixando o doce amparo dos seus ninhos.

Não attendes tambem como balando
 O tenro cordeirinho, a ovelha mansa,
 Nos redís pelo pasto estão bradando?

Pois como o genio teu inda descansa,
 Que na humilde palhoça inda estendido,
 Do teu gado te não move a lembrança?

Ah Pastor, certamente que duvido
 Se hês tu aquelle antigo companheiro,
 A que me trouxe a sorte sempre unido.

Tão mudado te vejo o ser primeiro,
 Com que entre os do lugar te distinguias
 Por sabio, e diligente pegureiro.

ORNITO.

Amor, que he roubador das alegrias,
 Em mim causou tão aspera mudança;
 Nem tu já me verás como me vias.

Tão outro estou, que até nem confiança

Me acompanha de ser qual era d'antes:
D'allivio perdi já toda a esperança;

Que até hum, q̄ entre imagens inconstantes
Dormindo a vaga idéa me pintava,
Me roubaste, cruel, nestes instantes.

E porque saibas quanto Amor traçava
Para augmentar a minha desventura,
Te quero referir o que sonhava.

Sonhava que no meio da espessura
Do verde bosque a Pales consagrado,
Onde em borbulhões nasce a fonte pura

Sobre hum penedo o corpo reclinado,
Regando com meus olhos a floresta,
Do rigor me queixava do meu fado.

E em quanto o immoderado ardor da sesta,
Amparado das arvores sombrias,
Todo o pastor passava em branda festa:

Eu, que o gosto perdi das alegrias,
Da fonte ao som, que alegre murmurava,
De Licéa cantava as tirannias:

E quando ao maior ponto a dor chegava,
Licéa apparecia, e de repente
Em gostos minhas penas transformava:

Pois do mal , que me afflige cruelmente ,
 Em o gesto mostrando-se piedosa ,
 Me roubava os sentidos docemente :

E porque ficasse a alma mais gostosa ,
 Do bello malvaisco , e das boninas
 Tecendo huma grinaldã mui formosa ;

Com as mãos, mais que a neve cristallinas,
 Na minha humilde frente a collocava
 Com palayras d'amor ternas , e finas.

Oh! como absorto o coração estava
 Não direi , que não pôde referir-se
 A gloria , que minha alma então provava.

Em fim queria Amor restituir-se
 Dos gostos, q̃ entre sonhos me emprestára,
 Para de meus enganos depois rir-se.

E quando a maior gloria me elevára ,
 Para fazer mais cruel o meu tormento ,
 Ordenou que aos teus écos despertára.

Contempla qual será meu sentimento ,
 Vendo em tão curto espaço arruinados .
 Os castellos, que Amor fundou no vento !

E se entre a multidão dos desgraçados
 Poderá por acaso algum achar-se

Contra quem se conjurem tanto os fados !

Ou se pôde pesar acaso dar-se ,
 Como na duração d'hum só instante
 O mais feliz o mais triste encontrar-se !

TIRSE.

Estilo he muito usado d'hum amante
 Chamar a mais cruel a sua estrella,
 Quando se vê na magoa delirante.

Dos seus delirios põe a culpa nella ,
 Sendo elle quem no proprio pensamento
 O tormento fabrica, que o desvela.

Porem tu, se de todo o entendimento
 Não tens como a vontade já perdido,
 As palavras, que digo, escuta attento.

Primeiro se achará no perseguido
 Montaraz javali fero, e cerdoso
 Piedade e compaixão, do que em Cupido.

Primeiro deixará o rigoroso
 Cerval faminto lobo carniceiro
 D'os cervos perseguir no bosque umbroso;

Do que esse cruel Deos cego, e frecheiro
 Deixe d'atormentar com seus rigores
 O peito d'hum amante verdadeiro.

O Caucasos não cria em seus horrores,
 Nem a floresta Hircana mais tiranno
 Monstro, do que este Deos todo furores.

Se cuidas que esse pranto do teu d'ano
 O moverá, te enganas; pois intenta
 Suas aras banhar em sangue humano.

Deixa pois de seguir quem te atormenta,
 Se não queres perder a doce vida (izenta
 A's mãos d'hum cego Deos, d'hum alma

E pois a manhã clara nos convida,
 Tratemos de levar por este atalho
 O gado áquella serra mais erguida,
 Em quanto dura na herva o fresco orvalho.

ORNI TO.

Vamos: mas dize, Tirse, não reparas
 Como ora correm claras as serenas
 Agoas do Tejo amenas? não escutas
 Como em doces disputas nos raminhos
 Cantão os passarinhos? que saudosa
 Musica delectosa d'entre a-rama
 A rola aqui derrama docemente!
 Que alegre no Oriente raija a Aurora!
 Oh como a bella Flora o campo esmalta
 De flores! como salta pelo prado
 Alegre o manso gado, e entre as flores
 Cantão os goardadores! mais saudosa

Mais fresca, mais formosa manhã pura
 Não vio esta espessura, ou seja quando
 Febo nos vem buscando, ou de nós parte,
 E sua luz reparte d'outro clima.
 Esta relva por cima rociada
 Parece prateada, o vento brando
 As folhas encrespando alegre, e frio,
 O som, que o claro rio vai fazendo,
 O peito estão enchendo de prazeres.
 Os lírios, malmequeres, e boninas,
 As violas, cravinas, murtas, rosas
 Parecem mais cheirosas neste dia,
 Tão suave alegria neste prado,
 Desde que com o gado nelle assisto,
 Meus olhos não tem visto; e de presente,
 Se acaso me não mente a conjectura,
 Huma grande ventura pronostica.
 Tão clara, leda e rica manhã bella!
 Grande causa desvela a Natureza
 A mostrar tal belleza, e luzimento
 No prado, rio, vento, ceo, e flores:

TIRSE.

Certo que só por causas superiores
 No insensivel se vê tanta alegria,
 Que este effeito não he das inferiores.
 Se acaso bem me lembro, hoje he o dia,
 Em que Nize, pastora delicada,
 Nascendo encheo o mundo de alegria:

E esta selva por ella celebrada ,
 Para sinal do seu contentamento ,
 Mais alegre se mostra , e mais ornada.

ORNITO.

Sem duvida , Pastor , que este portento
 O velho Alcimedonte me contava
 Ao som do sem igual , doce instrumento.

Virá , Ornito amigo , elle cantava ,
 Hum dia , em que ha de ver esta espessura
 Prodigios , que a razão não esperava.

Correrá mais do que ora alegre , e pura
 A corrente do rio socegado ,
 Marchetando de flores a verdura.

O Tejo d'espadas coroadado ,
 Deixando do cristal as puras veias ,
 Das Tagides gentís acompanhado ,

Buscando as preciosissimas areias ,
 Nellas ao brando som das proprias agoas
 Alegre tecerá novas coreias.

Virá o Tegeo Pan , deixando as magoas ,
 Das escabrasas grutas , em que habita ,
 E onde sente d'amor ardentes fragoas :

E contente tambem de tanta dita ,

Cantando ao som da frauta, que inventára,
A's florestas dará gloria infinita.

Dira como nas margens o deixára
Do Ladon a Nonacria desabrida,
A quem do que a si proprio mais amára;

E como em verde planta convertida (1)
Ali ao som das enceradas canas
A' canora invenção logo o convida.

E em clausulas depois mais soberanas
As prendas cantara d'huma pastora,
Cujas graças serão mais do que humanas.

Nascerá mais brilhante a bella Aurora,
E no prado pintado de mil cores
Lascivos brincarão Zephyro, e Flora.

Nesse dia, cantava, os lavradores
Não porão nos bezeros curvo arado,
Mas os coroarão de varias flores:

Andará pelo monte socegado,
Sem goarda dos sollicitos rateiros,
Pascendo a tenra hervinha o manso gado:

(1) *No Original lê-se:*

E como em verde cana convertida

E os esfaimados lobos carniceiros ,
Deixando as cegas grutas , e fragosas ,
Brincarão mansamente c'os cordeiros.

Hão de secar-se as hervas venenosas ,
E em vez d'abrolhos duros , e d'espinhos,
A terra brotará lírios , e rosas.

Cantando voarão os passarinhos
Pelas margens que o fresco Tejo banha ,
Buscando o molle feno para os ninhos.

Discorrendo andarão pela montanha
Com as corças os cães em companhia
Com desusada paz , concordia estranha.

As Oreades , que habitão na sombria
Selva , aos Satiros dando cruéis magoas
D'hum continuo desdem na tirannia :

As Naiades , que vivem entre as agoas ,
As Driades , que centro d'esperanças ,
Nos verdes olhos tem d'amor as fragoas.

Pondo todas de parte as esquivaças ,
C'os cornigeros Faunos , c'os Silvanos
Confusas recerão graciosas danças.

Este o dia será em que nos annos

Crecendo em perfeições Nize divina (1)
Do tempo vencerá os crueis dânos.

Oh venturoso aquelle, a que destina
O grão Jove na inexcrutavel mente
O bem de ver a Ninfa peregrina !

Estas cousas então suavemente
Me cantava o Pastor junto da fonte,
De que eu sempre zombei rusticamente.

TIRSE.

Tudo, e mais do que o douto Alcimedonte
Te contou, neste tão ditoso dia
Soccedido verás no nosso monte.

E se não he ficção da fantasia,
Entre o brando susurro do arvoredo
Soando ao longe vem huma armonia.

Deixa-te estar agora hum pouco quedo,
Que quero ver se he certo o meu aviso,
Ou da confusa idéa algum enredo.

ORNITO.

Não se engana, Pastor, o teu juizo,
Que por entre estes ramos na floresta

(1) Augmentando as perfeições, foi descurido
a a penna do Author.

Hum rancho de pastores lá diviso.

Se a vista me não mente, em doce festa
Direitos vem ao valle da saudade.

TIRSE.

Pois subamo-nos, meu Pastor, sobre esta

Faia, ouviremos mais a suavidade,
Que estão as suas vozes derramando
Deste campo na muda soledade.
Olha quão docemente vem cantando!

CORO DE PASTORES.

Divina Pastora,
Cujos olhos bellos
Dão ao Sol desvelos,
Dão inveja á Aurora:

Por teus resplandores,
Em tão feliz dia,
Cheos d'alegria
Andão os Pastores.

Os campos se esmaltão
Das mais bellas cores,
E por entre as flores
Os cabritos saltão.

Ceres a lavoura
De fructos guarnece,
E ao trigo, que crece,
As espigas doura.

A grada seara
Os olhos deleita,
E fertil colheita
Ao cultor prepara.

Reverdece o prado,
E o monte, e a selva,
Abundante relva
Offrecem ao gado.

A sagrada Pales
Aos votos atende,
E o gado defende
Por montes e valles.

Andão os novillos
Pastando no prado,
Sem o curvo arado,
Nem os duros trilhos:

Alegra-se o monte,
O bosque sombrio,
O sereno rio,
A risonha fonte.

As auras suaves ,
As doces abelhas ,
As mansas ovelhas ,
As canoras aves.

E até os Serranos
D'inculta montanha
Com folia estranha
Celebrão teus annos.

ORNITO.

Mais que os raios do Sol no frio inverno ,
E que as sombras no ardor do seco estio ,
Agradavel me foi seu canto terno.

Venturosa Pastora , a cujo brio
Tanta belleza , e graça estão devendo
O campo , o gado , o valle , a serra , o rio !

TIRSE.

Tão novo , e singular , tão estúpido
Me parece este caso , que pasmado
Não crê a vista o mesmo que está vendo :

E se benigno o Ceo tão empenhado
No nosso bem se mostra neste dia ;
Deixando a seu sabor pascer o gado ,

Busquemos da Pastora a companhia ;
Pois he justo tambem hoje logremos

Parte deste prazer , desta alegria.

ORNITO.

Dizes bem : por aqui melhor iremos ,
Que he caminho mais perto para a Aldea,
E nella a bella Nizé encontraremos :
E talvez que tambem veja a Licea.

IV.

Ecloga. Fido.

*Foi composta em 1755 , e achá-se só na
segunda Collecção.*

JA' do pastor de Anfrizo os resplandores
De Colchos o animal vinhão dourando ,
E o corno de Amalthea , de mil flores
Os outeiros e os valles adornando ;
Na grata confusão de varias cores
Os corações , e os olhos deleitando ,
Nos animos mais tristes produzia
Suaves incentivos de alegria.

Via-se o roixinol com doce canto
Queixar-se do pastor , que astutamente
Os filhos lhe roubou tiranno , em quanto
Do caro ninho seu andava ausente.
Vestia o prado lédo o verde manto ,
Que Flora matizou vistosamente :

...mo T

E com doce murmúrio do alto monte
Se despenhava ao valle a fresca fonte.

Quando Fido, pastor que a desventura
Do Guadiana aos campos desterrára,
Ao tempo que já o Sol sua luz pura
Nas ondas do Oceano sepultára,
E a branca Lua a noite triste e escura
Em serena tornava alegre e clara,
De seus olhos com lagrimas em fio
A corrente augmentava ao fresco rio.

Sobre hum duro penedo reclinado,
A esquerda mão na face, os olhos na agoa,
O çurtão n'hum carvalho pendurado,
Do intrinseco pesar na triste fragoa
Esteve por hum pouco arrebarado;
Até que, entregue todo á dura magoa,
Vencido da afflicção o soffrimento,
Nestas vozes rompeo o brando vento.

Fido.

Fortuna, que em meu damno conjurada,
Nunca cessas cruel de atormentar-me,
Se sempre contra mi te vejo irada
Teu rigor satisfaze com matar-me,
Mas oh! que em meus pesares declarada
A vida não acabas de tirar-me,
Porque quer tua barbara porfia
Que eu padeça mil mortes cada dia.

Se sem olhos te pintão e inconstante ,
Como , cega , me vês , para seguir-me ?
E como , sende varia , tão constante
A toda a hora te encontro em affligir-me ?
Mas ai ! q̃ inda q̃ hes cega , e q̃ hes errante ,
Como tens por empenho o perseguir-me ,
Porque fosse maior tua fereza ,
Mudaste para mi a natureza.

Oh ! mal haja mil vezes o primeiro ,
Que á tua divindade ergueo altares.
Mal haja , outra vez digo , o lisonjeiro ,
Que para sobornar os teus azares ,
Em teu altar matou tenro cordeiro :
Pois para se eximir dos teus pesares
Com sacrilego voto , indigno culto
Por numen adorou teu torpe vulto.

Dos campos onde corre socegado
Por entre arêas de ouro o claro Téjo ,
E adonde vendo Cinthia , e o manso gado ,
Ficava satisfeito o meu desejo ;
Para estes me trouxeste desterrado ,
Nos quaes he horror tudo quanto vejo :
Que a saudosa tristeza de meus olhos
Me representa as flores como abrolhos.

Tudo quanto contemplo na espessura ,
Que tece a confusão deste arvoredos ,
Para meus olhos he huma pintura

Onde imagens só ha de horrot e medo.
 Nella nada descobre a conjectura,
 De que meu mal não seja hum arremedo:
 Que hum desgraçado a pena que o maltrata
 Em tudo só tragedias lhe retrata.

Do verde prado nas cheirosas flores,
 Deste rio no brando movimento,
 Nos innocentes jogos dos pastores,
 No doce susurrar do fresco vento,
 No exercicio sagaz dos caçadores,
 Da frauta pastoril no accorde accento,
 No sonoro cantar de Filomena,
 Em tudo acho incentivo á minha pena.

Entre as flores a Adonis morto sinto,
 O sangue de Acis vejo na agoa pura,
 Nos jogos a desgraça de Jacinto,
 De Procris me lembra a aura a desventura;
 Considero a Acteon na caça extinto,
 A frauta a morte de Argos me afigura;
 E o toixinol me pinta na memoria
 De Progne e de Tircu a triste historia.

Quantas vezes escuto na sombria
 Selva cantar os doces passarinhos,
 Que com terna, e docissima armonia
 Requebrando-se estão pelos raminhos;
 E depois os vejo ir em companhia
 Buscando o doce amparo dos seus ninhos.

Onde com suavissimo socego e parti abno
Lograo de seu amor, o gtao emprego:

Tantas vezes da magoa arrebarado
Sinto no coraçaõ ancia tão forte,
Que de hum cego furor precipitado
Me resolvo a buscar a propria morte:
E bẽm que o impeto cessa, o meu cuidado
Não cessa em invejar-lhe a feliz sorte:
Que atẽ (porque maior a pena seja)
Dos irrationaes, tenho á sorte inveja.

Nasce o Sol, e começa o meu tormento,
Vão crescendo depois seus claros raios,
E tambẽm em meu triste pensamento
Crece o pesar em funtões ensaios:
Começa a declinar seu luzimento,
E não sinto em meu mal alguns desmaios:
Sepulta-se no mar, acaba o dia,
E não se acaba em minha alma a agonia.

Qual a doce avezinha, que do prado
Ao caro ninho seu tornã contentado,
A buscar o consorte, que roubado
Encontra, do pastor tiradamente
Vendo-se só, com voo acelerado
Corre montes e prados descontente,
E em tristes, e suavissimos clamores
Vai contando a sey malias proprias flores:

Assim eu do adorado bem distante,
 Contemplando-me só e em terra estranha,
 Na magoa, que me afflige, delirante
 Corro o duro monte, a aspera campanha;
 Com suspiros, que exhala o peito amante,
 Os penhascos abrando da montanha;
 Mas não abrando a dor, que em affligir me
 Que essa mesma montanha está mais firme.

Ando tão pensativo em minha magoa,
 Que até do proprio aceio já me esqueço;
 Esta manhã me vi dentro desta agoa;
 Tão outro estou, que a mi me não conheço.
 Tanto em mi tem obrado a dura fragoa,
 De meus males, que o mesmo não pareço.
 Pois mudado o talhe, o animo perdido,
 Nem as sombras conservo do que hei sido.

Desse tempo feliz, em que a esperança
 Alentava de amor o doce effeito
 Só dura na memoria hoje a lembrança,
 E o incendio de amor dentro no peito.
 Do mais nem se quer tenho a semelhança,
 Tudo trocado está, tudo desfeito:
 Que brio, graça, genio, e mais figura
 Tudo me tem roubado a desventura.

De continuo cuidar na tirannia
 Do Destino ando tão alienado,
 Que talvez praticando em companhia

Dos mais pastores fico arrebatado; ^{minha} A
 Quando saio ao romper do novo dia;
 Levando para o monte o pobre gado,
 Fico ás vezes atrás tão suspendido;
 Que sendo o goardador, sou o perdido.

Admiráo-se os pastores deste monte
 Quando advertem em mi tanta estranheza;
 E mil vezes o velho Alcimedonte,
 Que das cousas conhece a natureza,
 Com empenho me pede que lhe conte
 A causa que me obriga a tal tristeza;
 Promettendo curar todos meus males
 Com as hervas que nascem nestes valles.

A bella Nize, gloria deste rio,
 Inveja das pastoras mais formosas,
 Natercia, que no monte o senhorio
 Entre as discretas tem e entre as airosas,
 Em divertir meu triste desvario
 Com mil ancias se mostráo desejosas;
 Mas a sua piedade em vão se cança,
 Que a minha alma nas penas só descança.

O trato dos pastores me aborrece,
 Das pastoras me enfada a companhia;
 E até o proprio gado me entristece,
 Que n'outro tempo foi minha alegria,
 Ainda bem o Sol não apparece,
 E já desejo ver findar-se o dia;

Chega a noite enlutada em seus horrores,
E desejo do Sol os resplandores.

Se alguma cousa a magoa lisonjea,
He só o feo horror da soledade:
Aqui o pensamento se recrea
Das imagens crueis na immensidade,
Farta-se o coração, farta-se a idéa
De sentir sem estorvo a saudade:
Que augmenta aos infelices a desgraça,
Quem sentir seus pesares the embaraça.

Oh quantas vezes pela ardente sesta
Em quanto as bellas Ninfas, e os pastores,
Passando a calma estão em branda festa,
Ou contando huns aos outros seus amores,
Me meto no intrincado da floresta,
E do sombrio bosque nos horrores;
Apartando de tudo o pensamento,
Me ponho a contemplar no meu tormento.

Se alguma vez debaixo desta faia
Me assento a divertir a triste idea,
Ou vendo a perfeição com que esta praia
De conchas e coral toda se arrea,
Ou como o fresco rio aqui se espraia
Mostrando lá no fundo a branca areia,
Mais se augméta o meu mal; pois a memoria
Me traz do bem passado a larga historia.

Todo o tempo feliz, em que mimoso
 Das glórias que reparte o Deos menino;
 Fui nos campos do Téjo venturoso
 Nos mimos d'hum agrado peregrino;
 O tesouro logrando mais precioso
 De que me fez Amor possuido indino;
 Entre os confusos longes da ventura
 Da lembrança nos quadros se figura.

Outras vezes me pinta a fantasia
 Quando eu e Cithia lá no ardente estio
 Levando ambos o gado em companhia
 A banhar-se no Téjo, do sombrio cupido
 Bosque ella as terras flores me offerecia;
 E eu o roixo corado fresco rio
 Que, entre a neve das mãos com q' o tocava,
 Na cor mais encendido se mostravam.

Outras vezes a idéa me figura
 Quando entregue o rebanho á vigilância
 Dos rafeiros, deixando a espessura,
 Buscavamos alguma alegre estância
 Junto ao Téjo; e sentados na verdura,
 Guzando da fresca aura, e da fragancia
 Das flores, com suavissimo socego
 Lançavamos as redes no alto pego.

E quando o Sol nas ondas prateadas
 Hia já os seus raios sepultando;
 E cahia das serras levantadas

A triste sombra ; as rédes levantando ;
 As achayamos todas carregadas ;
 Dos ruivos camarões inda saltando ;
 E recolhendo o gado e o marisco ;
 Tornayamos contentes para o aprisco ;

Quantas vezes na fresca primavera
 Sabimos pelo prado a colher flores ;
 Quantas no turvo outono a branda perca
 E a doce uva também de varias cores ;
 Quantas no denso mata a fugaz fera
 Seguimos com os galgos voadores ;
 Este prado ; este valle ; esta espessura
 Na lembrança outras tantas me figura ;

Hum tarde me lembra que enfiado
 Da demora de Cinthia , que aguardei ;
 A' sombra d'hum faia recostado
 De Morte ao descanso me entregava ;
 E depois de algum tempo passado
 Accordando , cingida a fronte achava
 De hum bella grinalda , cujas flores
 Goardo , como reliquia , em meus ardores ;

Levante-me por ver se acaso via
 Quem era occasião desta ventura ;
 E os olhos applicando onde se ouvia
 Hum confuso rumor pela espessura ;
 A minha Cinthia vi , que se escondia
 No bosque com amante travessura :

Mas não podia a selva em seus verdores
Occultar os seus bellos resplandores.

Vi... Mas onde engolfado, oh pensamento,
Me levas, da razão perdido o norte!
Se basta do retiro o mal violento
A dar-me na saudade cruel morte,
Não busques á minha alma mais tormenta.
Porque voas tão longe d'essa sorte,
Se aqui mesmo descobre a fantasia
Os maiores motivos de agonia?

Quem me dissera quando no Mondego,
De pastores e Ninfas celebrado,
Fui do applauso, e da inveja hũ tẽpo empre-
Que inda me havia ver em tal estado
Sem gloria, sem applauso, sem socego,
Da doce patria minha desterrado,
Vendo outro campo, rio, choça, gente,
Afflicto, solitario, e descontente?

Quem julgaria, vendo-me no Tẽjo
Com meu gado occupar toda a espessura,
Favorecendo Cinthia o meu desejo,
Dobrando-me as riquezas a Ventura,
Que a ver-me chegaria qual me vejo,
Perseguido do amor e desventura,
Sem riquezas, sem gado, e sem pastora,
Chorãdo ou morra o Sol, ou nasça a Aurora?

Quem me diria que até a confiança,
Que costuma assistir aos desgraçados,
De que ainda da sorte na mudança
Poderão ter allivio os seus cuidados,
Me havia abandonar? pois a esperança,
Que o rigor me permite de meus fados,
He tão confusa, e tem tanta incerteza
Que antes faltará a vida que a tristeza.

Mas oh! que, se suspenso o entendimento
Não andara nos mimos da ventura,
Vira, que em a fortuna tendo augmento
Logo começa a ser menos segura.
E mil vezes a gralha em rouco accento
Me predisse cruel a desventura,
De cujo triste agouro então zombava;
Mas conheço em meu mal q̃ me enganava.

Desta sorte o Pastor interrompia
O profundo silencio da espessura,
Tão suspenso nas magoas que dizia,
Que nem ao triste horror da sombra escura,
Nem aos ternos balidos attendia
Do gado, que já farto de verdura
Balandando junto delle todo estava,
E pelo aprisco inquieto lhe bradava.

Quando já de algum dâno receosos
Sahirão da malhada a procurallo
Os outros companheiros cuidadosos:

E depois que chegarão a estorvallo,
 De dar-lhe algum allivio desejosos
 Com razões pertenderão consolallo:
 Mas vendo que com ellas mais se enlêa,
 O levárão por força para a aldêa.

Ecloga para celebrar a festa do Santissimo
 Natal; recitada no Menal aos 28
 de Dezembro de 1757 por Elpino No-
 nactiense, e Almeno Sincero (1).

*Impressa do modo por que se lê na primeira
 e segunda Collecção.*

ELPINO.

JÁ dos tenros arbustos penduradas,
 Dão sinal as canoras avezinhas,
 De que a brilhante luz da fresca Aurora
 As matizadas nuvens vem dourando.
 Do branco torvalho a relva borritada,
 A manada convida, que faminta
 Na malhada balando não socega.
 E tu nas molles peles recostado,

(1) O Senhor Manoel Nicoláo Esteves Negrão,
 hoje Desembargador do Paço, e Chanceller Mór
 do Reino. N. do Ed.

Inda dormes , Almeno! os cabritinhos
 Já tenho de boninas coroados,
 E do ordenhado leite os grandes tarros
 Todos cheos ; e tu ao sono entregue ,
 Nem o som dos confusos instrumentos ,
 Liras , santonas , citharas , e frautas ,
 Que em todos estes valles se derrama ,
 Te acorda ; nem te priva do socego
 A lembrança d'hum dia tão festivo ,
 Que pelas santas leis da nossa Arcadia
 He todo aos nossos jogos consagrado ?
 Ah ! desperta , Pastor, e em quanto entramo
 De louros e de murtas a Cabana,
 Em quanto os trilhos, grades, e os aratinhos
 D'alecrim , rosmaninho , e de giestas
 Cobrindo vou , veloz nos secos troncos
 Fogo accende, e queimando puro enxofre
 O rebanho perfuma , porque fique
 De maligno contagio todo izento ;
 E para que não possa a torpe Inveja
 C'os retorcidos olhos fascinallo ,
 Das viçosas capellas , que tecido
 Do nardo agreste tenho , diligente
 Lhe cinge as duras pontas , doce Almeno.

ALMENO.

Com q̄ motivo , El'pino , a despertar-me
 De madrugada vens ? ah que não sabes
 Que tinha bem razão d'estar dormindo.
 Quando ontem pelas horas costumadas

De recolher o gado te apartaste ,
 Fui ao curral, depois vim á Cabana ,
 E ainda bem não tinha acceso o fogo
 Quando ouvi de repente , Elpino , uivarem
 Mui perto do curral famintos lobos :
 Vê com que susto eu triste ficaria !
 Não me fei na goarda dos rafeiros ,
 E levei de vigia toda a noite :
 De cansado hia agora adormecendo ,
 Quando bateste á porta da Cabana ;
 E inda que pouco estava para ouvir-te ,
 Dize o que queres ; e porque tão cedo
 Sahiste da tua choça ? se algum caso
 Estranho te não move a madrugares ,
 Não me perturbes mais o meu socego.

ELPINO.

Como ! não sabes tu que nesta noite
 (Oh noite mais feliz e mais brilhante
 Que o dia mais alegre , e mais sereno
 Da fresca primavera !) em hum presepio
 D'hum sagrada Virgem , mais formosa
 Que o prado por abril de flores cheo ,
 O Messias nasceo , o desejado
 De todas as Nações , o promettido
 D'hum sabio de Israel , a cuja boca
 (Se credito merece Metatesio (1) ,

(1) Allude a huma Oração , que na Arcadia
 tinha repetido José Gaetano de Mesquita.

Metatesio Pastor , que não ignora
 Os mais altos misterios , e das cousas
 Conhece a natureza ; que na fonte
 Das murtas o contou , e o brando Alcino
 Também conosco estava) a viva chama
 D'hum ardente carvão santificára :
 E que Deos por mostrar , que mais estima
 Nossa humilde lisura , que a vaidosa
 Pompa dos Cortesãos , quiz que primeiro
 Que os Reis do rico Oriente , a adorallo
 Fossem , lá de Belem os bons Pastores
 (Ah felices Pastores !) convocados .
 Não te lembra também q os nossos sabios ,
 Que as Leis da bella Arcadia compozerão ,
 A tão grande favor agradecidos ,
 Mandarão que no Menalo este dia
 Fosse sempre applaudido , e em doces jogos
 Pelos nossos vindouros celebrado ?
 Ah que hum tão desusado esquecimento
 Duvidar me tem feito , se hes Almeno ,
 Almeno em toda a Arcadia celebrado
 Por sabio e diligente pegureiro .

ALMENO:

Eu bem sei que este he o dia celebrado
 De toda a nossa Arcadia , por memoria
 Da feliz Noite , em que para remir-nos
 Deos quiz nascer Pastor entre pastores ,
 Mas o cuidado de tornar os lobos
 Me fazia jazer na verde rama :

Tom. II.

E

Quanto mais que inda agora vem raiando
 A branca Aurora, ainda o Sol não doura
 O cume destes montes: mas, Elpino,
 Tu tens razão, confesso-te a victoria:
 Não madruguei quanto era necessário
 Para esperar tal dia; de mim longe
 O prigueiro sono se desterre.
 Ao Menalo, Elpino, vamos, vamos
 Eu apparelho para o sacrificio
 O cordeiro mais tenro da manada.
 Com a pouca luz, que dão os horizontes,
 Parece-me que vejo lá ao longe
 Pela estrada do Menalo ir andando
 Hum rancho de Pastores: quanta inveja!
 Me causa o ver, que a celebrar tal festa
 Nós não appareçamos os primeiros!

ELPINO.

Não te enganas, Almeno, q̃ Montano (1),
 De Tirse e de Siveno acompanhado,
 Já para o monte vai, e para o canto
 As suaves lyras, lyras affamadas,
 Lhes ouço temperar; se não m'engana
 O mal distinto som, que entre o susurro
 Que formão estes choupos combatidos
 Do véto, o Eco espalha. Ah! toma o cajado,
 O pelico e o cordeiro; hum só instante
 O gosto de os ouvir não demoremos.

(1) O Doutor José Rodrigues de Andrade.

ALMENO.

Alegre te obedeço , já estou pronto :
 Este pelico todo recâmado
 De madresilva , lirios , e giestas ,
 Eu o fiz do mais fino e branco vello
 Do meu rebanho : elle he do cordeirinho,
 Que pario a malhada , que me deste.
 Este cajado de cheiroso mirto
 Aquelle he qu' eu ganhei , quando na luta
 Venci o goardador d'alem do Douro,
 E m'o julgou Firreno : caminhemos ;
 Elpino , pois ; e já que temos tempo ,
 Pelo caminho he bem que recordemos
 O que ouvimos cantar aos nossos velhos
 Sobre o Misterio , que hoje celebramos ;
 Começa tu com tua doce lyra ,
 E c'o suave canto sublimado ,
 Que ao meu rustico modo eu te respondo.

ELPINO.

Pois , Pastor , tua voz agora affina ,
 Que eu o estudado canto já começo.

Ditoso dia , dia mais alegre
 De quantos tem trazido a roixa Aurora ,
 Por ti tornou a paz aos nossos campos ,
 Por ti deixáo os lobos as ovelhas.

ALMENO.

Ditoso dia, em que nasceo da Virgem,
 Para socego do rebanho inquieto,
 O mais sabio Pastor: a elle adorem
 Todos os goardadores das manadas.

ELPINO.

Os passaros ao som, que estão formando
 Do gelo desatados os ribeiros,
 Enchem de melodia os puros ares,
 Os tristes corações tornão contentes.

ALMENO.

Os Ceos manifestando os seus tesouros
 Mandão á seca terra o santo orvalho;
 Já novas plantas brota, novas flores,
 Novas fontes rebentão cristallinas.

ELPINO.

As campinas de flores esmaltadas
 Exhalando suavissimas fragancias,
 Do balsamo cheiroso e puro encenso
 Estão os Céos e a Terra perfumando.

ALMENO.

O crime, o engano se apartou do mundo,
 Já do Céo desce a candida Innocencia,
 A Paz se estabelece, e da Justiça
 No equilibrio se igualão as balanças.

ELPINO.

Da raiz de Jessé a fertil vara
 Em ti se vio brotar a flor mais bella ;
 E sobre ella desceo vibrando as azas
 O Espirito de Deos , a pomba amante.

ALMENO.

Nasce das tempestades hum abrigo ,
 Do calor huma sombra , dos enfermos
 Salutifera planta , em fim remedio
 Para toda a mortal necessidade.

ELPINO.

Em ti do humano véo todo coberto
 Nascido amanheceo em huma lapa
 O bom Pastor , pastor tão diligente ,
 Que o sangue e vida deo por seu rebanho:

ALMENO.

N'huma lapa metido ! ah ingrato mundo ,
 Assim recibes quem teu ser restaura !
 Assim foi : pobrementemente n'huma lapa
 Veio a nascer quem he senhor de tudo.

ELPINO.

O Libano , de cedros coroado ,
 Vendo o seu creador entre os humanos ;
 Altivo levantou a verde fronte.

ALMENO.

Sobem do humilde Sáron os aromas ,
 Purificação-se os ares : já já desce ,
 Já chega á terra o Deos omnipotente.

ELPINO.

Admirado o pastor no inculto monte
 Vio brotar de repente entre a geada
 A pallida viola , o roixo lirio.

ALMENO.

Alegrai-vos , deserto , e vós rochedos ,
 Debruçai-vos dos montes , suspendidas
 Sejam do Alfeu as rapidas correntes.

ELPINO.

Ondearão nos campos as searas ,
 Das douradas espigas carregadas ,
 Offrecendo sem tempo louro o trigo.

ALMENO.

He chegado o Pastor , tomai o exemplo ,
 Oh vós que vos prezais de goardadores ,
 Apprendei a goardar delle os rebanhos.

ELPINO.

Rebentárão as vinhas , e entre espinhos
 Se virão pelas balsas pendurados
 Os varios cachos roixos e amarellos.

ALMENO.

Este he o maioral que nos governa ,
 Attendei como cuida da manada ,
 Quanto lhe custa a goarda dos cordeiros.

ELPINO.

Os lobos e os cordeiros juntamente
 Pascerão pelo valle , e o leão fero
 Do pacifico boi em companhia.

ALMENO.

De dia lhes offrece o melhor pasto ,
 De noite os livra dos famintos lobos ,
 Louvado seja o mestre dos pastores !

ELPINO.

As plantas infelices se secarão
 Perdêrão as serpentes o veneno.

ALMENO.

Não apparecem já no santo monte ,
 Nem tarão , se vierem , mal ao gado.

ELPINO.

Tornou-se o frio inverno em primavera ,
 Rirão-se os prados , rirão-se as florestas.

ALMENO.

Todos os dias nasce o Sol mais bello ,
 Nem já queimão os fructos as geadas.

ELPINO.

De puro leite as tetas carregadas,
Procurarão os tarros as ovelhas.

ALMENO.

As cabras penduradas dos penedos,
Em lugar de pastar, andão brincando.

ELPINO.

A terra se alegrou e o mar profundo,
Hum novo Astró brilhou no firmamento.

ALMENO.

Seguro o lavrador semêa o trigo,
Que a chuva não destróe as sementeiras.

ELPINO.

A ornar correo o buxo, a faia, o pinho
O lugar do Senhor santificado.

ALMENO.

Gostosos vem render-lhe vassallagem
Do Oriente o ouro, a mirra com o encenso.

ELPINO.

O vento, que soprava enfurecido
Do frio Septentrião, em brandos sopros
Tornou os furacões, e respirava
Qual Zephyro na fresca primavera.

ALMENO.

Nas praias se não ouve o mar bramindo,
 Antes sem esperar que ou encha ou vase,
 Se mete o pescador na barca pobre,
 E para as naças vem saltando os peixes.

ELPINO.

As arvores agrestes de repente
 Se virão florescer, e em larga copia
 Derramar por entre a aspera cortiça
 O balsamo cheiroso, o mel mais puro.

ALMENO.

Pelo inverno as ribeiras já não trazem
 Nas turvas agoas fluctuante o gado;
 Mansas correm, deixando ver no fundo
 Seixinhos de mil cores, branca areia.

ELPINO.

Os escavados montes, os ciprestes,
 Os pequenos arbustos, os rochedos
 Com vozes de alegria publicarão:
 Veio o Messias, Deos, Deos he chegado;

ALMENO.

Deos he chegado, nos profundos valles
 Respondeo o Eco, a cuja voz erguidos
 Nelles resplandeceo o Sol brilhante,
 Quando doirava o cume dos oiteiros.

ELPINO.

O Jordão em si proprio não cabendo,
Em brilhantes escumas empolado,
De contente sahio de seus limites.

ALMENO.

O florido Carmelo novas flores
Mais cheirosas produz, e mais brilhantes,
E hum capella faz, com que se adorna.

ELPINO.

Lá nos profundos carcereos da Noite
Bramindo se encerrou o Dragão tero,
Inimigo immortal da humana gente.

ALMENO.

A Morte com cadeas de diamante
Ligada fica já; os mudos cantão,
Despedação os coxos as muletas.

ELPINO.

Presa com cem grilhões a feroz Guerra,
Da Ira, do Horror, da Morte rodeada,
Blastemou contra a Paz enturecida.

ALMENO.

Em lugar d'hum guerreiro, que nos olhos
O vivo ardor sintilla da crueldade,
Hum goardador se encontra de cordeiros.

ELPINO.

As brilhantes espadas de aço fino
Em retorcidas fouces se curvarão.

ALMENO.

As lanças sendo inúteis para a guerra,
Só servem para ferros dos arados.

ELPINO.

Oh dia alegre, dia venturoso!
Em meus cantos serás sempre louvado.

ALMENO.

A ti cantarei sempre brandos versos,
Sendo presente a ouvir-me a Arcadia toda.

ELPINO.

Nunca em ti sentirão os meus novilhos
Do comprido agulhão a fria ponta.

ALMENO.

A minha humilde flauta te dedico,
Inspira-lhe em cada anno hum novo canto.

ELPINO.

Nas puras aras do Menino santo
De leite offrecerei dois grandes tartos,
E da cresta primeira os doces favos.

ALMENO.

As cabras, as ovelhas, os cordeiros,
 O vaqueiro, o cajado, o çurrão pobre
 He do Pastor, que adoro hoje nascido.

ELPINO.

Mas, Almeno, na musica elevados
 Já no Menalo estamos sem sentillo;
 E o temperar das lyras dá indicio,
 Que os Pastores começão os seus cantos:
 Sentemo-nos aqui neste vallado,
 E suas doces vozes escutemos.

ALMENO.

Dizes bem, meu Elpino, mui depressa.
 Ao Menalo chegámos: que florido,
 Que aprazivel está! olha as cabanas
 Como estão enramadas! os vaqueiros
 Como balhão ao som das sanfoninas!
 Para esta banda hum rancho de pastores
 Me parece que canta: ai Elpino!
 Alí Mirtilo (1) está, acolá Tirsé,
 Coridão, Melibeu (2), Siveno, Alcino.
 Ouçamos os louvores deste dia
 Ao som das suavissimas avenas:

(1) D. Vicente de Sousa,

(2) Castano Innocencio.

VI.

Idyllio. Auliza.

Interlocutores : Elpino e Silvandro.

Este Idyllio e os seguintes achão-se escritos pelo Author na terceira Collecção, pela mesma ordem por que agora vão impressos; preferindo-se quasi sempre a sua lição, por ser a ultima, e mais correctã, que a das Collecções anteriores. Dizemos quasi sempre, porque nas poucas vezes que succedeo encontrar-se algum verso errado, não houve escrupulo de lhe substituir outro tirado de qualquer das primeiras Collecções. Os Idyllios antecedentes, ainda que pareça terem sido despresados pelo Poeta (exceptuando o primeiro, que se acha na terceira Collecção em diverso lugar) não parecerão contudo indignos da impressão.

Em quanto porem ao Idyllio VI. este he substancialmente o mesmo que a Ecloga do mesmo nome Auliza, em que fallão Ergasto, e Dameris, e principia: Junto das frescas margens do Mondego; a qual o Author recitou na Arcadia aos 30 de Setembro de 1757, e transcreveo na primeira Collecção. Primeira e segunda vez foi depois polida, e emendada nas outras duas

Collecções ; onde a differença que ha he só de palavras ; omittindo-se em ambas os lugares que se imprimem em Nota.

HUma tarde de Abril fresca e saudosa,
 Nas ribeiras do placido Mondego,
 A' sombra dos salgueiros dobradiços,
 Silvandro, e mais Elpino se sentarão,
 Em quanto as tenras hervas, que renascem,
 Roíão mansamente os seus rebanhos.
 Erão ambos do Tejo ; ambos chegados
 A aquelles ferteis campos com seu gado,
 Depois do triste miserando caso
 Que as Tagicas aldêas destruíra.
 Umbrano, que tambem ali se achava ;
 Huma sonóra cithara tangia,
 De cujo som Silvandro provocado,
 Desta sorte dizia ao triste Elpino :

SILVANDRO.

Agora que o calor do Sol se abrandá,
 E a doce viração do fresco vento
 Por entre os verdes ramos bafejando
 Com seus brandos susurros accompanha
 O surdo murmurar deste ribeiro ;
 Em quanto Umbrano toca a accorde lyra,
 Canta os sentido: versos, que escreveste
 Na morte desastrada, e duro caso
 Da Pastora gentil, que tanto amaste.

ELFINO.

Como queres, Silvandro, que hoje cante
Esses saudosos versos, que cortados
Deixei nos duros troncos por lembrança;
Se ao renovar a funebre memoria
Desse trance infeliz, hum frio gelo
Pelas veias me corre, sobre os olhos
Huma nuve confusa se me espalha,
Mudando o claro dia em noite escura;
A lingua se me prende na garganta,
E até se me congela a voz no peito?

SILVANDRO.

Deixa, amado Pastor, essas escusas:
E pois vês, que entre as flores se reclina
Da saborosa relva o gado farto;
Canta, que tudo ao canto te convida.
Olha como depressa se calarão
Os doces roxinões, e até o vento
Já por entre a floresta não respira:
Vê como corre o rio socegado,
Cuido que por ouvir tua harmonia
As cristallinas agoas vai detendo:
Ouve do nosso Umbrano a doce lyra,
E repara quão terna, quão suave
Ao saudoso canto te convida:
Canta agora, Pastor, assim teu gado
Nunca seja dos lobos offendido.

ELPINO.

Quem dá aos olhos meus lagrimas tristes!
Quem a meu coração tantos suspiros,
Que cheguem a igualar as ancias minhas!
Morta he Auliza; a luz destes meus olhos,
Honra desta ribeira, e de seus campos:
Auliza gentil, unica esperança
De minha amarga vida! Ai dura sorte!
Ai Estrellas crueis, Morte tiranna!
Porque antes contra mim vos não unistes?
Porque a cansada vida me deixastes?
Ai Elpino infeliz! a tua gloria
Mais ligeira voôu, que hum sonho leve.
Oh Morte desastrada, acerba, e fea!
Como, dize, tiranna nos roubaste
A mais formosa Ninta destas selvas?
Chorão a sua morte enternecidas
As indomaveis feras desses matos,
E até os mesmos montes insensiveis
Creio de tanto estrago se enternecem;
Pois nunca mais de relva se cobrirão,
Nem de cheirosas flores se esmaltarão.
Do rio as mansas agoas correm turvas,
E o Sol só d'entre as nuves apparece:
Indicios tudo dá de sentimento.
E tu, inexoravel, sem piedade
Da belleza maior, que vio o Tejo,
Quando tal golpe menos receava,
Da breve vida o fio lhe cortaste.

Não corta o segador a nova espiga
 Sem que o trigo lhe veja sazonado,
 Nem no fresco pomar cultor experto
 Verdes colhe do ramo os doces pomos:
 Tu só, cruel, á minha amada Auliza
 Em tenra flor a vida lhe cortaste.
 Agora me figura a fantasia,
 Auliza, vida minha, que te vejo
 Pallida a cor, de negro sangue tinto
 O bello rosto, a luz serena, e clara
 De teus olhos gentís amortecida,
 A boca desbotada, e as louras tranças
 Sem ordem e confusas, derribada
 Na ensanguentada terra, qual no monte
 Fica o candido lirio, que pisado
 De grosseiro pastor foi com a planta.
 Oh lembranças crueis, oh imagens tristes!
 Oh doces esperanças já perdidas!
 Como, se eu vos perdi, sou inda vivo!
 Quem me dissera, quando neste prado
 Te via andar colhendo as lindas flores,
 De Cinthia, e de Mirtale acompanhada,
 Que já tão perto estava o duro instante,
 No qual a cruel morte te levasse
 De ante os olhos meus, meus tristes olhos!
 Que prodigios não vio esta espessura
 Nesse terrível dia, em que teus olhos
 Em sempiterno sono se cerrarão!
 Depois do Sol nascer, nocturnas aves

Se virão o ar cruzar, enchendo os cápos (1)
 De tristeza, e de horror com seus accentos:
 A formosa roseira, que nas hortas
 De Nerina crecia tão viçosa,
 E onde para o trançado costumavas
 Nas serenas manhãs colher as rosas,
 Das lagrimas da Aurora borritadas,
 Se secou de repente: na floresta
 Em todo o triste dia o doce canto
 Se não ouviu soar de huma só ave;
 E só do solto vento entre os roncões
 Uivar de quando em quando se escutavão
 Os carniceiros lobos: as ovelhas
 Descontentes a relva não gostarão,
 E os valentes rafeiros nos apriscos
 Com incessantes lugubres latidos
 Encherão de terror os goardadores (2).

(1) *O Author escreveo:* Se virão cruzar o ar
&c.

(2) O velho e branco Tejo enternecido
 Deixou na fria lapa o verde leite,
 E depondo a coroa de espadanas,
 Rompendo com furor as subtis roupas,
 Com o continuo pranto de seus olhos
 As águas augmentou da perenne urna;
 De sorte que crescendo a mansa veia,
 Os semeados campos se inundarão,
 E muitos dos apriscos se perderão,
 As Tagides gentis desemparrando
 As telas de ouro fino, que lavravão,
 Os dourados cabellos, que sem ordem

Ai sorte desastrada , ai caso triste !
Por ti continuamente estou chamando
A dura morte com copioso pranto ,
Capaz de enternecer a dura Morte
Se nella se pudesse achar brandura.
Oh se acaso pudessem do destino
As dadas mudar a lei eterna !
Com que alegria e gosto , cara Auliza ,
Daria a minha choça , o meu rebanho ,
E se inda fosse pouco , a mesma vida
Só para que outra vez teus bellos olhos
Tornassem a gozar do Sol as luzes.
Tu eras destes campos a alegria ;
Se levavas ao rio as tuas adens ,
As agoas mais serenas se mostravão ,
As margens mais floridas parecião ;
Ouvia-se soar por toda a parte
Teu nome nas cantigas dos pastores.
Se ficavas na aldea , no terreiro ,
Na barra , luta , e baile se empregavão
Os pastores mais destros , e mais sabios.
Que pastora creou nossa ribeira ,
Por mais bella que fosse e mais gabada ,

F ii

Sobre os chorosos olhos lhe pendão ,
Obrigadas da dor e sentimento ,
Arrancarão furiosas sem piedade ;
E com seus tristes prantos e altos gritos
As mais altas montanhas abalarão.
Ai sorte &c. (*Collecção* 1.)

Que pudesse contigo comparar-se? (1)
 Se sahias ao baile com destreza
 Até os mesmos ventos suspendias:
 Se acaso ao doce canto a voz soltavas,
 Era tua cantiga mais suave
 Que o brando murmurar d'hum claro rio,
 Que de hum bronco rochedo se despenha.
 Não dá tanta belleza ao verde prado
 Entre a viçosa murta a branca rosa,
 A' branca rosa o cristallino orvalho,
 Que está o puro aljofar imitando;
 Nem a roixa papoula ao verde trigo,
 Quanta d'ayas, Pastora, á nossa aldeia (2).
 Todas estas ribeiras, bella Auliza,
 A tua falta enternecidas chorão,
 E saudosos da tua companhia
 O fresco rio, os alemos sombrios

(1) Quem teve dos serranos mais louvores?

Quem levou nos serões a primasia?

Se sahias &c. (*Collecção 2.*)

(2) Depois que nos deixaste, inutilmente

Consome o lavrador o duro arado,

Que em vez da proveitosa e loura espiga

Só de esteril avea o campo abunda,

Só nascem pelo monte e pelos valles

O aspero cardo, a rustica alcachofra.

Os largos campos, que abundantes davão

Aos nossos gados saboroso pasto,

Agora só se vem todos cobertos

De agudos toios, de intratavel mato:

Todas estas ribeiras, &c. (*Collecção 1.*)

Por ti continuamente estão bradando ;
 Auliza o bosque , Auliza o monte chama.
 Oh tres vezes , e mais funesto dia ,
 Dia de confusão , dia de espanto !
 Nunca por mais q̃ o Sol augmente os giros
 Te alegre de seus raios a luz pura ,
 Antes de trevas e de horror coberto ,
 Sempre aziago , sempre triste sejas :
 Que eu te fico , q̃ em quanto o nosso Tejo
 Buscar as crespas ondas do Oceano ,
 Sejas occasião de pranto e magoa
 A todos os pastores de seus campos.
 Oh Auliza infeliz ! Oh minha Auliza !
 Como nesta partida te esqueceste
 Daquella tão suave e pura chama ,
 Que em nossos corações ha tanto ardia ?
 Como , Ninfa , deixaste em tantas penas
 Ao teu Elpino ? Elpino , que algum dia
 Nunca da tua vista se apartava ?
 Mas oh ! qu' o puro amor , de q̃ teus olhos
 Tão innocentes mostras já me derão ,
 Ao triste coração está dizendo ,
 Que tu , se a lei suprema o consentira ,
 Desta vida sem mim não te apartaras.
 Ai amada Pastora ! já meus olhos
 Dos teus não hão de ver a luz formosa.
 Não hão de ver ! Oh Ceos ! e ainda vivo !
 Inda respiro , e inda os tristes campos ,
 Do turvo infeliz Tejo , onde outro tempo
 Tantas vezes a vi , posso estar vendo !

Não, não, outras campinas, outro rio;
 Outro gado, outras gentes, outra choça
 Buscarei, e talvez que na distancia,
 Se a vida não perder, perca a memoria.
 Campos do Tejo, campos venturosos
 Em quanto a linda Auliza em vós vivia,
 A Deos; a Deos, sombrios arvoredos,
 Outeiros graciosos, frescos valles:
 Nunca mais ouvireis ao vosso Elpino
 Nesta clara ribeira ao som da lyra
 Docemente cantar vossos louvores.
 A Deos, ficai sem mim eternamente,
 Que eu me ausento a morrer em terra estra-
 Mas a q̄ parte os desgraçados passos (nha.
 Afflicto moverei, onde não veja
 A triste imagem do fatal desastre?
 O cervo, que no lado leva a seta,
 Por mais q̄ a setta corra, ou corra á fonte,
 Ou o dictamo encontre na floresta,
 Nunca pôde abrandar a dor que sente.
 Pastores, pegureiros destes campos,
 E vós Ninfas gentis do claro Tejo,
 Se algum dia de Auliza á companhia
 Agradavel vos foi, nesta campina
 Debaixo de altos teixos, e ciprestes
 Hum tumulto lhe erguei, e delle em torno
 Plantai, Ninfas, plantai mimosas flores,
 Amaranthos, hyacinthos, e violas,
 E na pedra, que o cúbra, por memoria
 Gravai, Pastores, com a fouce dura:

„ Auliza, a mais formosa goardadora,
 „ Que o rico Tejo vio, e nos seus campos
 „ Hum formoso rebanho apascentava,
 „ Antes de tempo moria, aqui se esconde.
 E tu espirito puro, alma innocente,
 Que qual candida pomba ao Ceo voaste,
 Se nos felices campos onde assistes
 Deste campo a lembrança não perdeste,
 Não a perças tambem do teu Elpino:
 Até que da prisão em que se encerra
 O espirito cansado, livre võe
 A gozar tua alegre companhia.

SILVANDRO.

Com que graça, Pastor, com que ternura
 O tristissimo verso modulaste!
 Com tanta suavidade se não queixa
 De seu fiel parceiro a rola ausente.
 Olha como os salgueiros se curvárão
 Para ouvir teus accentos magoados;
 E como Eco gostosa de teu canto,
 Da outra parte do rio inda repete
 O extremo som de tuas ternas queixas.
 Ah suave Pastor! se não te he grave,
 Solta outra vez a voz ao doce canto,
 Que as Ninfas do Mondego levantando
 As limosas cabeças fóra d'agoa,
 Suspensas vejo estar para te ouvirem;
 E os Faunos d'entre os ramos do arvoredo
 Co' as agudas orelhas applicadas,

Estão por tua musica esperando!

ELPINO.

Não, gracioso Silvandro, não me obrigues
A que outra vez repita o triste canto,
Assás meus tristes olhos tem chorado.
Bem vês que o Sol detrás dos altos montes
Tem já seus claros raios escondido,
E que da fria relva o gado farto
Pelos quietos curraes está bradando:
Tratemos de levallo para os bardos;
E se a violenta dor que me attribula
Permittir á minha alma algum repouso,
Tu me ouvirás cantar tão docemente,
E em estilo tão novo, que eu te fico,
Que no Téjo, Mondego, Minho e Douro
Seja sempre o meu nome celebrado.

VII.

Treseca. Idyllio Piscatorio.

AMIGLAS.

Recitado na Arcadia aos 26 de Agosto de 1757. As variantes que se imprimem foram conservadas pelo Author na terceira Collecção; porem os versos acrescentados em Nota são tirados das duas primeiras. O Author da Collecção das Obras Poeticas dos melhores Authores, impressa no Porto em 1789, imprimio este Idyllio no Tom. 1. pag. 257: mas alem de seguir a lição da Collecção primeira, servio-se d'alguma copia manifestamente incorrecta e viciada:

DO mais alto do Ceo vinha descendo
Com profundo silencio a noite escura
No horizonte altas nuves envolvendo:

Zunia pelos ramos da espessura
Do vento o rijo sopro, o mar bramia
Em vão batendo n'huma rocha dura.

De hum denso nevoeiro se cobria
A lua, e fusilar de quando em quando

O lume dos relampagos se via.

Das tristes aves o nocturno bando
 Estava pelas selvas a tristeza
 Com guinchos alternados augmentando :

Quando sahe de huma barca a hum tronco
 Amiclas pescador , que seu cuidado . (presa
 Mais q̄ o descanso, mais q̄ a vida preza : (1)

E subindo hum penhasco alcantilado ,
 Que sobre o largo rio está pendente ,
 Depois de hum breve espaço estar calado ;

Arrancando d'alma hum suspiro ardente
 Começou de Tresea a lamentar-se ,
 Como se ella estivera ali presente.

AMICLAS.

Ah Tresea cruel ! onde encontrar-se
 Poderá creatura mais tiranna ,
 Mais fera do q̄ tu ? onde ha de achar-se ? (2)

Não hes nascida , não de gente humana ;
 Antes por mái tiveste alguma fera

(1) Amiclas pescador tão namorado ,
 Que hum brando riso mais que a vida preza.

(2) Poderá creatura tão tiranna ,
 Tão fera como tu ? &c.

Das que cria em seu seio a selva Hircana,

Hes mais dura que as penhas, hes mais fera

Que os lobos desse mato, e mais furiosa

Que as ondas deste mar quando se altera.

Que monta, que em fazer-te tão formosa

Se esmerasse benigna a natureza,

Se te deo condição tão rigorosa?

O dia de bonança na belleza

Vences, Ninfa cruel, mas na impiedade

Do bravo pego excedes a braveza.

Tu ouves meus suspiros sem piedade,

Mais surda do que o mar embravecido,

Do que o vento na horrenda tempestade.

Por teus olhos gentís ando perdido,

As rêdes deixo, deixo a pescaria,

Do que me importa mais mais esquecido:

E tu deixas Amiclas, que algum dia,

Se credito mereces, aleivosa,

Era só teu prazer, tua alegria.

Quem, Tresea, te fez tão rigorosa?

Quem tua liberdade, ingrata, prende?

Que te impede comigo ser piedosa?

Dize , amada Pastora , em que te offende
Meu amor , mais constante q̃ os rochedos,
Que debalde abalar o mar pertende ?

Os teus olhos gentís não vi já ledos
De meus males moverem-se piedosos ?
Ah se fallassem , Ninfa , estes penedos !

Quantas vezes os ventos revoltosos
Ouvindo teus suspiros se amansárão ,
E os nomes que me davas tão mimosos !

Quantas vezes as aves se calárão
Sómente por ouvir nossos amores !
E que doces ternuras que escutárão !

Quantas vezes do prado as varias flores
No candido regaço me trazias ,
Doce premio de meus doces amores !

Tu mesma com as conchas , que colhias
Por entre a ruiva arêa , não formavas
Capellas com que a fronte me cingias ?

E que vezes na praia me ajudavas
As redes a puxar cheas de peixes ,
Que logo em lentos juncos enfiavas ?

E pôde ser que assim hoje me deixes !
Com que causa , infiel , com que motivo ?

Que razão tens porque de mim te queixes?

Não sou eu como d'antes teu cativo?
 Não sou o mesmo, a quemterna juraste
 De amar sêpre constante ou morto, ou vivo?

Aqui mesmo, aqui mesmo m'o affirmaste,
 E por sinal de nunca ser alhea,
 Minha mão com a tua me apertaste.

Disseste: Quando vires, que Tresea
 Muda, querido Amiclas, de desejo,
 Verás tornar atrás do Tejo a vea.

Inda atrás não volveo o claro Tejo,
 Inda não busca as serras d'onde mana,
 E a constante Tresea sem té vejo.

Ah Pastora cruel, ah deshumana!
 Assim goardas a fé, que prometteste?
 Assim hum puro, e firme amor se engana?

E como tão depressa te esqueceste
 Deste teu pescador, d'aquelle extremo
 Com que algum dia, ingrata, lhe quizeste?

Ah Tresea, Tresea! e quanto temo
 Castigue Amor cruel tantos enganos!
 Oh que só em cuidallo, por ti tremo! (1)

(1) Talvez então verás em os teus dânos

Então talvez verás, em os teus danos
Que Amor, em q̃ tiranno, de ira armado,
Tambem costuma castigar tirannos. (1)

Se o cabello dos ventos erriçado,
As mãos das ondas crespas, e engelhadadas,
E se o rosto do Sol tenho queimado;

Se por isso de mim te desagradadas,
Não fui eu sêpre assim quando me amaste?

O mal que fazes, quando assim te esqueces
D'hum puro amor, amor de tantos annos.

Porque delicto, Ninfa, me aborreces?
Porque te amo? ah não cri que a meu cuidado
Tão feio galardão inda me desses!

Se o cabello &c. (*Collecção 1. e 2.*)

(1) Variante:

Que Amor como tiranno, de ira armado,
Tem por offensa haver outros tirannos.

*Em que tiranno vale o mesmo que Posto que
tiranno*

Eu vivia de lagrimas izento
N'hum engano tão doce, e deleitoso,
Que em que outro amante fosse mais ditoso,
Não valião mil glorias hum tormento.

Cam. Son. 7. (*da terceira parte das Ri-
mas, impressa em 1668.*)

O Poeta podia dizer *Bem que tiranno*, mas
o *Em que* parece ser mais chegado ao estilo
que segue.

De mim não ves mil Ninfas namoradas?

Férusa, que tu mesma me gabaste,
E as tranças tem da cor do fino ouro,
Não me busca depois que me deixaste?

Capellas não me traz de murta e louro?
Não me pede que cante, e me assegura
Que estima mais meus versos, q̃ hũ tesouro?

E eu por goarda á fé constante e pura,
Que huma vez te jurei, as suas prendas
Não despreso com tanta formosura? (1)

(1) Não, amada Tresea, não me offendas,
Que offendes ao Amor, e de offendello
Pode ser que algum dia te arrependas.

Não queiras por contrario, oh Ninfa, tello,
Que se chega contigo a estar irado,
Não poderá teu pranto enternecello.

Se ando de anzoos e naças rodeado,
Tambem foi Glauco pescador, e agora
Entré os Deoses do mar he venerado.

Venus, que das delicias he senhora,
Tambem teve no mar o nascimento,
Mas nos Ceos entre os astros hoje mora.

Tu mesma, que inda mais veloz que o vento
Foges de ouvir-me, dize: não gostavas
De ver brilhando o mar em movimento?

E nas manhãs &c. (*Collecção 1, e 2.*)

Não, amada Tresea, não me offendas,
 Pois de rigor tão fero, e desusado
 Talvez que em vão hum dia te arrependas.

Se ando de anzões e naças rodeado?
 Tambem foi pescador Glauco, e agora
 He do mar entre os Numes venerado.

Ah torna, bella Ninfa, a quem te adora,
 A quem por ti perdeo o siso e o tento,
 E da barca e de mim serás senhora.

Temes talvez o mar, e o solto vento?
 Mas tu não hes a mesma, que gostavas
 De o ver hũ tempo em cresco movimento?

E nas manhãs serenas não buscavas,
 Quando mal bafejava o vento manso,
 A minha barca, e nella te embarcavas?

As redes não lançavas no remanso
 Deste pego, e depois voltando á terra
 Contentes não tiravamos o lanço?

Pois quem desta ribeira te desterra?
 Que te aparta de mim? meu pobre estado?
 Oh quanto nisso a tua ambição erra!

Amor, Tresea, Amor mais estimado
 Deve ser do que todas as riquezas,

Que a terra occulta em si, e o mar salgado.

Lamon, a quem talvez tu hoje prezas,
He mais rico do q̄ eu? tem mais amanhã?
Assim cuido que o crês, pois me despresas.

Mas não vês, q̄ se he dono de hum rebanho,
Eu o sou de huma barca, e das melhores
Redes com q̄ em cardume o peixe apanho?

Se elle vence na luta os mais pastores,
Eu excedo nadando a ligeireza
Dos delfins mais velozes nadadores?

Se a frauta e lyra tange com destreza,
E se suspende os passaros cantando,
Quem de cantar melhor q̄ eu se preza? (1)

Tom. II.

G

(1) Digão-o os peixes deste pego brando,
Que se alguma vez solto a voz ao vento,
Por me ouvir fora d'agoa andão pulando.

Não são só as florestas aposento
Das Musas, tambem cá no mar salgado
Se toca com doçura hum instrumento.

Coridão, que no monte he tão gabado,
Os meus versos lèu já, e se não mente,
Mil vezes os meus versos tem louvado.

Quem mais destro em catar? quem mais sciêta?

O peixe o diga deste pego brando ,
 Pois se canto de ti enternecido ,
 Por me ouvir , lóra d'agoa anda pulando.

Muitas vezes cantar me tem ouvido
 Os Pastores do Menalo affamados ,
 E entre elles o meu nome he conhecido.

Deixa, Tresea, os bosques, deixa os prados,
 Volve a ver estas ondas e esta praia,
 Que está por ti chamando em altos brados.

A linha aqui á sombra de huma faia
 Na sesta deitarás , e em quanto dura ,
 No anzol esperarás que o peixe caia.

Aqui ao som do Tejo , que murmura ,
 Me ouvirás descantar a toda a hora
 O meu amor e a tua formosura.

Quem das sagradas Musas mais querido ?
 Quem de hera se croou mais dignamente?

O juizo d'hum Pastor são entendido
 Val mais que d'outros muitos os louvores ;
 Porem se não te apraz , do que duvido ,

Venhão , venhão , Tresea , estes Pastores ,
 Cantem comigo , irão desenganados
 Da vantagem que tem os Pescadores.

Deixa &c. (Collecção 1. e 2.)

Torna , torna , cruel , a quem te adora ,
Agora que o mar dorme socegado ,
E os montes vem dourando a roixa Aurora.

Hum ramoso coral tenho goardado ,
Eu nadando o ganhei , e a teu respeito
Por elle ricos dons hei despresado.

As curvas barcas vão com vento feito
Em branca escuma as ondas dividindo ,
E cantando o arrais ao mar affeito ;

Com seus raios a Aurora o mar ferindo ,
Faz que as agoas pareçam prateadas ,
Que com surdo rumor se estão bulindo.

As praias de conchinhas esmaltradas
Com a tremula luz estão brilhando ,
Que sahe de entre as nuvens matizadas ;

Pelos ramos os passaros saltando ,
Festejão com suavissima harmonia
A luz , que no horizonte vem raiando ;

Nunca amanhecer vi tão ledo dia :
Deixa , Tresea , os gados e a espessura ,
Vem comigo gostar tanta alegria. (1)

G ii

(1) Desta praia lograr vem a frescura ,

Desta praia a gozar vem a frescura,
Em quanto da Aurora o humido rocio
Destas rochas nos verdes musgos dura.

Deixa o bosque, e terás o senhorio
De minha barca e rede, e quanto occulta
Em seu dourado centro o claro rio.

Sáe, oh Pastora, sáe da mata inculta,
Repara que costuma entre a verdura
A cobra venenosa a estar occulta.

Ah desgraçado Amiclas! que loucura

Antes que nella o Sol seus raios deite,
E se murchem as flores e a verdura.

Dá acaso huma fonte mais deleite,
Que o ver deste rochedo levantado
Na fresca madrugada o mar de leite?

He mais rico e vistoso o verde prado,
Bem que todo coberto de boninas,
Que o mar de brancas perolas ornado?

São do campo mais bellas as cravinas
Que o verde musgo e conchas destas grutas,
Salpicadas de gotas cristallinas?

Os murtinhos, medronhos e outras frutas
Sabem melhor que o congro, que o safio,
Que os curvos camarões, que as frescas trutas?

Deixa &c. (*Collecção 1. e 2.*)

Te priva da razão , tanto te enlêa ,
Que o tempo perdes , perdes a ventura !

O vento á popa está , a maré chea ,
Alicuto , e Lycotas esperando ,
E tu inda não deixas a Tresea !

Vê que a cruel de ti anda zombando :
Vamos deitar as redes no alto pego ,
Que o trabalho ao amor irá gastando ,
E a cobrar volverás o teu socego.

VIII.

Idyllio. Ergasto , Anfrizo.

*As Estancias accrescentadas em Nota
forão tiradas das duas primeiras Collecções.*

ANFRIZO.

OH quanto folgo, Ergasto, de encontrar-
Pois saudoso da tua companhia ,
Toda a selva corri para topar-te :
Debaixo desta faia , em quanto o dia
De todo não se esconde , nos sentemos ,
E hum pouco , doce amigo , descancemos.

ERGASTO.

Por dar-te , Anfrizo , gosto já me sento ;
E tu , Selvagio , em tanto , ajunta o gado ,

As cabras conta bem , vê que são cento ;
E com ellas me espera no silvado .
Olha não se desmandem os cabritos ,
Que eu dos lobos ouvi ao longe os gritos .

ANFRIZO .

Oh como , Ergasto , a fresca primavera
Derrama pelos campos a alegria !
Como dourando os montes , reverbera
Mais pura a luz do Sol na fonte fria !
Como tecendo os delicados ninhos ,
Voão cantando os leves passarinhos !

Que leda vista as verdes sementeiras ,
De papoulas cobertas , não offrecem !
E com que graça as ferteis oliveiras
De miudas florinhas se guarnecem !
Como se cobre o monte de tomilhos ,
De brancas campainhas , de junquilhaos !

Olha tu como vem essas boninas
Gretando a terra , tapizando o prado
Das cores mais graciosas e mais finas !
Como nedio , e contente o manso gado ,
Das frescas hervas farto , brinca , e salta
Por entre a relva , que a campina esmalta !

Os ledos roixinões pelo arvoreda
Revezam entre si sua cantiga ,
Rompendo com seus quebros o segredo

Da escura noite , do silencio amiga :
 Nem inda quando nasce o Sol brilhante
 Tregoa dá ao suavissimo descante. (1)

Toda a terra se alegra , o trigo verde
 Vai pelos longos regos espigando ;
 O rio pouco a pouco as agoas perde ,
 E a branca areia em partes vai mostrando ,
 Que de lisas pedrinhas salpicada ,
 Se a fere o Sol , parece prateada.

De fresca madresilva as grossas tranças
 As pastoras ennastrão , e os pastores :
 Com ellas formão huns ligeiras danças ,
 Outros juncando o chão de hervas e flores ,
 E de sombras cobrindo o fresco rio ,
 Cantão sonoramente a desafio.

Porem tu sem gostar tanta alegria ,
 O rebanho conduzes só ao pasto ;
 Foges como a serpente a companhia :
 Ah ! que tristeza he esta , caro Ergasto ?
 Porque de nós te apartas , e não cantas
 Os doces versos , com que o fato encantas ?

(1) Tão brandamente o Tejo ao mar caminha ,
 Que os olhos não distinguem bem ao vella ,
 A que parte a corrente se encaminha :
 E o lasso pescador largando a vela
 A' fresca viração do vento brando ,
 Docemente na barca vai cantando.

ERGASTO.

Tudo comsigo leva, Anfrizo, a idade:
 A mim me lembra, quando no meu rosto
 Brillava a tenra flor da mocidade,
 De cantando passar cheo de gosto
 Da garrida Rosalba as tiránnias
 Do inverno as noites, do verão os dias.

Tão mudado porem hoje me vejo,
 Que rouca a voz, o espirito cansado
 Sinto, e se alguma vez cantar desejo,
 O canto sò a tão desafinado, (ráo,
 Que os pastores, que algum dia me ouvi-
 Crem que os lobos primeiro a mim me virão.

ANFRIZO.

Oh deixa, Pastor, deixa vás escusas,
 Com que o tempo debalde vás gastando:
 O louro Febo te ama, amão-te as Musas,
 Sereno o rio está, o vento brando;
 Sólta a graciosa voz, os ares fira
 Da déstra mão tocada a branda lyra.

Daquelle Arcade canta a triste historia,
 Que eu já te ouvi cantar, quando Lupino
 Com Silvana casou, e se a memoria
 Me não mente, o pastor se chama Elpino:
 Se fizeres, Pastor, o que te peço,
 Hum tanto te darei de grande preço.

De huma banda, por mãos d'Alceu lavrado,
 Hum mancebo pastor nelle se admira,
 Que de brancas ovelhas rodeado
 Attento toca a marchetada lyra:
 Que se movem dirás ás suas vozes
 As arvores e feras mais ferozes.

Hum menino da outra diligente
 De molles juncos rece huma esparrella,
 E em quanto em enredar manhosamente
 Huns com outros se emprega, e se desvela,
 Do malhado çurrão o seu rafeiro
 Lhe furta os brancos queijos sorrateiro.

Eu o ganhei lutando no terreiro
 A Serralvo, pastor do claro Lima,
 Que por ser nestes campos estrangeiro,
 Por grande lutador de alguns se estima;
 Inda nelle não puz, Pastor, a boca,
 Teu, Ergasto, ha de ser: a lyra toca.

ERGASTO.

Oh Ninfas do alto Pindo! Que florestas,
 Que amenos prados, que viçosos montes
 Vos detiverão! que suaves festas!
 Quando Elpino, seus olhos feitos fontes,
 Do Menalo nas fraldas suspirando,
 Se estava aos altos Ceos de Amor queixádo?

Estava o Pastor triste allí deitado

Debaixo de hum cipreste ; á roda delle
 Andava sem pastar todo o seu gado ,
 A que os ossos cobria mal a pele ;
 E com triste balido acompanhava
 Os ais , que seu pastor d'alma arrancava.

Vierão das frescas veigas os vaqueiros ,
 Os cabreiros dos montes levantados ;
 Vierão da ardente ceifa os Seareiros ,
 De espigas e papoulas coroados ;
 Veio tambem da Arcadia o goarda Albano,
 O doce Tirse , o bom pastor Silvano.

Que he isto ? lhe dizião , que loucura
 Tomou posse de ti ? que fero encanto
 O prazer te mudou em amargura ?
 Não sabes tu, que nunca Amor de pranto ,
 Nem de lentos salgueiros as ovelhas ,
 Nem de flores se fartão as abelhas ?

A nada destas cousas respondia
 O Pastor triste , e só de quando em quando
 Estas piedosas vozes repetia ,
 Da terra os turvos olhos levantando :
 Oh pastores da Arcadia ! lá na aldea
 Direis , que Elpino morre por Tresea.

Aqui calado esteve hum curto espaço ,
 E depois a queixar-se assim começa ,
 Cahir deixando sobre o esquerdo braço

Entre ardentes suspiros a cabeça:
 Ai, formosa Tresea, e quem diria
 Que o amor de teu peito fugiria?

Já te não lembra, Ninfa, o doce tempo,
 Em que por mim deixavas das pastoras
 Nas noites de serão o passatempo?
 Que a fallar-me sahias fóra de horas?
 E que vezes na pratica elevada
 Sem sentilla te achou a madrugada!

Essa roca, em que a lá andas fiando,
 Eu proprio não t'a dei, dize, tiranna?
 E por sinal que nella trabalhando,
 Hum dedo me cortou a verde cana;
 E tu para me atar o golpe, afflicta
 Desataste das tranças esta fita.

Quantas vezes por ti deixei o gado
 Pastar a seu prazer pelos outeiros!
 E ao recolhello, achei despedaçado
 Pelos famintos lobos carniceiros (1)
 O branco cabritinho, que creava
 Para guia das cabras que goardava.

Pois como estes extremos já te esquecem,
 Que tanta ingratição comigo obras!
 Ah tiranna! e que pouco se parecem

(1) Var. Dos montarazes lobos carniceiros.

Com as tuas palavras tuas obras!
 Ai que hoje só conheço me enganavas,
 Quando que eras só minha me juravas. (1)

Mais ligeira que o gamo, quando sente
 Dos lebréos voadores os latidos,
 Que o rio a buscar corre em continente,
 Foges ao triste som de meus gemidos:
 Ah de quem foges vê, gentil Pastora,
 Não he lobo roaz, he quem te adora. (2)

Eu me abraso, Serranos, eu me abraso!

(1) Oh Pastora cruel, como não temes
 Que dê o fero Amor justo castigo
 A tanta ingratição? como não tremes
 De o teres contra ti por inimigo?
 Ah teme, Ninfa, teme o Deos frecheiro,
 Que he mais cruel que o lobo carniceiro.

Tu não conheces bem a Amor tiranno:
 Oh que este monstro duro e desabrido,
 Que não se satisfaz de sangue humano,
 De alguma dura rocha foi nascido;
 Ou na aspera região da Libia ardente
 Aos peitos se creou d'humã serpente.

(Coll. 1. e 2.)

(2) Se apascento na Arcadia huma manada,
 Tu pastora não hes? e pelo monte,
 Apollo não goardou huma vaccada?
 Não o ouvio suspirar d'Anfrizo a fonte?
 Não se diz da gentil Mãi dos Amores,
 Que morrera de amor por dois pastores?

(Coll. 1.)

Qual de vós por piedade me soccorre ?
 E não tens dó de ver no extremo caso ,
 Tiranna , a quem por ti de amores morre ?
 Ah Tresea cruel ! ah fementida !
 Perca , pois te perdi , tambem a vida.

Oh esfaimados lobos , feras brutas ,
 Que habitais nas ingremes montanhas ;
 Sahi , sahi das escabrosas grutas ,
 Despedaçai as misetas entranhas ,
 O triste coração , que a toda a hora
 De amor o vivo fogo me devora.

E vós da Arcadia destros Pegureiros ,
 Se acaso a dor vos toca de meus males ,
 Estes tristes accents derradeiros
 Que repito , cantai em vossos valles :
 Elpino de amor morre , Amor o mata ,
 Treséa a causa dá , Treséa ingrata.

Eis que allí apparece o bom Siveno ,
 Do comprido caminho inda affrontado ,
 Oh Elpino , lhe diz , torna sereno
 O triste rosto , deixa o vão cuidado :
 A Ninta a que sem causa chamas fera ,
 Inda tua será como antes era.

Eu a vi suspirar por ti saudosa ,
 Mostrando compaixão de ouvir teu dâno :
 Outra vez de Carina a luz formosa

110 IDYLLIOS.

Não chegue a ver, se cuidas q̃ te engano:
Eu a vi de amor chea e de desgosto,
Por ti banhar de pranto o gentil rosto.

Por tua causa tem muitos pastores
D'aquelles largos campos despresado;
Muitos, Elpino, a buscão dos melhores,
Abundantes de lavras e de gado,
O forte Alcimedonte, o bom Lorino,
O Sabio Egon, o rustico Ferino.

O rustico Ferino, que se preza
De ser das doces Musas soccorrido,
E que o canto dos Arcades despreza
Em seus pascigos d'antes nunca ouvido?
Porem se alguma vez a voz levanta,
Qual entre os roixinoes o mocho, canta.

Isto, porem em vão, por consolallo
O extremoso Siveno lhe contava;
Porque quem pertendia alliviallo
Ao vento as frescas flores espalhava;
Que o Pastor, que a seu mal só attendia
Nas queixas desta sorte proseguia: (1)

(1) Eu toco a lira, eu no cantar sou pronto,
Nunca me falta a fructa no cerrado.
Minhas cabras são tantas que as não conto,
Porque de pobres he contar o gado:
Pois se eu não canto mal, tenho riquezas,
Se te amo, porque causa me despresa?
(Coll. 1. e 2.)

Porque foges de mim tão apressada,
 E de meus males, oh cruel, te alegras?
 Porque do Sol a cor tenho tostada?
 Olha tu as violas; não são negras?
 Pois primeiro que os lírios, e outras flores
 São colhidas das Ninfas, e pastores.

Tu muito bem conheces a Lisa,
 A pastora gentil dos olhos pretos,
 A que dançou melhor na tua aldeia:
 Pois esta me affirmou com mil affectos,
 Que o namorado Antigenes desbanco,
 Posto que eu fusco seja, e elle branco.

Tu não eras a mesma, que affirmavas,
 Que eu era o pastor só de teu agrado?
 E entre trespassos mil não me juravas:
 A' mingoa me pereça todo o gado, (ros
 Caro Elpino, se eu mais q' os meus rafei-
 Te não amo, e mais que os meus cordeiros?

Ah Pastora infiel, gentil Pastora!
 Quem te pôde fazer minha inimiga?
 Quem de mim te mudou, e a quem te adora
 Mais aspera tornou que aspera ortiga?
 Ver-me queres sem vida? isto desejas?
 Sim, eu farei que morto hoje me vejas.

Lá d'aquelle rochedo alcantilado,
 Donde hum tero pegão de solto vento

Derribou outro dia o meu bragado,
 Darei fim com a vida a meu tormento.
 A despenhar-me vou: a Deos Pastores,
 Cantai em vossos jogos meus amores.

A Deos montes de Arcadia, a Deos florestas,
 Nunca jámais de vossos verdes louros,
 Em sinal de prazer, nas rudes festas
 Croarei minhas cabras, e meus touros:
 Nunca mais me ouvirão vossos rochedos
 Cantar de hũ puro amor puros segredos. (1)

Desta sorte o Pastor se lamentava,
 Movendo a compaixão as duras penhas:
 Dizem que o duro monte, que o escutava,
 E as feras mais crueis deixando as brenhas,
 Das lastimosas queixas condoidos,
 Chorarão o seu mal enternecidos.

ANFRIZO.

Não he tão agradável ás abelhas
 O fresco orvalho nas pintadas flores,
 Nem o codeço ás simplicies ovelhas,

(1) Toma, meu Coridão, toma esta lyra,
 Tu a lança no Alfeu, ou despedaça;
 Seria sem igual, se o consentira
 Fortuna dos seus bens comigo escassa:
 Porem já que ella irada o não consente,
 Não seja ouvida mais da alegre gente.
 (Coll. 1.)

Como o canto a mim foi desses amores :
 Por volver a gostar sua armonia ,
 Se meu o gado fosse , r'po daria.

Mas já que a noite escura está chegada,
 Toma , Pastor , o tarro , toma , e vamos
 Onde Selvagio espera com a manada ;
 Anda por este valle , que atalhamos
 A fragosa subida desse outeiro.
 Oh como sopra o vento lisonjeiro !

IX. Idyllio

Cymothéa. Idyllio piscatório.

JOLAS.

*Recitado na Arcadia aos 30 de Junho
 de 1758.*

Numa longa enseada, que o remanso
 Do claro Tejo fórma , ha huma gruta,
 Do lasso pescador certo descanso.

(bruta
 Cobrem de hum lado e de outro a penha
 Curvos anzões das linhas pendurados,
 E a negra rede ainda mal enxuta ;

Cestos de lentos vimes fabricados,
 Fiskas, canas, arpões, camaroeiros

Tom. II.

H

Sem ordem pela lapa estão deitados.

Aqui , em quanto os outros companheiros
Os verdes lagostins inda saltando
Cozem na sésta em torno dos braseiros ,

Jolas ás rotas naças entralhando ,
Ao som que o claro Tejo alí fazia ,
Por entre os lisos seixos escumando ,

Soltando a doce voz , que suspendia
Na furia da tormenta o pego inchado ,
Com o rio fallando , assim dizia :

JOLAS.

Oh agoas deste rio socegado ;
Dizei se acaso vistes Cymothea ,
Cymothea occasião de meu cuidado.

Ha seis dias que andou da solta area
Comigo os crespos buzios apanhando ,
De que o mar esta praia toda arrea.

Jurou-me : que em o claro Sol tornando
A ferir vossas ondas , tornaria
A ouvir de meu amor o rogo brando ;

Inda bem não brilhava o novo dia ,
Já eu na praia alegre a esperava ;
Mas não veio a cruel : quem tal diria !

Cuidei que lisamente me fallava,
 Oh que faceis em crer são os amantes!
 E a ingrata sem piedade me enganava.

Nunca o furor dos ventos sibilantes,
 Que cahindo no pego socegado,
 Em serras torna as ondas inconstantes,

Tanto nojo me deo, tanto cuidado,
 Quando na leve barca entregue ao vento
 Ao mar lançavã as redes descuidado;

Quanto este rigoroso apartamento,
 Que apòs si o prazer me vai levando,
 E oxalã me levãra o triste alento!

Cymothea a toda a hora estou bradando,
 E Cymothea o Eco só responde,
 Que me está d'entre as penhas escutando.

Ah bella pescadora! onde estas? onde
 O tempo gastas? quem a luz serena
 De teus olhos gentis de meus esconde?

Jã te esquece do Tejo a praia amena,
 Em que as séstas passãvas tão gostosa,
 Do teu Jolas ouvindo a doce pena?

Jã te esquece essa tarde deleitosa,
 Em que as flores me deste do trançado,

Meia risonha , meia vergonhosa ?

Por sinal Alicuto , que deitado

Por ver-nos entre as redes espreitava ,

Cheo de ira as rompeo desesperado

Como Jolas então ninguem cantava ,

Jolas em tua boca tão graciosa

Então a todo o instante se escutava.

Ah deixa , deixa a ausencia rigorosa ,

Torna ao teu pescador , que inda te ama ,

Oh Ninta tão cruel , quanto formosa.

Olha , q̃ o mesmo Amor te espera e chama ,

O mesmo Amor que siguo , e com mil zelos

Me abrasa o coração em viva chama.

Esses teus olhos para mim mais bellos

Que a praia de vieiras esmaltada ,

Deixa-me , antes q̃ morra , hũa vez vellos.

Nunca com mais ancia suspirada

Foi por mim na importuna calmaria

A viração , que a véla faz copada ;

Comó esse venturoso e ledó dia ,

Em que veja outra vez teu lindo rosto :

Se hoje fosse , de gosto morreria ,

A teus olhos azues tenho composto
 Mil versos , que me tem amor dictado ;
 Vem , se queres de ouvillos ter o gosto.

Outro dia cortava descuidado
 Com o surdo remo as agoas socegadas ,
 Quando me vi dos ventos salteado poggel

Creçerão pouco e pouco as empoladas
 Vagas , o Ceo se foi todo cerrando
 Com densas nuvens de agoa cartegadas ;

Eu de viver então desconfiando ,
 Quiz imitar o Cisne , e em triste accento
 Huns destes brandos versos fui cantando :

Mas apenas soou (vê que portento !)
 Teu nome no meu canto , logo plano
 O bravo mar ficou , quieto o vento.

Oh minha Cymothea ! se eu te engano ,
 Sepulte-me em seu centro o mar furioso ,
 Antes de ver teu rosto soberano.

Os delfins , para ouvir-me , o fundo algozo
 Desemparáo , tu tapas os ouvidos ,
 Qual aspide cruel , e venenoso.

Quantos saudosos ais , quantos gemidos
 Tenho por ti ao vento derramado !

Ah que todos, ingrata, são perdidos!

Ando da vida já tão enfadado,
Que o saveiro deixei desde antes de ontem
Em cima de humas pedras encalhado.

Logo que o Sol assoma no horizonte,
Por ver se te descubro, oh Cymothea,
Subo ao escaldado visor desse monte:

Para a parte onde fica a tua aldeia
Os longos olhos mando, e nada vejo
Mais do que branquejar ao longe a areia.

Dalí me desço triste, e busco o Tejo,
Mas inda bem não toco a praia, quando
Volvo a subir forçado do desejo.

Desta arte as largas horas vou passando,
Cercado de esperanças e temores,
E tu talvez de mim estás zombando.

Se te enfadas de ouvir os meus clamores,
Não deixes, não, por isso a fresca praia,
Que eu mais não fallarei em meus amores.

Olha como sereno aqui se espraia
O claro rio, como levemente
Borrifa os leves ramos desta faia,

O Zefiro soprando mansamente
 A calma abranda; os peixes prateados
 Andão saltando fóra da corrente:

De pardo os brancos buzios salpicados,
 E as conchas, que a cor tem do arco celeste,
 Estão por estas grutas alastrados:

Lugar mais bello, mais ameno que este
 Os meus olhos não virão, inda quando
 A fresca primavera os campos veste:

A hum suave repouso provocando
 Tudo está, té as carregadas brenhas
 Te estão com fresca sombra convidando:

Vem, oh Ninfa gentil, não te detenhas,
 Torna a ver como as ondas espraçadas
 Em escuma se soltão nestas penhas.

Vem, e verás no pègo retratadas
 As estrellas de noite, e lá na tarde
 As brancas nuvens de ouro perfiladas:

E em quanto pela sésta a areia arde,
 Eu cantarei á sombra de hum rochedo,
 Que dos raios do Sol tambem te goarde.

Pescando mexilhões entre hum penedo,

Outro dia apanhei hum maçarico:;
Ah não fiquei em mim , Ninfa , de ledo!

De varias malhas tem até ao bico
O corpo matizado ; outro tão bello
Que os teus olhos não vissem , eu te fico:

Galathéa , que o sabe , para tello
Que não faz ! mas em vão , em vão se cansa,
Que eu para ti o goardo com desvelo.

De canas , para o ter com segurança ,
Hum viveiro lhe fiz com junco presas :
Vem a buscallo , vem , deixa a tardança.

Se por pobre esta dadiva despresas ,
Não deixes , não de vir , oh Ninfa impia ;
E riqueza terás , se qués riquezas.

Não fallo do coral , que na agoa fria
Do mar nasce , na purpura brilhante ,
Que na casca do murice se cria :

Thelgon , q̄ hum mar de nós muito distáte
Surcou , e n'outro as redes tem lançado ,
Onde aljófar se pesca rutilante ;

Ouvindo-me cantar neste abrigado :
„ Oh branca Cymothea ! inda mais bella ,
„ Que o reflexo do Sol no mar salgado :

Huma concha me deo , e dentro nella
 Tres perolas mais puras do que a neve ,
 Mais que o orvalho da matutina Estrella.

Ninta desta ribeira inda não teve
 Outras tão netas : olha se as quizeres ,
 Eu t'as darei , cruel , por preço leve.

Não te peço que me ames , se não queres ;
 Mas sim hum só volver de olhos piedosos ,
 Com que este coração de amor me teres.

Inda Jolas seguia os maviosos
 Accentos com que as ondas amansava ,
 E os ventos de escutallo cobiçosos ;

Quando o velho Licon o despertava ,
 Interrompendo a musica sentida
 Com o rouço som da voz , com que bradava
 Chamando-o para a rustica comida.

X.

Ecloga. Elpino e Tirse.

Foi recitada na Arcadia em Conferencia de 31 de Julho de 1758. Contem huma allegoria do successo, que teve a Tragedia *O Cezar*, composta por Theotonio Gomes de Carvalho (de quem são as partes de Tirse); representada no Theatro do Arraial do Cabo no dito anno. *Esta Ecloga na sua origem foi muito mais extensa, porque depois da ultima falla de Tirse, na qual agora acaba, seguia-se todo o canto dos Pastores, que se lê adiante no Idyllio XIV. e deste modo foi recitada na Arcadia, e escrita na primeira Collecção. Na terceira a dividio o Poeta em duas; alterando quanto era necessario as duas ultimas fallas da presente Ecloga, e compondo de novo toda a introducção: Toma, meu Tirse, toma esta Capella, que dá principio ao dito Idyllio XIV.*

ELPINO.

Que fazes tu, meu Tirse, aqui deitado
 A sombra deste freixo? o teu rebanho,
 Rebanho o mais feliz que nestas selvas
 Gostou do patrio Alfeu as claras agoas,

Pelo bosque intrincado anda esparzido,
 Sem a relva pascer; e o teu Lampúro,
 De quem não escapava n'outro tempo
 A fera mais voraz, hoje enroscado
 Sobre a miuda grama, não levanta
 A pesada cabeça, inda que escure
 Do lobo carniceiro os roucos uivos.
 Tu mesmo, que nos jogos o primeiro
 Eras de nossos campos a alegria,
 Tão outro estás, que apenas te conheço.
 Ah gracioso pastor, se o sermos ambos
 De idade juvenil, ambos de Arcadia;
 Se o estudo commum das doces Musas,
 E se a pura amizade, que te goardo
 Desde o tempo feliz, em que tocava
 Apenas com a mão os lentos ramos
 Dos mais baixos salgueiros, te merecem
 Que te fies de mim; hoje me conta
 Desta mudança a causa; que tristeza
 Te opprime o coração: talvez se abrande
 A sua grave dor com repetilla.
 Vê que to pede, oh Tirse, hum bom amigo,
 E que val, Tirse, mais hum bom amigo
 Que toda a fina lá de huma manada.

TIRSE.

Fidelissimo Elpino, destes campos
 Amor e gloria, cujo affecto tanto
 Enlaçados nos tem, nos tem tão presos,
 Quanto estar podem ao sombrio choupo

A tenaz hera , a retorcida vide :
 Tu que sempre nas ditas companheiro
 Te mostraste de Tirse , e bom amigo
 Com teus sabios conselhos nas desgraças ;
 Se te lastima o ver andar perdido
 O meu gado na selva , se de ver-me
 Aqui confuso e triste te admiras ,
 Que espanto não terás , quando souberes,
 Que inda provas maiores nestes campos
 Hei de dar de tristeza , e de desgosto.
 Jamais aos altos montes , aos humildes
 Concavos valles , escavadas penhas
 Da minha fruta o som alegre , ou triste
 Os ventos levarão ; jaz pendurada
 N'hum teixo , que do raio foi crestado ,
 Chea de pó , do Sol toda fendida :
 Jamais de minha voz os brandos écos
 Ouvirão as serranas e os pastores ;
 Nem de Marcia inconstante o doce nome
 Repetirão piedosos os arbustos ;
 Nem as rolas amantes e saudosas
 De mim apprenderão mais tristes queixas.
 Para mim se acabárão fruta e canto.

ELPINO.

Que dizes , Pastor sabio ! e que motivo ,
 Ou que mal pôde haver , que dor tão grãde,
 Que a tão duros protestos te obrigasse ?
 Que emmudecer te faz ? que a Arcadia priva
 De ouvir os versos teus , teus brádos versos ,

Muito mais doces, muito mais gostosos
 Que a doce fructa do pomar alheo?
 Ah suave Pastor, se as Musas deixas,
 Foi-se dos nossos montes a alegria:
 Quem tocará na Arcadia alegre frauta?
 Quem o chão juncará de alegres flores,
 Ou cobrirá de sombra as frias fontes?
 Que pastor ousará nos nossos bailes
 Dos Faunos imitar a ligeireza?
 Ou cantando attrahir com suas vozes
 Do fundo da floresta as gentis Ninfas?
 Eu vi mil vezes, vi (a santa Pales,
 E o Deos, a qué de Arcadia o câpo agrada,
 Por testemunhas tomo da verdade)
 Conduzindo a beber ao meio dia
 Ao Alfeu o meu gado, pouco a pouco
 Irem-se as suas agoas empolando
 Em molle e crespa escuma, e de repente
 Rasgarem-se, sahir do escuro fundo
 (Inda hum sagrado horror me ocupa os ossos)
 As formosas Napeas todas nuas,
 Com os verdes cabellos gotejando
 Sobre as alvas espadoas, e sentar-se
 Para te ouvir á sombra de huma faia,
 Das que bordão as suas frescas margens.
 Então por entre os ramos do arvoredor
 Os petulantes Satiros verias,
 Com os beiços de mosto ainda tintos,
 E as cabeças de parras enramadas,
 Ao som da tua frauta em leves pulos.

Com o caprino pé ferir a terra,
 Novas danças formar novas choreas.
 Pois que causa te move a que pendures
 A doce frauta, e deixes toda a Arcadia
 N'hum profundo silencio submergida?

TIRSE.

Vejo que em vão os tempos vão correndo,
 Que as selvas estão cheas de ignorancia,
 Cheas de orgulho, cheas de soberba:
 De que serve o cantar, se já não vivem
 Aquelles bons pastores, que entendião
 Do canto as regras, e que as ensinarão
 Aos pastores do Menalo? os que imitas,
 E mil vezes excedes, suspendendo
 Com os écos de tua accorde lyra
 Do Alfeu as agoas, do Eliceto as aves.
 Sim amado Pastor, os meus ouvidos
 Neste momento estão inda gostando
 O brando som daquelles doces versos,
 Com que a magoa de Ergasto lamentaste;
 E as agudas orelhas dos caprinos,
 Longevos Faunos no teu canto fitas
 Inda agora étre os ramos vê meus olhos. (1)

(1) Allude ao Idyllio, ou Eclôga de Elpino, composta em 1756, e recitada na Arcadia em 30 de Setembro de 1757, intitulada *Auliza* (he o Idyllio VI.) e especialmente ao seguinte lugar da mesma:

E os Faunos entre os ramos do arvoredo
 Com as agudas orelhas applicadas
 Estão por tua musica esperando.

Inda agora, inda agora debruçadas
 Das arvores as Driades ouvindo
 Te estão as queixas da infiel Tresea (1);
 Não move o vento as mais ligeiras folhas.
 Os peixes em cardume vem correndo
 Após a barca do queixoso Jolas (2),
 Mostrando fóra d'agoa ora as agudas
 Escamosas cabeças, ora abrindo
 As nadadoras e farpadas caudas.
 Tu pois, que hum sabio canto mais estimas
 Do que todos os gados, que offrecia
 Á amada Galathea Polifemo,
 E corres a escutallo com mais gosto,
 Que as abelhas á flor, q̄ á relva as cabras;
 Que magoa não terás ao ouvir a historia
 Que te vou a contar, de meus protestos
 Unica origem; mas de mim não tanto,
 Quanto da falta de saber e arte,
 Que de avaros pastores a malicia (3)
 Do Luso derramou pelas florestas,
 N'outro tempo ditosas e invejadas.

(1) Allusão ao Idyllio de Elpino intitulado *Tresea*, recitado na Arcadia em 26 de Agosto de 1757. (*he o VII.*)

(2) Allude ao Idyllio Piscatorio d'Elpino intitulado *Cymothea*. (*he o IX.*)

(3) Allusão á ruina das Sciencias, e Artes em Portugal depois que os Jesuitas tomáram si a direcção dos Estudos.

ELPINO.

Pois entre tanto, que estas verdes canas,
 Que inda agora cortei nas frescas margens
 Do nosso Alfeu, com branda cera unindo,
 Huma frauta componho com que possas,
 Em vez da que fendida jaz no teixo,
 O grato nome da formosa Marcia
 A's Ninfas ensinar, que apòs teus cantos
 Para aprendellos desenvoltas correm;
 Desse inteliz successo toda a historia
 Me conta, meu Pastor, que eu para ouvillo
 Aqui junto de ti tambem me assento.

es

TIRSE.

Nas longas praias, que o Oceano banha,
 Se levanta huma serra, a qual se estende
 Pelo mar dentro, que bramando a cerca;
 De cuja ponta (cousa muito grata)
 Tanto a vista se allonga, que se perde,
 E os olhos felizmente se recreão,
 Ou já vendo quebrarem-se nas penhas
 As crespas ondas, e saltar a escuma;
 Ou já vendo mostrar a aguda quilha
 Aos nadadores barcos, que pèndentes
 Vem com o peso das copadas vélas.
 Neste aprazivel sitio de anno em anno
 Costumão ajuntarem-se os pastores
 Mais geitosos, e as mais gentis serranas,
 Que as agoas bebem do famoso Tejo,

A visitar o Nume sacrosanto
 A que o sitio he sagrado, e de innocentes
 Puros votos encher as santas aras.
 Ali por dar prazer á companhia,
 Em jogos pastoris todos se empregão;
 Qual toca a doce frauta, e as namoradas
 Queixas em vão entrega ao véto e ás ondas;
 Qual banhado em suor, de pó coberto,
 Anda na luta, e sobre o bravo touro,
 Que jaz na arêa, vencedor se acclama.
 Que bailes se não formão! mais ligeiros
 Do que os cervos, nos arês se levantão,
 E com gratas choreas nos suspendem.
 No canto se exercitão, sòa o monte
 Com as suas cantigas: qual as louras
 Tranças, que o prendem, em Alcipe louva;
 Qual na esquivã Amarili os negros olhos;
 Qual o som levantando, antigos casos
 A memoria ali traz, e infelizmente
 Ora os expõe em baixos rudes versos,
 Ora de alhea lingua mendigados,
 Em barbara dicção os apresenta
 Tão disformes, q' o mesmo Cantor sabio (5),
 Que os cópoz n'outros câpos, se os ouvisse,
 Que erão seus certamente elle não crêra;

Tom. II.

I

(5) Allude ao celebre Abbadé Metastasio, cujas obras miseravelmente traduzidas inundavão os Theatros Portuguezes.

Humas figuras taes introduzindo
No meio das paixões mais lastimosas,
Que riso, em vez de lagrimas, arrancão:
Que lastima! que barbara e ignorante
He esta pobre gente! só lhe agrada
Aquelle que tem mais destes defeitos;
E presumem q' acertão, porque huns tantos
Mestres que tem lhes dobrão as cabeças,
Cabeças que jámais não levantarão
Que para ouvir de torpe gaita os roucos
E dissonantes écos, que os deleitão.
Infelices juizes, a que Apollo
Fará o mesmo, que já fez a Midas.
Nestas festas me achava ponderando
A miseria, a que o tempo reduzira
Os Pastores do Tejo; quantas vezes
Disse comigo: Campos infelices!
Já vos não pisão os pastores sabios,
Que levarão teu nome alem do Ganges,
Que lembrados serão eternamente,
Que tanto hão de durar seus doces cantos!
Desta sorte dizia; quando chega
Hum d'aquelles que as festas dirigia,
E a cantar me convida. Eu lhe protesto,
Que não sabia por aquelle modo
Formar hum só accento, pois não erão
Aquelles os preceitos dos meus mestres;
E que ouvia dizer, que nos mais campos,
Onde das Musas florescia o estudo,
Os Pastores mais destros não seguião

Estilo tão vicioso, inculto e baixo:
 Da Arcadia lhe aponteí as doudas regras,
 O que tudo approvou huma Pastora, (1)
 Que das margens do Tibre veio ao Tejo
 Ensinar ás mais Ninfas novos cantos,
 Mais doces consonancias. Convencidos
 Da força da razão, já se preparáo
 Para ouvir-me a cantiga, já destináo
 O meu competidor: era entre todos
 O mais antigo, e quem nestes combates
 Mais vezes tinha entrado; os longos annos,
 E as já nevadas cãs, que lhe povoáo
 As enrugadas faces, e a cabeça,
 O enchem de arrogancia; novos termos
 Quando falla procura, e tanto menos
 Os seus o entendem, quanto mais o adoráo.
 Com este contendi, e tendo certa
 A croa da victoria, pois cantára
 Procurando imitar os bons antigos;
 Não sómente me negáo o triumpho,
 Mas não sei como salva dos cajados
 D'aquelle povo trouxe inda a cabeça.

ELPINO.

Se de tua tristeza he essa a causa,
 Que mil vezes me admire, Pastor, deixa.
 Não hes tu por ventura o brando Tirse,

I ii

(1) A Senhora Helena Paghési.

Que a frauta tantas vezes tens tangido ;
 Sendo presente e juiz a Arcadia toda ;
 E que de hera outras tantas a cabeça ,
 A pesar de pastores invejosos ,
 Nas pastorís contendas tens cingido ,
 Sendo presente e juiz a Arcadia toda ?
 Pois como de huns pastores tão grosseiros ,
 Que o canto ignorão , que sonora frauta
 Nunca aos beijos chegarão , e que apenas
 Ao rouco e humilde som de huma pipia
 O miseravel verso ao vento espalhão ,
 Comtigo o vão juizo tanto pode ,
 Que te obrigue a deixar as caras Musas ,
 As Musas que em seu seio te crearão .
 Se o nosso Coridão (1) se o nosso Almeno (2)
 Ou o douto Pastor do monte Tagro (3) ,
 Destro na lyra , destro no cajado ,
 E no tirar da funda , mais que quantos
 Pelas margens do Tejo ovelhas goardão ,
 Dessa disputa fossem os juizes ,
 Que mais farias tu ? Esses pastores ,
 Que ao rustico Selvagio o premio derão ,
 Ignorão de tal sorte as leis do canto ,

(1) O Senhor Pedro Antonio Correa Garção, cujas obras são estimadas de todos os Sabios.

(2) O Senhor Manoel Nicoláo Esteves Negro, hoje Desembargador do Paço.

(3) O Senhor José Xavier, Capitão Mór d'Albuquerque, chamado na Arcadia Sincero Serabriense,

Que sendo da contenda elles juizes ,
 Se Lacon com Comatos contendèra ,
 Ou com Alcino Algano , na contenda
 Fora Lacon de louros coroado ,
 Algano vencedor, vencido Alcino.
 Eu tambem na disputa fui presente ,
 Tambem te ouvi cantar , e te asseguro ,
 Que nunca na serena madrugada
 Tão suave me foi hum brando sono
 Como a tua cantiga , que inda agora
 Parece que os ouvidos me adormenta :
 E se o sagrado Febo me não mente
 Quanto á baixa giesta o choupo erguido,
 Quanto ao rasteiro feto o alto cedro ,
 Tanto excedeste tu a teu contrario.
 E pois a doce frauta já de todo
 Graças ao grande Pan tenho acabada ,
 Deixa o pesar que o coração te opprime :
 E em quanto soar faço estas campinas
 Com seus novos accentos , tu em honra
 Do Maioral do Tejo cristallino
 Alguns canoros versos , Tirse , canta :
 Alegre tua voz estás florestas ,
 Agora que dos montes pouco a pouco
 Vai diminuindo o Sol a grossa sombra ,
 Agora que não move brando vento
 As ramas do arvoredó , e só se escuta
 Da garrula cigarra o rouco canto ,
 E as ovelhas deitadas pela relva
 Estão com as cabeças levantadas ,

Parece que de ouvir-te cobiçosas.

TIRSE.

Ao lasso caminhante não deleita
 Tão docemente o brando murmurinho
 Do ramo, a cuja sombra dorme a sesta;
 Nem tanto ao triste amante a pena abrandá
 O simples passarinho, que saudoso
 Da perdida consorte a está chamando,
 Quanto a tua amizade sã e pura
 Com tão sabios conselhos me allivia,
 E de gosto e confiança o peito me enche.
 Mas que versos, Alpino, tu me rogas?
 Que versos formar pode o pobre Tirse,
 Que dignos sejam d'aquella alma illustre,
 Que de assôbro, e prazer enche os seus cá-
 Tudo porem farei por agradar-te. (pos?)
 Deixa pois que descance, e recupere
 O perdido socego, que eu te juro
 Que em quâto amarem os delfins as ondas,
 As ovelhas a molle e fresca relva,
 Em quanto pelos montes perseguirem
 Os cães o lobo, os Satiros as Nintas,
 Será nos cantos meus sempre louvado;
 E juntando os teus versos aos meus versos,
 A's estrellas seu Nome subiremos,
 Onde subido o tem suas virtudes.

LIBRO XI.

OBIECTO IDYLLIO.

Recitado na Conferencia publica, que a Arcadia celebrou no Real Hospicio de Nossa Senhora das Necessidades em 14 de Março de 1759, por occasião das me-lhoras de ElRei D. José o I. depois do attentado contra a sua Real Pessoa; Foi impresso este Idyllio na Collecção do Porto, que já se citou em Nota ao Idyllio VII.

Interlocutores: Ergasto e Albino.

ALBINO.

Doce he, Pastor, ao lasso passageiro
O brando e lento som, com que murmura
Por entre pedras huma fonte pura,
Que despenhada cae de hum verde outeiro:

Doce he n'huma floresta deleitosa
Ouvir as avesinhas saudando
A Aurora, que as boninas borritando,
Traz da fresca manhã a luz formosa:

Mais doces são porem nos meus ouvidos
Teus brandos versos, oh suave Ergasto!

Que em quanto estas campinas derẽ pasto,
Hão de ser dos pastores repetidos.

Se contender contigo o mesmo Alcido
Sobre o preço da musica silvestre,
O mesmo Alcido, q̃ no Douro he mestre,
Certamente de ti será vencido.

Esses dous cabritinhos, que entre as flores
Junto da branca mái vês retouçando,
Eu com todo o cuidado os vou creando,
Que do rebanho meu são os melhores:

Olha como saltando na campina
Já para lutar se põem defronte,
E erguendo-se nos pés, a tenra frente
Inda sê pontas hum cõtra o outro inclina.(1)

Pois ambos t'os darei, se acaso ao vento
Soltas a doce voz, com que arrebatas

(1) Vê como para a luta na campina
Recua cada qual, corre impaciente;
Sobre os pés se levanta, e a tenra frente
Inda sem pontas hum contra o outro inclina.

Da palavra *frente* neste sentido usa Camões no Soneto 233 na impressão de José Lopes Ferreira, que principia: *Levantai, minhas Tagides, a frente.*

Assim escrevia o Author nas primeiras Collecções.

Os calvos Faunos das incultas matas,
Sómente por ouvir seu grato accento.

Aqui respira hum ar doce e sereno
Por entre os ramos da confusa selva,
Aqui tem as ovelhas fresca relva,
Temos para sentar-nos molle feno.

Aqui suave sombra está cahindo
Dos verdes ramos desse alandroeiro,
Que soprado do vento lisonjeiro,
A fazem sobre a relva estar bulindo.

Tudo em socego está, e o manso gado,
A' clara luz do Sol sereno e bello,
Deitado pela relva enxuga o vello,
Do orvalho da manhã inda molhado.

Ah canta! que as abelhas susurrando
Entre as flores, o vento alegre e frio,
O surdo murmurar do claro rio
Te estão ao doce canto convidando.

ERGASTO.

Que queres tu q̄ eu cante, Albino amado,
Em tanto horror, em tanta adversidade?

ALBINO.

Que has de cantar? a nossa liberdade,
A mudança feliz do antigo estado.

Tu não vias ha pouco o Ceo coberto
Esconder-nos do Sol os resplandores,
Tremor a terra, e os tristes moradores
Das aldeas fugir para o deserto?

E não vias tambem, quando ás mãos cheas
A' terra o lavrador lançava o trigo,
Nascer em seu lugar joio inimigo,
E c'o cardo espinhoso as vís aveas?

Que engrossadas das chuvas as ribeiras,
Deixando a antiga madre, impetuosas
Levavão nas correntes caudalosas
Os arados, os bois, e as sementeiras?

Não vias, que brotando a má zizania,
Por mais que o duro sacho trabalhava
Em cortar-lhe a raiz, mais se augmentava
Pelos campos da nossa Lusitania?

Não viste mais, oh mal nunca pensado!
Esfaimados os lobos carniceiros,
Perdendo o medo á goarda dos rafeiros
Vir dentro nos curraes matar o gado?

Em fim não vimos nós cheos de espanto
(Ah que tão grande mal, mocho agoureiro,
Ao romper da manhã n'hum espinheiro
Tres vezes predisseste com teu canto!)

O nosso Maioral, que com estranho
Desvelo se empregava diligente
Em fazer o seu campo mais florente,
Em augmentar o pasto a seu rebanho;

Delles será traição accomettido,
Sem que podesse seu braço ajudallo;
E bem que o Ceo piedoso quiz livrallo,
Das garras lhe escapou todo ferido?

Não vês agora a terra socegada,
Arrancada a zizania, o Sol brilhante,
O trigo pelos sulcos abundante,
E segura dos lobos a manada?

E o gracioso Pastor, a quem chorarão
Movidos de seu mal os mesmos montes,
As ovelhas, as arvores, as fontes,
Livre do damno, que ellés lhe causarão?

Pois que has de descantar? estas mudanças:
De tão alto Pastor canta os louvores,
E faz que do Tejo entre os Pastores
Delle durem eternas as lembranças.

ERGASTO.

A tão alta materia, onde tu ousas
Levantar, caro Albino, a fantasia,
De meu rabel não chega a melodia;
Que não podemos nós todas as cousas.

Nem como aguia caudal os ares fende
 Leve andorinha garrula , e rasteira ,
 Nem a humilde , e silvestre tamargueira
 A rama como o cedro aos Ceos estende.

Eu sei cantar aos rudes camponezes
 O trato do rebanho , e da lavoura ,
 Quando se ha de segar a espiga loura ,
 E quaes são de enxertar os proprios mezes ;

O tempo da tosquia , e do coalho ,
 De que ovelhas as lãs são as melhores ,
 O modo de dispor plantas e flores ,
 E outras cousas do rustico trabalho :

Mas de hũ Pastor tão grãde , q̃ do extremo
 Cá da terra até onde nasce o dia
 Tanto gado apascenta , goarda e cria ,
 Crê , que de celebrar o nome tremo.

Porém para cumprir tua vontade ,
 Inda que a rouca voz repugna ao canto ,
 Quero provar , se acaso chega a tanto
 De meus rusticos versos a humildade.

Oh Pastores do Tejo , oh pegureiros ,
 Que ao som de suas agoas docemente
 Brandos versos cantais , ornando a frente
 Dos verdes ramos de hera , e de loureiros :

He chegado , he chegado o feliz dia ,
 Nestes campos ha tanto suspirado ;
 Deixai a seu sabor pascer o gado ,
 Ajudai-me a cantar tanta alegria.

Já o nosso Maioral livre do risco
 Torna a buscar o campo socegado ;
 Já torna a empunhar o seu cajado ,
 E seguro a curar do grande aprisco.

Já os lobos crueis , que ás nossas terras
 Raivosos tanto estrago ameaçavão ,
 Que os redís com seus uivos assustavão ,
 Já se não ouvem nem nas agras serras.

Elle (oh permitta o Ceo, que longamente
 Os nossos Campos reja !) aconselhado
 Do Pastor entre os nossos tão gabado ,
 Os laços lhes armou manhosamente.

Ide minhas cabrinhas , ide affoutas
 Pendurar-vos dos ramos dos salgueiros ,
 Não vos fieis das margens dos ribeiros ,
 Pascei antes n'aquellas verdes moutas.

Torna , torna o socego aos nossos montes ,
 Juncai , Ninfas , de flores o terreiro ;
 E de viçosos ramos de loureiro
 Cobri alegres as risonhas fontes.

Tão grande dia , dia tão ditoso
Em que o nobre Pastor já livre vemos ,
Pastores e pastoras , celebremos
Com novos jogos , com immenso gozo :

As aves pelos ramos da espessura
Cantando sem socego , os verdes prados ,
De pintadas boninas esmaltados ,
Parecem festejar tanta ventura :

As mesmas penhas dessa serrania
Nos estão aos folgares convidando ,
Pois até ás estrellas vão lançando
Suaves vozes cheas de alegria.

Formai novas choreas , novas danças ,
Toque Leucipo a branda sanfonina ,
A cujo som saltando Carmosina ,
As Driades imite nas mudanças.

Nos imperfeitos regos fique o arado ;
E de roixas violas e tomilhos
Cobri as curvas pontas dos novilhos ,
Em sinal do repouso desejado.

Oh não teção enganos neste dia
Vossas redes aos leves passarinhos ,
Que em quanto estão formando os brandos
De nosso canto ajudão a harmonia. (ninhos

Frescas colleiras de cheirosas flores
 Aos bravos cães formai, que socegados
 Não persigão nos bosques intrincados
 A veloz lebre, os gamos voadores.

De novo colmo cubrão-se as cabanas,
 E no prado florido, ou monte seco
 Responda alegre a invisível Eco
 Ao doce som das enceradas canas.

Soem, soem os nossos instrumentos:
 A estranho clima, a estranhos goardadores
 Deste digno Pastor dignos louvores
 Levai de nossa boca, oh leves ventos!

Não fique neste campo dilatado
 Roliço tronco de arvore sombria,
 Onde as touces não deixem á porfia
 Seu Nome em grandes letras entalhado.

Subirá pouco a pouco a verde rama,
 E aos Ceos os duros troncos levantando,
 Té aos Ceos pouco a pouco irá levando
 Seu grande Nome, sua grande fama.

Em quanto nos reger o seu cajado,
 Ha de o amor da lavoura, e da justiça
 Entre nós florecer, e a vã cobiça
 Outro campo buscar mais apartado.

No inverno enregelado , ou quente estio
De leite abundarão nossas malhadas ,
E cobrindo os outeiros as manadas ,
Secarão ao beber o fresco rio.

No culto valle , no intratavel ermo
Seguros hão de andar gado e pastores ;
Nem contendas terão os lavradores
Por mais que nas extremas falte o termo.

Não virão os pastores estrangeiros
Deixando as suas asperas aldeas
Crescar de nossas silhas as colmeas,
Com manha rosquiar nossos cordeiros.

Nós sós o louro trigo segaremos ,
Que doura as fertilissimas campanhas ;
Nós sós as avelãs , nós as castanhas ,
E a invernosa glande colheremos.

Alegre planta , Alceu , murtas , e louros,
Abraça com os olmós as videiras ,
Põe no pomar á corda as laranjeiras ,
Que os fructos colherão os teus vindouros.

Qual a loura seara á fertil terra ,
Ao viçoso pomar a fresca fruta ,
A fonte cristallina á penha bruta ,
Tal hes , grande Pastor , á nossa serra.

Em quanto rebentar na basta mouta
 A' voz do encantador a cobra fria,
 É fugindo dos galgos a portia
 Buscar a lebre a mata, onde se acouta;

Em quanto o grou seguir o curvo arado,
 Amar as covas o nocturno grillo;
 Sempre em nosso singello e puro estilo
 Ha de ser o teu Nome celebrado.

Se as penhas estalar o inverno frio,
 Cantar-te-hemos á roda das fogueiras;
 Se o verão abrasar as sementeiras,
 Abrigados de algum bosque sombrio.

Crecei, plantas do Tejo, crecei, flores:
 E vós das mais suaves e cheirosas
 O pelico lhe ornai, Ninfas formosas,
 Capellas lhe recei, destros Pastores.

ALBINO.

Ergasto, os versos teus dão mais deleite,
 Que na noite do inverno tenebroso
 Grande taça de vinho saboroso,
 Ou na manhã de Abril tarro de leite.

Ou Febo no teu peito o canto inspira,
 Regendo a tua branda, e grata Musa,
 Ou do Pastor da antiga Syracusa
 Tityro te deixou a maga lyra.

Se minha voz igual á tua fora ,
 Com meus versos os teus acompanhára ,
 E ao som de meu rabel tambem cantára
 Táo amavel Pastor a toda a hora :

Mas já que tanto o Ceo me não consente,
 Não fará que em gostoso sacrificio
 O puro coração não dê indicio
 Da fé, que lhe consagro reverente.

Huma troa de louro guarnecida
 De boninas colhidas, quando a Aurora
 Cobre a terra das lagrimas que chora ,
 Para lhe offerecer, tenho tecida.

Essa cabra malhada , que as mais guia ,
 Dous cabritos pario de cor cinzenta ,
 E bem que ambos os dous cria, e sustenta,
 Duas vezes ao tarro vem no dia,

Tenho mais para dar-lhe destinada.
 Tambem lhe levarei queijo , e manteiga,
 O louro mel , a fructa dessa veiga ,
 Se de meus pobres dons elle se agrada.

ERGASTO.

Ah rustico Pastor ! que he o que intentas ?
 Ao grande Maioral tão abastado ,
 Inda he pequena offerta todo o gado ,
 Que nestas frescas margens apascentas.

Elle de humildes dadivas não cura,
 De cabras, de manteiga, fructa, ou queijos;
 Mas só alegre aceita os bons desejos
 De hum peito de amor cheo, e de lisura.

ALBINO.

Pois, suave Pastor, em sua defenza
 D'hum nodoso de mirto bom cajado,
 Sempre me encontrarão o braço armado,
 E pronto a castigar qualquer offensa:

Todo o rebanho meu, e o seu aprisco
 Contente perderei, a propria vida
 Com livre coração tenho offrecida
 Por elle a derramar no menor risco.

Mas tempo he de beber o nosso gado:
 Pela encosta o guiemos deste monte,
 Que he caminho mais perto para a fonte,
 E dos nossos pastores mais trilhado.

XII.

Interlocutores: Elpino, Tirse e Siveno.

As partes de Elpino são de Anronio Diniz da Cruz e Silva; as de Tirse de Theotonio Gomes de Carvalho; e as de Siveno de Silvestre Gonçalves de Aguiar. *Este Idyllio foi feito ao mesmo assumpto que o antecedente, e recitado na mesma Conferencia.*

ELPINO.

E Spera, Tirse, espera, que cansado
 Não posso já seguir tuas pisadas;
 Sentemo-nos hum pouco neste prado.

Aquí entre estas arvores copadas,
 Que a doce sombra fazem mais espessa,
 Humas com outras todas enredadas;

Descancemos: mas elle o passo appressa!
 Ouve, Pastor gracioso: onde caminhas;
 Sem resposta me dar, com tanta pressa?

TIRSE.

Oh não descances! as pisadas minhas

Segue contente , que se eu não fora ,
Hum folgar nunca visto hoje não tinhas.

ELPIÑO.

Desde que repontou a roixa Aurora
Que sahimos da rustica choupana ,
E quéz que hum pouco não descance agora!

Mas onde entramos nós ! Ceos ! q̄ cabana !
Que luzes ! que alegria ! que pastores !
Vive aqui , Tirse , acaso gente humana ?

Nunca jamais com tão formosas cores
Se ornou a primavera , quando aos centos
Pelos campos produz as varias flores ,

Como as que vendo estou : olha os assentos,
De cortiça não são , como os que usamos
Lá pelos nossos toscos aposentos.

Ah detem-te , Pastor ! adonde vamos ?
E como ousados n'hum lugar divino ,
Sendo gente profana , assim entramos ?

Mas cá tambem está o nosso Alcino ,
Licidas , Coridão , e Nemoroso ,
O sabio Amintas , Páris peregrino ;

Todos cantando estão ; que armonioso
Soa o seu canto , canto delicado !

Nunca Eurotas o ouviu tão sonroso:

E que Pastor he este, que encostado
A' sombra de huma cousa semelhante...
(Que pouco sabe hum goardador de gado!)

Huma nuve figura, a que o radiante
Raio do Sol ferindo luminoso,
Aqui vermelha faz, ali brilhante?

Sem os olhos mover, todo gostoso
Com sereno semblante está ouvindo
Dos pastores o canto numeroso.

Qual no florido prado, que está rindo,
Debaixo de hum loureiro levantado
Que a rama com o vento esta bulindo,

Noz ouve o louro Apollo recostado,
Quando com nossos jogos contendemos,
Sobre hum novo çurrão, sobre hum çafado.

TIRSE

Que perguntas, Elpino! oh! e q' extremos
Tens de simplicidade hoje mostrado!
O Pastor não conheces; que ali vemos?

He aquelle Pastor tão celebrado
De nossas frautas, cujo Nome vimos
Té ás estrellas sempre levantado:

He o grande Pastor , de quem ouvimos
 Cantar já Coridão , cantar Siveno
 Versos tão doces , que inda os repetimos :

Aquelle , cujo espirito sereno
 Por ouvir celebrar ao nosso Alcino ,
 Deixa o quartão o sordido Sileno.

De quem tu com teu canto alto e divino
 Dos annos festejaste o grande dia ,
 Dia precioso , de memoria dino ;

Quando vimos as Ninfas á porfia
 Croar as louras tranças de mil flores
 No placido cristal da fonte fria :

Ornados d'hera , e louro os lavradores ,
 De trevo e murtas gados e cabanas ,
 De candidos pelicos os pastores :

Que danças , que cantigas as serranas
 Não repetirão ! mas quão differentes
 Das tuas , que erão todas soberanas !

Calou-se o vento ; os troncos , as correntes
 Se curvárão ; ovelhas , pegureiros
 Se virão de teu canto estar pendentes ;

E por entre a espessura dos loureiros
 O bom Menalo erguer a verde fronte ,

Coroadá dos ramos dos pinheiros.

Não folga tanto de Hippocrene a fonte
De ouvir o louro Apollo, nem se espanta
Da musica de Orpheu o Ismaro monte;

Quanto o campo deleita, attrahe e encanta
Ouvir a tua voz, oh brando Elpino!
Quando deste Pastor o Nome canta.

Hes por certo hum pastor de croa dino,
E com teus versos tanto nos aprazes,
Que comigo mil vezes imagino,

Que ou do bosque Gryneu a origem trazes,
Ou tens a frauta, com q̃ o Ascreu cantando
Movia os montes, pois não menos fazes.

Este Pastor he pois o que escutando
Está o doce canto: não reparas
Quantas graças estão nelle brilhando!

Quanto são ás da vide humildes varas
Os platanos e cedros superiores,
Tanto o he aos outros nas virtudes raras.

Não o ves, que croado d'esplendores,
Respira hum não sei que no seu semblante,
Que não temos nós rusticos pastores?

Mas este que dos olhos tens diante
 He só hum seu retrato: venturoso
 O que a ver chega a face radiante!

Porem tanto o pincel foi poderoso,
 Que podes tu bem ver nesta figura
 Toda a graça do rosto magestoso.

Cariteu, que de o ver teve a ventura,
 Debuxou neste quadro a augusta fronte;
 E aos pastores o deo desta espessura.

EL PINO.

Eu vi já pelo sabio Alcimedonte
 Em hum copo de taia bem lavrado
 Orpheu, a quem seguia o verde monte.

Do Templo á santa Pales consagrado
 Hum lobo, que hum cordeito devorava,
 Com tal arte nas portas vi cortado;

Que o pastor, que a primeira vez olhava,
 Assustado bradava aos mais pastores,
 E quasi que os rafeiros lhe açulava.

Vi mais que a Primavera de mil cores
 As ribeiras do Alfeu alegre pinta
 Sem ordem misturando as frescas flores.

Mas não vi, que pudesse a varia tinta

Hum pastor imitar com tal destreza,
Que os nossos olhos creão que elle sintá:

Mas que cousas não faz a subtileza
Dos destros Cidadãos a nós estranhas,
Que vivemos dos montes n'aspereza!

Androgeu, q̄ habitou nossas montanhas,
O divino Androgeu, que alli viera
Depois de ter corrido outras campanhas (1):

Quando eu n'aquelles doces annos era,
Em que apenas com a tenra mão chegava
As folhas a tocar da tenaz hera;

Com mimosas palavras me chamava,
E sentados de hum freixo á sombra fria,
Mil cousas das Cidades me contava.

Ah innocente Elpino! se algum dia
A vender lá levares teus cordeiros,
Verás (entre outras cousas me dizia)

Verás nas cheas praças, nos terreiros

(1) Houve tempo em que o Poeta substituiu a este verso o seguinte:

Dás ribeiras que tu, ó Tejo, banhas:
A palavra campanhas deo causa á mudança,
mas elle não duvidou conservar na terceira Col-
lecção o verso que se lê no Texto. Vej. a nota
a pag. 173.

Ondear, como ondeão as searás,
 Confusos Cidadãos e pegureiros:

Brilhar montanhas de ouro, pedras raras,
 Como brilhão, da luz do Sol feridas,
 Do sereno Ladon as agoas claras:

Figuras has de ver tão parecidas
 A nós, que a tua sã simplicidade
 Por vivas as terá sendo fingidas.

Se o pastor me fallava então verdade,
 Pelo que neste sitio estou notando,
 Nós certamente estamos-na Cidade:

Mas á pratica nossa em fim tornando,
 Não te admire, Pastor, que o rude Elpino,
 Que outros campos não vio, que os do Al-
 feu brandos;

Do Maioral do Tejo cristallino
 As graças desconheça da figura
 A vez primeira, que de vello he dinos:

Pois se delle cantei, e se a espessura
 Do Menalo me ouviu; se do Erimantho
 Fiz parar ao seu nome a fonte pura;

A sua fama provocou meu canto,
 Pois inda o rosto seu não conhecia,
 Que humilde pastor nunca aspira a tanto.

Mas que nova, que subita harmonia
 Nos interrompe! não de agreste avena,
 Qual ouvimos n'Arcadia ao meio dia,

Quando de huma floresta á sombra amena
 Com as Naiades os Satyros saltando,
 Abrandão de seu fogo a ardente pena;

E c' os torcidos beijos assoprando
 A sonoro compasso as sete canas,
 Tornão quieto o mar, o vento brando.

TIRSE.

Certamente, Pastor, que não te enganas:
 He Apollo, que a lyra vem tangendo
 Com o coro das Musas soberanas.

Mas não he: olha a turba, que correndo
 Vem de pastores; junto de nós párao,
 Das mãos os instrumentos vem pendendo:

Das citharas, das frautas, que soárão,
 Dos dedos os sinaes no buxo alvejão,
 Brancas as cordas tem onde tocárão.

Huns arcs trazem como os que pelejão,
 Nunca vi que de Arcadia os arcs soem,
 Dizer não posso que pastores sejão.

Mas não ves como todos se dispõem

Para tocar de novo, e os instrumentos
Qual na terra, qual junto á barba põem?

Olha aquelles dos ultimos assentos,
Ao modo de humas canas enroscadas
Chegão á boca: ouçamo-los attentos.

C O R O.

Aves peregrinas,
Que lèdas voais,
Fontes cristallinas,
Que os campos cortais;
Cantai, murmurai:
Em tão fausto dia
Com vossa alegria
A nossa augmentai.

Oh Naiades formosas,
Que do Tejo famoso as claras agoas
Habitaes venturosas;
Deixai as ricas teas delicadas,
Sahi, sahi das humidas moradas;
E de flores cheirosas
Candidos lirios, encarnadas rosas
Ennastrai o cabello crespo e louro;
E ao suavissimo som das lyras de ouro,
Em hymnos sonoros
Comnosco celebrai pela espessura
Com o nosso Maioral nossa ventura.

A R I A.

Dia tão ditoso,
 Tão resplandecente
 A vossa corrente
 Ainda não vio.
 Ou tão luminoso
 Com seus resplandores
 Do Ganges famoso
 Dando vida ás flores
 Nunca o Sol sahio.

Soem, soem, oh Ninfas delicadas,
 Mil sonoros hynos.
 Do dom, que o Ceo nos fez propicio, dinos;
 E sobre as azas do sereno vento
 Nosso agradecimento,
 Nosso immenso prazer, e o grande Nome
 Do famoso Pastor na terra soe,
 E aos ouvidos dos altos Deoses vòc. (1)

(1) *Este recitado nas primeiras Collecções lia-se assim:*

Os Zephyros suaves sacudindo
 Das leves azas as pintadas flores,
 Com os ventos ás arvores bulindo,
 As hervinhas da Aurora borrifadas,
 Que parecem ao longe prateadas,
 No tremulo cristal os resplandores
 Do roixo Febo as luzes augmentando;
 Os passaros cantando
 Com suave harmonia
 Dobrão em nossos peitos a alegria,

C O R O.

Aves peregrinas,
 Que ledas voais,
 Fontes cristallinas,
 Que os campos cortais;
 Cantai, murmurai:
 Em tão fausto dia
 Com vossa alegria
 A nossa augmentai.

ELPINO.

Fartão-se d'agoa o campo, de herva o gado,
 Dos vermelhos medronhos nos erguidos
 Outeiros os cabritos desmamados:

Farta-se a loura abelha dos floridos
 Codeços, e de canto tão sabroso
 Não se podem faltar os meus ouvidos.

Mas lá Siveno está: Pastor ditoso,
 Assim crecendo vá sempre o teu gado,
 Conta-me a occasião de tanto gozo.

SIVENO.

Graças aos Ceos, Elpino e Tirse amado;
 Que me vejo na vossa companhia,
 Que mais que nunca tinha desejado.

Gozar tanta ventura já não cria ;
 Pois vendo juntos todos os pastores
 Da nossa Arcadia , só a vós não via :

Mas pois presentes sois , e os goardadores
 Vindos aqui do Tejo cristallino ,
 Que são no pastoril canto os melhores ;

Porque oução , quanto vós no peregrino
 Estilo de cantar brando , e gostoso
 De Tityro igualais o som divino ;

E que excedeis em tudo o mais geitoso
 Quaes aos rasteiros fetos os pinheiros
 Do Menalo , que vós fazeis famoso :

Fu vos conto o que a estes pegureiros
 Obrigou a deixar gado , e cabanas
 Entregues ao cuidado dos rafeiros ,

E aos nossos companheiros as serranas ,
 Com molle cera unindo diligentes
 As desiguaes , armoniosas canas.

Do Luso ao Maioral , prazer das gentes ,
 Que depois que do Ceo cá foi mandado ,
 Faz viver os seus subditos contentes ;

Huns pastores a que elle tinha dado
 Tantas riquezas , que já não cuidavão

Em mandar aos curraes contar o gado;

Esquecendo que tudo que logravão
Era dadiua sua, em vil cilada
Tirar a santa vida procuravão.

Mas qual a tenra ovelha desgarrada
De entre as presas do lobo, cuidadoso
O pastor salva já ensanguentada;

Assim do Ceo o braço poderoso
Dos insolentes golpes dos traidores
O grande Maioral salvou piedoso.

De tanto bem alegres os pastores
Neste agradavel sitio se ajuntarão
A cantar c'os da Arcadia os seus louvores.

TIRSE.

Oh caso estranho! quando imaginárão
Os pastores ouவில்! Ah! se vivessem,
De pena os bons antigos estalárão.

Na verdade que as selvas não parecem
Quaes erão d'antes puras e innocentes,
Pois as zizanias cada vez mais crecem.

Os lavradores do que tem contentes
Já não vivem: aquelle he mais gabado,
Que tem mais câpos, lança mais sementes:

Poucos se vestem já das lãs do gado,
 Que cousas a ambição nos peitos gera!
 Tudo nos montes, tudo está mudado:

Algum tempo sei eu que assim não era;
 Viveo nos campos a innocencia santa,
 Era tudo commum . . .

ELPINO.

Ah Tirse! espera,

Que o Coro dos pastores se levanta:
 Já preparão os doces instrumentos,
 Escutemos agora o que elle canta.

C O R O.

Em dia tão feliz
 Do nosso bom Pastor
 Em cantos de louvor
 Tudo respire.

Seguro nos redís
 Por elle o gado está;
 Por elle cantará
 A bella Ephyre.

PRIMEIRA VOZ.

Oh dia venturoso,
 Mais do que todos suspirado dia!
 Que mais gosto e alegria
 Aos nossos campos trazes,

Que a sempre desejada
Primavera de flores coroadá.

SEGUNDA VOZ.

Oh dia venturoso,
Consagrado ao Pastor destas campinas!
Por quem no monte com prazer e gozo
Correm as fontes, crecem as boninas;
Por quem Ninfas, serranos e pastores,
Entre nuvens de flores,
Ao som das gratas lyras vão cantando
Seu grande Nome ás selvas ensinando.

PRIMEIRA VOZ.

Fujão, fujão velozes destes valles
As tristezas e os males;
E em doces écos aos suaves cantos
Responda alegre a cristallina fonte,
O fundo valle, o levantado monte.

SEGUNDA VOZ.

Deixa, deixa contente,
Oh venerando Tejo, a fria gruta,
Nossas vozes escuta;
E sobre o transparente
Carro de branca escuma, em que passeas
As douradas areás, te levanta,
De teu grande Pastor o Nome canta.

AMBAS.

(dente

Desde os campos da Aurora aos do Occi-
 Não vê o Sol Pastor mais excellente.

D U O.

PRIMEIRA.

PRIMEIRA.

Já torna a paz serena,
 Já entre nós caminha;
 Fugio do campo o horror;

SEGUNDA.

Já sobre a relva amena
 A simples pastorinha
 Se ouve cantar de amor.

AMBAS.

Oh Ceos! que alegria
 Nos nossos montes vai!

Vinde, vinde á porfia,

PRIMEIRA.

Oh Ninfas!

SEGUNDA.

Oh Pastores!

PRIMEIRA.

Com citharas,

SEGUNDA.

com flores;

AMBAS.

1.^a Do bom Pastor cantai.

2.^a O bom Pastor croai.

SIVENO.

Que vos parece, amados companheiros,
Tão ajustada e doce melodia?
Que bem que cantão estes pegureiros!

Eu certamente não me persuadia,
Que pudessem cantar tão docemente,
Sem aprender na vossa companhia.

O roixinol, que da consorte ausente
Se está queixando na calmosa sesta,
A voz não solta mais suavemente.

Mas que prazer sentíra esta floresta,
Se ajudasseis com vosso doce canto
Déstes pastores a gostosa festa!

Ah pastores! cantai: cheo de espanto
Vos ouça o Tejo, qual vos tem ouvido
Suspenso muitas vezes o Erimantho.

Fazei que nestas selvas conhecido
Seja o som, com que os Satyros saltantes;
Seguindo as Ninfas, tendes suspendido.

Para ouvir-vos as faias murmurantes
 Já os ramos inclinão, e entre as flores
 Se calão as abelhas susurrantes.

Soltai a branda voz, soltai, Pastores,
 E quaes á fresca sombra dos pinheiros
 No Menalo cantais vossos amores.

Cantai deste Pastor, e estes outeiros
 Repitão o seu Nome, em quanto tece
 Apollo as vossas croas dos loureiros.

ELFINO.

Tirse tanta ventura só merece;
 Elle pode cantar, que para o cantor
 O mesmo Apollo a lyra lhe offerece.

TIRSE.

Cantarei sim, Pastores, se he que a tanto
 Chega a rustica voz, farei notoria
 Aquella alma, q' o mundo enche d'espanto.

Porem que hei de eu cantar, q' a sua gloria
 Possa igualar? direi o que huma sesta
 (O Cso queira, que o tenha na memoria.)

Do famoso Ladon em a floresta
 Ouvi ao tempo que se celebrava
 Entre os pastores do Deos Pan a festa:

Pois no melhor , que o seu louvor soava ,
Sentimos (caso digno que se conte !)
Que toda a selva os ramos inclinava :

Quando os olhos voltando ao alto monte ;
Vimos da Arcadia o Deos tendo cinginda
De verdes heras a galhuda fronte ;

A cara traz vermelha e encendida
Do minio com a cor , que he tão prezada ,
A barba negra e rara , mas comprida :

Huma pele de touro , remendada (de ,
De brancas manchas , de seus hõbros pen-
De vellõ a gente fica alvoraçada .

Recolhe hum beijo , outro beijo estende ,
E hum pouco inchando as faces docemente ,
Com a gaita harmoniosa os ares fende ;

A cujo som corrêrão de repente
Das selvas os incultos moradores ,
Deteve o rio a placida corrente .

E qual homem , que cousas supriores
Pensa dizer , depois de hum largo espaço ,
Assim cantou o Nume dos pastores :

Sólta , sólta do candido regaço ,
Bella Deosa dos prados , as boninas

Que dos campos roubou o inverno escasso ;

Tornem , tornem a ver estas campinas
Aquelle bem , aquella formosura ,
Que n'outro tempo as fez dos Deoses dinas.

Oh pastores do Tejo ! alta ventura
Os Fados vos predizem ; ledamente
Passei vossas ovelhas na verdura :

Não temais , que outra vez a vil serpente
Nos vossos campos o veneno espalhe ,
Leve os mansos cordeiros a corrente ;

E por mais que o roaz lobo trabalhe
Por entrar os curraes , estai seguros ,
Que o Ceo tendes por vós , que o damno
(atalhe.

Eu mesmo, eu mesmo nos diamantes duros
Das Parcas pelas mãos vi entalhadas
As promessas de muitos bens futuros.

A's fontes conduzi vossas manadas ,
E se em vós sombras ha do antigo engano ,
Nellas sejam tambem purificadas.

Que o grande Maioral , livre do dâno ,
Por largo tempo vosso campo reja ,
O jura o mesmo Jove soberano.

Tudo em vosso favor, tudo deseja ;
 E do Tejo nas selvas quer que a idade
 De Rhea , e de Saturno o mundo veja.

A Paz serena , a sã Fidelidade ,
 Que aos Ceos se forác cheas de desgosto ,
 Por elle tornão cheas de saudade.

Por elle florescer vereis com gosto
 Huma continua doce primavera ,
 Qual sempre se nos mostra no seu rosto :

E em lugar de trombeta horrenda e fera ,
 De pifaros , de horrisonos tambores ,
 A cujo som o coração se altera ;

Em lugar de cruentos passadores ,
 As montanhas , e os valles semeando
 De pallidos cadaveres , e de horrores ;

Vereis as vossas serras alvejando
 Com os grossos rebanhos , as campinas
 Com as louras searas ondeando ;

E ao grato som das brandas sanfoninas ,
 Ao lar cantando , ensinareis aos filhos ,
 De que ovelhas as lãs são as mais finas.

Para casa trarão vossos novilhos
 Chiando os carros com o peso grato

Das roixas uvas, dos dourados milhos.

Penderão sempre no espinhoso mato
As duras avelãs, molles castanhas,
E nedio trareis sempre o vosso fato.

Abundantes serão vossas montanhas
De tudo quanto a Natureza cria,
Gabadas inda mais do que as estranhas.

Oh Naiades do Tejo! o feliz dia
Notai com pedra branca; e vós, Pastores,
Cortai nos troncos versos á porfia.

O louro Febo sempre os resplandores
Sobre elle lançará; porque ás estrellas,
Subão os troncos, subão seus louvores:

Tenras flores colhei, formai capellas,
E em honra do Pastor, que estas campinas
Faz com seu zelo cada vez mais bellas;

Do Tejo sobre as margens cristallinas
Hum digno altar lhe erguei, todo adornado
De verdes louros, candidas boninas:

De freixos o cercai, porque do gado
A planta immunda o não profane, e seja
Entre os pastores hum lugar sagrado.

E como a santa Pales se festeja
 Todos os annos, o Pastor gracioso
 Celebrado por vós sempre se veja :

Em cujo sacrificio, do gostoso
 Leite dous tarros, dous de sangue puro,
 Dous do vinho odorifero e espumoso,

(Porque se lave todo o rasto impuro
 Da desordem passada, e semelhantes
 Não possam succeder para o futuro)

Sobre as entranhas inda palpitantes
 De hum bráço touro aos altos Ceos fumádo,
 Entre os louros c'o fogo crepitantes,

Tres vezes derramai, e em verso brando
 Cantem as Ninfas, dançem os pastores,
 A victima tres vezes rodeando.

Mas que brilhantes densos resplandores
 Se derramão no Menalo sagrado,
 Cercão da santa Arcadia os goardadores?

Ah sim ! sobre elles os olhos tem lançado
 Este grande Pastor: já vejo o monte
 Mais que o Pindo, q' o Olympo levantado.

Já vejo... e os olhos fitos no horizonte
 Suspensa fica: longo tempo o hyno

Soou o bosque, repetio a fonte:

ELPINO.

Que premio te darei, Pastor divino;
Por esses grandes versos que cantaste;
Que delles e de ti o julgue dino!

Tão docemente a cithara tocaste,
Que os leves passarinhos se calárão,
Em quanto o brando canto modulaste:

Nunca tão sonoras se quebrárão
Na praia as ondas, nunca pelas sestas
Tão suaves os ventos respirárão.

E tu Senhor das Tagicas florestas,
A quem o pastorib contentamento
Hoje consagra as innocentes festas;

Em quanto a rude lyra fere o vento,
Se humilde verso voa ao teu ouvido,
Os meus humildes versos, ouve attento:

Nunca as garras do lobo enfurecido
Sinta o teu gado, nunca te emmagreça
De venenosos olhos offendido:

Tua seara alegre nasça, e creça,
E no inverno, ou verão o novo dia
Rosado para ti sempre amanheça:

Tragão-te da corrente leda e fria
 As Tagides gentis o metal louro,
 A tinta que no murice se cria; (1)

E soltos pelo collo os fios de ouro
 Nas florestas as Deosas campesinas
 Croas te formem de virente louro:

Hervas de força occulta, hervas divinas,
 Que não conhecem rusticos pastores,
 Para offertar-te colhão nas campinas:

(1) O Author desapprovou os Terceiros que se seguem, e com que primeiramente se acabava este Idyllio, por causa da palavra campanha, que aos intelligentes da Lingoa pareceo não ter a significação, que aqui se lhe dava. Porem como a pesar disto não deixa o Poeta de usar della, e com razão, em muitos outros lugares dos seus Poemas, não ha motivo porque se deva de todo desprezar a primeira lição.

E soltos pelo collo os fios de ouro,
 As Dryades te teção na montanha
 Frescas capellas de virente louro.

Hervas occultas de virtude estranha,
 Que nós outros mortaes não conhecemos,
 Para offercer-te colhão na campanha:

Que nós no teu altar offerceremos,
 Da pobre Arcadia pobres goardadores,
 Toscos, mas puros dons, quanto podemos,

As brancas lãs de todas as melhores *

Que nós de Arcadia pobres goardadores,
 No Menalo frondoso te ergueremos
 Huma Estatua croada de mil flores:

De cedro por agora a lavraremos,
 Mas se forem crescendo nossos gados,
 Outra de branco marmore faremos.

Os tenros cabritinhos das manadas,
 E de nossos cerrados fructa e flores;

As douradas maçãs inda orvalhadas,
 As uvas, as cerejas, com as viçosas.
 Flores do endro cheiroso misturadas;

As cacias, as eecens, as brancas rosas,
 Os morangãos, que nascem pela terra;
 Para cantar-te, as frautas sonorasas.

Tempo virá, se a idéa me não erra,
 Em que das sombras, onde o esquecimento
 As mais bellas acções tiranno encerra,

Ao som de mais sonoro alto instrumento
 Eu livrarei as tuas, e cantando
 Farei que pare a ouvir-me o rijo vento.

Então sublimes versos modulando
 Nas ribeiras, que o fresco Tejo lava;
 Que não me vença fico o Pastor brando,

Que quando a doce voz ao ar soltava;
 O nome de Amaryllis soberano
 Do claro Mincio ás selvas ensinava;
 Nem o grande Pastor Syracusano.

Ante ella humildes todos e prostrados,
Diremos sem cessar os teus louvores,
Dirão teu Nome os valles apartados.

As brancas lãs de todas as melhores,
Os tenros cabritinhos das manadas,
E dos pobres cercados fructa, e flores;

As douradas maçãs inda orvalhadas,
As uvas, as cerejas, com as cheirosas
Salvas, e madresilvas misturadas;

As flores do endro, e cacia, as brancas rosas
Cheos de amor ali te offerceremos
Ao doce som das frautas sonoras;
Toscas, mas puros dons, quanto podemos,

XIII.

Interlocutores: Tirse, Elpino:

As partes de Tirse são de Theotónio
Gomes de Carvalho; e as de Elpino, de
Antonio Diniz da Cruz e Silva. Foi reci-
tado na Arcadia em a Conferencia de 30 de
Setembro de 1758.

TIRSE:

SUspirado Pastor, seja bem vindo
Da Arcadia aos campos, campos q̃ saudosos

Estão da tua amavel companhia :
 Sejas bem vindo , porque te asseguro ,
 Que mais grato não he aos lavradores
 O Sol nas eiras , que na Arcadia Elpino.
 Tu bem sabes o preço em que te estimão
 Do Menalo os pastores , todo o instante
 Por ti me perguntavão : estes valles ,
 Costumados a ouvir teus brandos versos
 Nas bocas das bellissimas serranas ,
 Aos meus ouvidos tristes ais mandavão ,
 E lá de quando em quando repetião :
 Elpino adonde está ? que faz Elpino ?
 Sejas bem vindo ; já terão descanso
 Estes meus olhos que d'aquelle outeiro ,
 Que sobre o claro rio se debruça ,
 Até agora pendentés estiverão.
 Alegre o nosso monte a tua frauta ,
 Que saudosos de teu suave canto
 Se ião secando já estes pinheiros.

ELPINO.

A poderosa força do destino ,
 Que de vós me apartou , por tanto tempo
 Saudoso de vossas doces sombras ,
 Oh florestas de Arcadia , me deteve.
 Mas não presumas tu , amado Tirse ,
 Que são menos graciosas as ribeiras
 Do cristallino Tejo , que as floridas
 Margês do nosso Alfeu ; tábem seus montes

Respondem dos rabeis ao som silvestre ;
 Nem só escuta o Menalo sombrio
 De musico pastor brandos amores.
 Tambem nellas cantei , tambem na luta
 C'os mais destros pastores de seus campos
 Arte e forças provei , e muitas vezes
 As serranas me virão (fosse acaso ,
 Ou destreza apprendida em nossos jogos)
 Entre nuvens de pó lançar por terra
 O robusto contrario , e satisfeitas
 Com capellas de louto me croarão.
 Poeta me chamavão ; mas eu , Tirse ,
 Credito lhes não dou , pois bem conheço
 Que versós não entòo ainda dignos
 De ti , de Coridão , da nossa Arcadia.
 Mas em tanto prazer, oh bella Arcadia, (1)
 (Por testemunhas chamo as loutas Ninfas,
 Das incultas florestas) quantas vezes
 Saudoso suspirei pelos teus montes !
 Porem que mais podia o vosso Elpino ,
 Se não era senhor da liberdade !

TIRSE.

Oh ditoso Pastor! que perder foste
 A cara liberdade nos amenos

Tom. II.

M

(1) Var. Mas em tanto prazer, as louras Ninfas
 D'aquellas frescas selvas (a quem chamo
 Por' feis testemunhas) quantas vezes
 Me ouvirão suspirar pelos teus montes.

Campos do Tejo, onde vive Alcipe :
 Perdoai-me, Hamadryades de Arcadia ;
 Bellas Ninfas do Alfeu, em paz ouvi-me,
 E não tenhais a mal, que aquelles campos
 Ante vós eu suspire : oh doces campos !
 Em quanto vos amar Alcipe bella,
 Sempre ferteis sereis, sempre abundantes
 De gratos fructos, de mimosas flores. (1)
 Mas Elpino, tu preso ! que pastora
 Pòde tanto fazer ? não hes aquelle,
 Que tantas vezes (inda, inda o éco triste
 De horror e compaixão a alma me fere)
 Fizeste retumbar estas montanhas,
 Chamando impio Amor, Tresea impía ?
 Pois como tão depressa te entregaste
 Nas mãos do mesmo Amor, que maldizias ?
 Que tu fosses amado das pastoras,
 Que a tua frauta, que o teu canto ouvissem,
 Não era muito, que elle tudo encanta,
 Tudo apòs si suavemente arrasta ;
 Mas tu preso ! quem he que pòde tanto ?

ELPINO.

A pastora Licori, inda mais bella (2)

(1) E em vez do inutil cardo, e da amargosa
 Peçonhenta sardonía, dareis sempre
 Louras espigas, saborosos cachos,
 Mas Elpino &c. (*Collecção 1.*)

(2) Que a estrella da manhã, que o Sol d'inverno,
 Que a fresca &c. (*Collecção 1.*)

Que a fresca rosa na manhã de Maio ,
 Com hum só volver de olhos descuidados
 Mais violento , que todos os encantos
 Da magica Simetha (1), n'hum instante
 Foi quem do coração o antigo estado
 Mudar me pôde : e já que juntos ambos
 Estamos neste bosque , ao som das lyras ,
 Eu da bella Licori , e tu de Alcipe
 Ao vento os doces nomes repitamos.

TIRSE.

Sim , Pastor , principia : a tua lyra ,
 E o Deos , q' já cantou de amor nas selvas,
 Doces versos me inspirem , doces versos.

ELPINO.

Oh formosa Licori , inda mais branca
 Que a branca nata , muito mais corada
 Que as coradas maçãs : antes que esprema
 Tinto de mosto o rustico Serralvo
 No cheiroso lagar as reixas uvas ,
 Vejam meus olhos teus formosos olhos.

M ii

(1) Simetha he o nome de huma mulher, que Theocrito introduz em hum de seus Idyllios, fazendo varios encantos para attrahir ao mancebo Delphis ao seu amor. A isto allude Elpino no lugar notado.

TIRSE.

Oh bellissima Alcipe , inda mais bella
 Que a estrella da manhã , q̄ o borbulhante
 Cristallino reflexo das estrellas ,
 Antes que o Sol a meus saudosos olhos
 Tres vezes appareça , e tres se esconda,
 Meus olhos veção teu sereno rosto.

ELPINO.

Busca a cabra a giesta , o lobo a cabra ,
 O cheiroso tomilho a loura abelha ,
 Da frigida ribeira o niveo cisne
 As agoas vagarosas ; mas Elpino
 Só da linda Licori os olhos busca.
 Cada hum vai correndo apòs seu gosto.

TIRSE.

Teme o lobo o rafeiro , a ovelha o lobo ,
 O ligeiro veado a subtil rede ,
 E os vãos latidos do sagaz sabujo
 O timido coelho : porem Tirse
 Só teme as iras da formosa Alcipe.
 O seu estrago cada qual recea.

ELPINO.

Outro dia cahio em minhas redes
 Hum par de pombas branco como a neve ;
 De entre as ramas corri logo a buscallo ,
 E ao prendellas lhes disse alvoraçado :

Se meus rusticos dons Licori aceita,
De Licori sereis, aves ditosas.

TIRSE.

Ontem ao collo da malhada ovelha,
Do rebanho esperança, a curva ponta
De hum cervo pendurei, porq̃ o máo olho
De invejosa pastora a não offenda.
Feliz ovelha, pasce a molle relva,
Feliz ovelha, que has de ser de Alcipe.

ELPINO.

Amo a bella Licori mais que todas
As pastoras do Tejo, porque alegre
Pelas sestas me busca, e da cabana
Me traz o fresco leite, os frescos queijos,
E de violas, trevo, e madresilva
O malhado pelico me guarnece.

TIRSE.

Que ditas me não jura Alcipe bella!
Oh ventos repeti suas palavras!
Amo-a mais que todas; pois chorando
Se apartou de meus olhos, e tres vezes
Voltou o rosto atrás, tres disse afflicta:
A Deos, amado Tirse, a Deos, meu Tirse!

ELPINO.

Meninos, que colheis pelos silvados
As purpureas amoras, os murtinhos;

E vós moças gentís, que pelos campos
Andais as varias flores apanhando,
Colhei todos, colhei murtas e rosas,
E com ellas croai Licori bella.

TIRSE.

Oh pastores de Arcadia, oh pegureiros,
Que as frescas margens do famoso Tejo
Habitaes felizmente, brandos versos
Em louvor de pastora branca e loura,
De sincera affeição, de animo liso
Componde, e cantareis da minha Alcipe.

ELPINO.

Junto desta ribeira, em quanto aos montes
Teu nome ensino, e o nome teu as grutas
Repetem, oh bellissima Licori,
De lisas canas hum cestinho teço;
De flores t'ó hei de dar, Pastora, cheo,
Porque de inveja estále a má Tresea.

TIRSE.

Na fonte dos loureiros, onde Marcia
Por sua mão gravou: Marcia he de Tirse;
Escrevi humas letras, que assim dizem:
Tirse he de Alcipe: porq' a ingrata o saiba,
E de raiva não torne mais á fonte,
E lhe mortão de sede os seus cordeiros.

ELPINO.

Ama Lidia as mosquetas, Firne as rosas,

Os goivos Dinamene, Arminda os lirios;
 Mas a minha Licori ama os hyacinthos,
 D'hoje em diante onde houver hyacinthos,
 Fujão da sua vista envergonhados
 As mosquetas, as rosas, goivos, lirios.

TIRSE.

Em Dircea infiel louros cabellos
 Ama Ulizo contente, em Marcia Alcido
 Os inquietos graciosos olhos:
 Mais q' Ulizo, e que Alcido eu sou ditoso,
 Pois na formosa Alcipe unidos amo
 Louros cabellos, graciosos olhos.

ELPINO.

Mais aspero, que os asperos ouriços,
 Oh suave Licori, eu te pareça,
 Ou qual da folha o tronco despojado,
 Despojado de ti, Ninta, me veja;
 Se não sinto inda mais que a propria morte
 Os dias desta ausência rigorosa.

TIRSE.

Mais amargo que a amarga tamargueira,
 Oh bellissima Alcipe, inda eu te seja,
 E inda mais abatido e despresado
 Que a despresada e vil alga marinha,
 Se ver teus olhos hum pequeno instante
 Mais grato me não he que a propria vida.

ELPINO. (cendo
 Não mais, Pastor, não mais, que o Sol des-
 Vai a esconder-se atrás daquella serra,
 E o Menalo por nós ha muito aguarda.

TIRSE.

Sim, Pastor, já do Monte as sombras cahem.

XIV.

Idyllio: Elpino, e Tirse.

Veja-se a advertencia ao Idyllio X.

ELPINO.

Toma, meu Tirse, toma esta capella,
 Que inda agora teci. A crespia murta,
 E branca madresilva entretecidas,
 Com mil boninas de diversas cores,
 Oh que suave cheiro della exhalão!
 Em suas folhas, qual miudo aljotre,
 Da luz do Sol feridas inda brillão
 Do cristallino orvalho as frescas gotas.
 Est'outra, que aqui vês, m'a deo Alcido,
 O velho Alcido, que do manso Lima
 As serenas ribeiras fez famosas:
 Com ellas nos croemos, e este dia,
 Que a memoria renova do primeiro,

Em que os Zagaes do Luso se ajuntarão
 Na Arcadia, a restaurar das santas Musas
 O puro e antigo estudo, que outro tempo
 Entre elles florecera, e que mudado
 Por desgraça dos tempos todo estava,
 Ao som das doces frautas decantemos.

TIRSE.

Sim, amado Pastor, cantemos ambos
 Hum dia tão feliz: sua memoria
 Dos pinheiros á sombra celebremos.

ELPINO.

Começa, Tirse, pois, q' eu te respondo,
 Que o canto alternado as Musas amão.

TIRSE.

Agrestes Deoses, Deoses protectores
 Dos campos, dos rebanhos, e dos fructos,
 E que as chuvas mandais ás sementeiras
 Tu dos bosques cultor, tu que de Cea
 Pelas vastas campinas apascentas
 Trezentos bellos remendados touros:
 E tu, oh Pan Tegeu, se não perdeste
 Inda ao Menalo o amor, os patrios lares
 Deixai todos, deixai, e vinde todos,
 Pois eu canto de Arcadia, a dar-me ajuda

ELPINO.

Pois eu canto da Arcadia, a dar-me ajuda

Vem, oh Pastor de Anfrizo, vinde, oh Mu-
 E deixádo as corrêtes de Permesse, (sas !
 Na lyra me inspirai hum novo canto,
 Digno de vós, e digno deste dia:
 Mas já de seu favor cheo me sinto;
 Ouvi-me, oh Faunos, vós agrestes Nin-
 E tu, Menalo umbroso, costumado (tas (1)
 Das frautas pastoris a ouvir os écos:
 Ah tu, Nume, me escuta, se te move
 De teu florido monte a antiga gloria.

TIRSE.

De teu florido monte a antiga gloria
 Neste dia se augmenta, nas montanhas
 Nos valles e nas selvas sôa: Arcadia,
 Arcadia as fontes dizem; e se a Baccho,
 E a Ceres os pastores fazer usão
 Todos os annos novos sacrificios,
 Do Menalo os pastores te consagrão;
 Oh grande Apollo, votos neste dia.

ELPINGO.

Oh grande Apollo, votos neste dia
 Não só te offertão os Zagaes do Menalo,
 Mas da Arcadia todos os pastores.
 Em torno a teus altares pelos bosques
 Com as douradas pontas cem novilhos
 A sagrada bipenne esperão mansos;

(1) O Author escreveu: ouvi-me agrestes Ninfas.

Em quanto em teu louvor os hymnos cãtão
Os pastores , que são no canto mestres.

TIRSE.

Dos pastores , que são no canto mestres ,
O som mais grato que o murmurio brando
Do ribeiro entre as pedras , se hoje imito,
De quatro cervos as ramosas pontas ,
E de hum cerdoso porco a hirsuta testa ,
Oh bella Irmã do Sol , eu te prometto.

ELPINO.

Oh bella Irmã do Sol , eu te prometto ,
Se fazes que meus versos hoje venção
O canto dos mais sabios goardadores ,
Hum leve corço (pois que mais não posso)
Que crio de pequeno em meus cercados ,
E na rede pintada as aves presas.

TIRSE. (1)

E na rede pintada as aves presas
Não estão mais seguras , do que sempre
Dos Arcades ao som das doces frautas
Pelos ramos estão presos os ventos.

ELPINO.

Pelos ramos estão presos os ventos ,

(1) Os doze versos seguintes omittem-se na
3. Collecção,

As cristallinas fontes não murmurão,
 Calão-se as aves, parão os ribeiros,
 Só por ouvir dos Arcades o canto.

TIRSE.

Só por ouvir dos Arcades o canto,
 Transformou-se em pastor o louro Febo.

ELPINO.

Transformou-se em pastor o louro Febo,
 De entrar na nossa Arcadia cubiçoso.

TIRSE.

De entrar na nossa Arcadia cubiçoso
 Tityro nova vida aos Deoses roga:
 Os Deoses tornão a habitar as selvas,
 Cobiçosos de entrar na nossa Arcadia.
 Oh tres vezes e quatro venturosos
 Pastores, que goardais o manso gado
 A' sombra dos pinheiros, que vos ouvem,
 Que a fronte por ouvir-vos talvez dobrão.
 Oh tres vezes e quatro venturosos,
 Pastores, que goardais o manso gado.

ELPINO.

Pastores, que goardais o manso gado,
 Para quem croas mil Apollo tece
 De vivaz louro, de cheirosos mirtos;
 Em sacrificio ás Musas neste dia,
 Porque creça da Arcadia o nome e gloria;

Hum branco cordeirinho , que inda mame
 Devotos offrecei , e de espumoso
 Odoritero vinho duas taças
 Sobre elle derramai , duas de leite ,
 Porque creça da Arcadia o nome e gloria ,

TIRSE.

Porque creça da Arcadia o nome e gloria ,
 Saibão as gentes , que por estes pinhos
 Despresa Venus as cheirosas murtas ,
 Alcides o carvalho , Baccho as vides.
 Febo nos ama , amão-nos as Ninfas ;
 Deixa Dircea o namorado Ulizo ,
 O rustico Selvagio larga o campo.
 Ah ! croai-me , pastores companheiros.

ELPINO.

Ah ! croai-me , pastores companheiros ,
 Pois estes pinhos com meu canto folgão ;
 De nardo me croai , porque má lingua
 Ao poeta , que crece , não offenda.
 Ah se vós me croais , pastores sabios ,
 Não cederei ao Thracio Orpheu cantando ;
 Farei que deste dia o nome chegue
 Aos ouvidos dos Deoses soberanos.

TIRSE.

Aos ouvidos dos Deoses soberanos
 Não voarão jamais cantos tão gratos ;
 Nem quando a bella Euridice do reino

Da escura sombra foi de Lino o filho
 Pedir aos Deoses, como o nosso canto.
 Oh feliz dia, dia venturoso!

ELPINO.

Oh feliz dia, dia venturoso,
 Por quem tornarão as celestes Musas
 Habitar nossas selvas: prazer tanto
 De flores coroadas a Primavera
 Não traz aos ermos campos, ás searas,
 Quanto trazes contigo á nossa Arcadia.

TIRSE.

Quanta trazes contigo á nossa Arcadia
 Esperança feliz, oh do novo anno
 Dia primeiro, não trouxerão nunca
 Aos lavradores em o campo as chuvas.

ELPINO.

Aos lavradores em o campo as chuvas,
 A's abelhas a flor, a fructa ás aves,
 O rocio á cigarra, á relva os rios
 Enchem de gosto, ao Menalo este dia. (1)

(1) Enchem de gosto, aos Arcades as Musas.

TIRSE.

Enchem de gosto aos Arcades as Musas,
 Com os Arcades as Musas sempre cantão.

ELPINO.

Com os Arcades as Musas sempre cantão,
 E larga para ouvillos Pan a frautá.

(Collecção 1.)

TIRSE.

Não mais, Pastor, não mais : ás saborosas
 Correntes de teu canto põe limite,
 Estes pinheiros dellas sequiosos,
 Bastante tem bebido.

ELPINO.

Sim, eu deixo
 A lyra já, que hum som mais accordado
 Que meu rustico canto ao longe soa:
 Cheguelmo-nos, Pastor, para estas sebes,
 Para ouvirmos melhor os seus accentos.

XV.

Proteo. Idyllio Piscatorio.

*Composto em 1759. Os versos que vão em
 nota serão omitidos pelo Author na ter-
 ceira e ultima Collecção.*

MElanurio e Sargalio pescadores,
 Ambos de idade igual, ambos famosos
 Pelo canto maritimo, estendendo
 Da Arrabida na costa pela sesta
 Ao Sol as redes, virão n'humalapa;
 Que a furia do mar bravo alí cavara,
 Na sombranceira roca estar dormindo

O Ceruleo Proteu, em quáto as Focas (1)
 Os limos prenhes d'agoa ruminavão.
 Ha muito que apòs si elle os trazia
 Pendentes das suaves esperanças
 De hum dia lhes cantar huns brádos versos ;
 Vendo porem agora tempo idoneo,
 Arremetem com elle, aos quaes se ajunta
 A travessa e garrida Cymodoce,
 Cymodoce gentil Ninfa das agoas, (2)
 E do barco com as cordas o prendêrão.
 Accordou o Pastor, e por fugir-lhes
 Em vão mil traças tenta, em vão mil formas;
 Humas vezes em fogo convertido,
 Sobee ondeando em crepitantes chamas,
 Outras mudado em negro touro ruge,
 Ou de hum manchado Tigre a péle veste :
 Ora como leão da adusta Libya
 A encrespada melena sacudindo,
 Açouta as fortes ancas com a cauda,
 E as curvas garras vibra enfurecido ;
 Ora como ribeiro fugitivo
 Por entre as mãos já quasi lhes escapa.
 Mas vendo em fim, que nada lhe aproveita,
 Começou a cantar. Então verias
 Socegarem-se as ondas, e das barcas,
 Que ião cortando o mar com vento feito,
 Afferrarem-se ao mastro as curvas velas,

(1) Pelas musgosas lagens reclinadas.

(2) Das filhas de Nereu a mais formosa.

E como para o ouvir ficar paradas:
 Porque (os accesos olhos retorcendo,
 E escumando) dizia o sabio Vate :
 Depois que o summo Author da natureza
 Os atomos do nada produzira ,
 Movimento lhes deo , onde enredados
 Huns com outros , d'aqui logo formára
 A terra com as plantas guarnecida ,
 O mar , e de seu centro os moradores ,
 Os Ceos , os astros fixos e os errantes ,
 E os temidos em vão roixos cometas.
 Cantou mais , como sendo centro fixo
 O Sol da opaca terra , o movimento
 Com que esta pelo vão espaço roda ,
 Os seus raios cercando , representa
 Aos olhos dos mortaes , que elle se mova.
 E logo porque sendo as agoas doces ,
 De Amphitrite gentil nos verdes campos
 Amargasas se tornão aos que as gostão :
 E como pelo Sol arrebatado (eleve ;
 O mar ferva , se empole , e aos Ceos se
 Mas pela opposta força reprimido ,
 Sobre as praias descaia , onde roncando
 Humas vezes se estende , outras se enrola :
 E porque o ar subtil sendo agitado ,
 Ora bramando em furacões terriveis
 Revolva o crespo mar em altas serras ,
 Ora soprando com susurro brando ,
 A's curvas praias leve as curvas barcas ,
 Que o mar de oppostos rumos vê rópendo.

Cantou mais, como tendo menos peso
 Que igual volume d'agoa as leves quilhas,
 Sobre as ondas azues correm boiantes;
 E tambem como os peixes nadadores,
 Nas pequenas bexigas comprimindo,
 Ou dilatando o ar que nellas goardão,
 Ou já sobem velozes pelas agoas
 A devorar as mentirosas iscas,
 Que nos curvos anzões das canas pendem,
 Ou já tremendo descem a esconder-se
 Nas frias lapas do profundo pego.
 Apòs isto cantou, como se gera
 Nas lisas conchas o miudo aljofar;
 E como sendo molle e verde planta
 Nas ondas o coral, sahindo dellas
 Em vermelho se muda, e se endurece:
 E porque na orvalhosa opposta nuvem,
 Quebrando o Sol o raio luminoso,
 O arco nos figura, onde pintadas
 Brillhão as sete cores que o esmaltão;
 E das conchas o seio se nos mostra (1)
 Ora roixo, ora azul, ora amarello.
 Cantou tambem da pedra portentosa,
 Que sendo pelos átomos movida,
 Busca no frio pólo as duas Ursas:
 A isto accrescentou, como roçadòs

(1) Isto soccede especialmente nas Conchas, a que os nossos Naturalistas chamão Cascas de cebolla.

Os dourados alambres , de si lanção
 Huns viscosos efluvios , que dispersos ,
 E pelo ar que os rodea rechaçados ,
 Os tornão a buscar como seu centro
 Com as palhas , que encontrão no caminho.
 E logo referio , como seguindo
 Pelas praias de Tyro a Ninfa bella
 O namorado Alcides , descobrira
 Por acaso do murice na casca
 A purpura , que os Reaes mantos guarnece.
 A estas cousas ajunta , como arando
 Ousado o grande Gama o mar soberbo ,
 O feo Adamastor lhe apparecêra ;
 E tambem o Mancebo glorioso ,
 Feliz Sebastião , se nunca vira
 Da barbara Ceguer o triste campo.
 Aqui a voz hum pouco levantando ,
 De outro grande Varão as acções canta ,
 Que de espanto encherão a toda a terra.
 Virá , dizia , oh Lisia , o feliz tempo
 Em que has de levantar tanto a cabeça ,
 Que chegues a tocar com ella as nuvens.
 Lograrás tanta dita , quando pronto
 Sobre ti vigiar o grande zelo
 Do famoso Carvalho , cujo nome
 (Proteo dizia) cujo grande nome
 De assôbto me enche o peito e de alegria :
 Este ainda mancebo pelas Musas
 Foi de Permesse á fonte conduzido ;
 Onde Febo de ouvillo namorado ,

Para adornar-lhe a fronte magestosa
Da cabeça tirou o proprio louro ;
Mas depois augmentando os doces annos ,
Do Tamisa verá as trias margens ,
E do grande Danubio os largos gèlos :
Alí deixando eterna a sua fama ,
A patria volverá cheo de gloria ;
Onde o grande Senhor de vossos mares
Nos hombros lhe porá mui grande parte
Do peso , que nos seus se sustentava .
Então ha de mostrar o Heroe famoso ,
Quanta virtude o grande peito encerra ,
Perseguindo a cobiça , dando amparo
Ao são merecimento maltratado ,
Opprimindo a maldade inda nascendo :
Então ha de cre er a pescaria ,
E nas vossas terver seguras praias
O maritimo povo , que contente
Nas grossas Náos de drogas carregadas
Passará desfaldando o ousado panno
A buscar n'outros mares , n'outros climas
As que avara lhe nega a natureza .
Então lançareis vós as grandes redes
Sem temor de Cossaios no mar alto ,
E d'entre a solta arèa sem fadiga
Colhereis o metal , que o Tejo leva .
Assim cantava , quando já nas ondas
O dourado pláneto se banhava :
Desatárão-no então os pescadores ,
E toráo-se a colher as negras redes ,

XVI.

Interlocutores: Thelgon e Palemo,
Pescadores; Elpino e Siveno,
Pastores.

As partes de Thelgon, e de Palemo são de Theotónio Gomes de Carvalho, e de Feliciano Alves da Costa. As de Elpino e Siveno são de Antonio Diniz da Cruz e Silva, e de Silvestre Gomes de Aguiar. *Este Idyllio foi recitado na Conferencia publica, que a Arcadia celebrou em Outubro de 1759 na Sala da Junta do Commercio, então sita na Cotovia, por occasião d'õ Senhor Rei D. José I. haver creado Conde de Oeiras ao Illustrissimo, e Excellentissimo Sebastião José de Carvalho e Mello.*

Os Quartetos impressos em Nota são tirados das primeiras Collecções.

THELGM.

A Fria sombra da patente faia
Deixa, simples Pastor, olha quão brando
Fresco zephyro cahe, e está soprando
Por entre as rochas desta amena praia.

Aqui sombra terás neste penedo,
 Que pouco a pouco as ondas tem cavado;
 Aqui podes comigo recostado
 Cantando o mar fazer sereno e ledo.

Se amas o monte, porque te recrea
 A vista das mimosas lindas flores;
 Aqui conchas prateadas de mil cores
 Não menos graça dão á branca areia.

As fontes, que por entre altos rochedos
 Se despenhão, não são mais deleitosas
 Do que as ondas, que em gotas espumosas
 Se quebrão sobre os concavos penedos.

Aqui Ninfas terás, aqui Diopea
 Mais branca do que a Lua, e mais corada
 Que os vermelhos coraes: tens a adorada
 De Polyphemo loura Galatea:

Outras muitas que a longa rede enchendo
 Te estem no fundo mar; outras que abrigo
 Te dem ao leve barco, e do perigo
 Das ondas e do vento o vão sustendo.

Se te agrada o som brando dos pastores,
 Que os trócos movem com as suas magoas;
 Também suspendem as furiosas agoas
 As cantigas dos lassos pescadores.

Ouvirá's Alicuto noite e dia
Ao som da lyra ás ondas ensinando
O nome a repetir suave , e brando
Da sua perigosa Lemnoria.

Quantas vezes ouvindo seus extremos ,
Os pescadores deste mar salgado
Nas barcas suspendidos tem deixado
Das calejadas mãos cahir os remos !

Debaixo desta lapa , que de limos ,
E de pardos cangrejos ves coberta ,
Fm quanto a Ninfa as redes lhe concerta ,
Que suavissimos cantos não lhe ouvimos !

Ah vem , Pastor , no em tanto lançaremos
Os chinchorros no mar ; de vir não deixes ,
Que passando em cardume vejo os peixes :
Oh se não vens, que lanço que perdemos !

SIVENO.

Goarda , rustico Thelgon , goarda o lanço ,
A outro aváro pescador o offrece ,
Que as fortunas do mar não apetece
Quem vive das florestas no descanso.

Se a inconstancia das ondas cristallinas
Tens por habitação doce e gostosa ,
Eu por ella não troco a deliciosa
E quieta frescura das campinas.

O brando murmurar das graciosas
Ribeiras, que estes valles vão talhando,
Não fazem aos ouvidos som mais brando
Do que o quebrar das ondas furiosas?

A madresilva, e mais hervas do mato,
Que cercão dos pastores as cabanas,
Do que as humidas verdes espadanas
Não tem vista melhor, cheiro mais grato?

Eu nada espero para ir levando
O gado a qualquer hora á fonte fria,
Como tu para a incerta pescaria
Esperas por maré, por vento brando.

Se ha no mar de Nereu as filhas bellas,
Diopea mais que a Lua cristallina;
Vive nos campos a gentil Carina,
Carina mais formosa, que as estrellas.

Ella a goardarme ajuda o manso gado,
Que pelos valles concavos se estende,
Com os rafeiros do lobo m'õ detende,
E com os olhos seus do máo olhado.

Se gabas de Alicuto o canto brando,
Com que prende a formosa Lemnoria,
Cá os lobos amansa á sombra fria
Aonio a ingrata Lilia celebrando.

Deixa as redes, a barca, deixa os remos,
Verás quanto do campo a vida he grata;
Vem á minha cabana, terás nata,
De leite hum grande tarro beberemos.

PALEMO.

Onde, Thelgon, estás? como ao descanso
Contra o costume teu assim te entregas!
Deixas em seco a barca em que navegas?
Quando pertendes ir deitar o lanço?

Olha o mar como está quieto e brando,
E o zephyro soprando lentamente,
Para o barco levarmos, docemente
Com seu susuiro nos está chamando.

Não escutas por essa penedia,
Que tão suaves sombras aqui lança,
Os leves maçaricos, que bonança
Nos segurão com sua melodia?

Pois que fazes na praia recostado,
O tempo em vás disputas entretendo?
As redes vai na barca recolhendo,
E tu, rude Pastor, volve ao teu gado.

ELPINO.

Oh dia de prazer, de immenso gozo!
E como poderão rudes pastores
Dignamente cantar os teus louvores,

Oh dia de prazer , de immenso gozo !

Tudo inspirando está contentamento ,
Huma fonte risonha ali murmura ;
Aqui movendo os ramos da espessura ,
Que aprazivel susurro faz o vento !

Parece que tambem no mar se sente
O prazer , que derrama tão bom dia :
Como estanhado está ! com que alegria
Saltão os peixes fóra da corrente !

Venturoso Pastor , por quem se esmalta
Toda a miuda relva de mil cores ,
Por quem enxovalhando as tenras flores ,
Sem temor pelo pasto o gado salta :

Creça teu Nome , e tanto e tanto soe
Das nossas rudes frautas descantado ,
Que nas azas do Zephyro levado
Aos ouvidos dos altos Deoses voe.

Nunca a teus fructos a geada empeça ,
Horridos ventos , chuvas caudalosas ;
De nevados jasmims , vermelhas rosas
Sempre abundante o campo teu floreça.

As douradas abelhas susurrando
Por entre as flores , o sereno vento
As folhas encrespando com som lento ,

Estem sempre os teus sonos convidando.

O liso tronco deste verde louro
Deixarei ao teu Nome consagrado :
Venturoso Pastor, inda entalhado
Em jaspe o espero ver com letras de ouro.

Venturoso Pastor, que á nossa idade
Hes da antiga innocencia exemplo claro ;
Tu que ás Musas de Arcadia dás amparo ,
O voto acceita de huma sã vontade.

Se meu pequeno campo enriquecera
O ouro, que entre a arêa o Tejo espraia ,
Por esta graciosa e leda praia
D'ouro huma estatua em teu louvor ergue-
(ra.

Suavissimo Siveno , e vós do undoso
Serenos pego destros pescadores ,
Colhei ruivas conchinhas , colhei fiores ;
Ornai com ellas tronco tão ditoso.

Crece , planta feliz , dos Ceos amada ;
Com o Nome immortal aos astros chega ;
E nos campos serás , que o Tejo rega ,
De Nintas e pastores adorada.

Nunca pastor conduza pela sesta
A' tua sombra o gado petulante ;
Nunca desfolhe o vento sibilante

Teus ramos, quando brama na floresta.

Aqui soltas ao vento as louras tranças,
As Ninfas das florestas e dos montes,
Dos verdes troncos, das risonhas fontes
Formem lá n'alta noite alegres danças.

SIVENO.

Que Pastor louvas? que ditoso dia
Tanto engrandeces, dize, Elpino amigo?
Pois tambem queiro festejar contigo
Tão immenso prazer, tanta alegria.

ELPINO.

Oh Pastor, quanta gloria nos espera!
Torna a sã innocencia entre os pastores,
Torna a abundancia, torna de mil flores
Croada huma continua primavera.

Mas já rompendo vem os brandos ventos
O coro pastoril, o que pertendes
Melhor d'elle ouvirás, se acaso entendes
Os misterios que envolvem seus accentos.

C O R O.

As nossas frautas
Accostumadas
A's namoradas
Queixas de Amor,

Soar não se oução
 Em tão bom dia,
 Mais que alegria,
 Mais que louvor.

PRIMEIRA VOZ.

Do mais sabio Pastor,
 Que verdes campos té hoje tem pisado,
 A cantar os louvores
 Este dia feliz he destinado.
 Oh! e como serenas
 Correm as claras fontes,
 E das mais bellas engraçadas flores
 Estão cheos os montes,
 E entre as folhas das arvores o vento
 Ficou sem movimento!

SEGUNDA VOZ.

Os leves passarinhos,
 Pendurados dos rusticos raminhos,
 Jamais a luz da Aurora festejarão
 Com tão doce harmonia,
 Como festejão tão ditoso dia.

PRIMEIRA VOZ.

A Deosa das searas,
 Que vigia sobre ellas cuidadosa,
 Em tão alegre dia,
 O rustico exercicio despresando,
 Não ha lirio no prado, não ha rosa,

Que não ande colhendo,
 Para adornar a merecida croa
 Deste Pastor glorioso,
 Que o Tejo mais que o Tibre fez famoso.

SEGUNDA VOZ.

Em que dia se vio nos nossos montes
 O Semicapro Deos todo croado
 Das hervas mais cheirosas,
 Que regão claras fontes;
 A cornigera fronte semeada
 Das mais viçosas flores,
 Ao som das sete canas armoniosas,
 Não entoando queixas amorosas,
 Mas cantando os louvores
 Do mais sabio Pastor entre os pastores.

AMBAS.

Oh dia mais feliz, mais desejado
 De quantos tem trazido o Sol dourado!

PRIMEIRA VOZ.

As verdes Napeas
 Com prazer e amor
 A gloria celebrão
 Do nosso Pastor.

SEGUNDA VOZ.

Os Satyros deixão
 As Nintas fugir,

E Diana as teras
 Já não quer seguir.

AMBAS.

Oh que maravilha
 O Ceo nos mostrou !
 Oh que alegria
 O Ceo nos causou !
 Não se acabe hum dia ,
 Que ha tanto pedimos ,
 Hum dia , em que vimos ,
 Que o Pastor mais sabio
 Astrea croou.

THELGON.

Não dão mais gosto aos lassos pescadores
 No perigo da horrenda tempestade
 Das Alciones a branda suavidade ,
 Do que aos ouvidos meus estes pastores :

Para ouvillos as ondas socegadas
 Tem Neptuno ; não bate Eolo as vélas ,
 E de Doris gentil as Ninfas bellas
 Dos barcos sobre a proa estão sentadas.

Attonitos os peixes andão , ora
 Buscando a praia , ora a lapa fria ,
 E os delfins attrahidos da armonia
 Com as douradas cabeças da agoa fora :

Mas que Pastor he este , entre os pastores
De tanta gloria , nome tão famoso ,
Não conhecido no alto peço undoso
De nossos velhos sabios pescadores ?

ELPINO.

Rustico pescador , como he possivel ,
Que a teus ouvidos não chegasse o brado
Do nome de hum Pastor , tão decantado
Do Tejo pela margem aprazivel ?

D hum Pastor , q̄ entre nós he o primeiro ,
E tanto sobre os mais levanta a fronte ,
Quanto sobre os arbustos deste monte
Levanta a aguda rama esse pinheiro.

De hum tão grande Pastor , por quem o fado
Tornou a nossos campos o socego ,
Por quem lanças as redes no alto peço ,
Por quem goardo no monte o manso gado.

Elle a priguiça vil de nós desterra , (1)

(1) Elle a vil ambição de nós desterra ,
Faz gastar os arados na lavoura ,
As espigas por elle Ceres doura ,
Goarda Pales o gado pela serra.

Por elle não veremos cada dia
Alheo gado entrar nossos pascigos ,
Nossos só hão de ser os nossos trigos ,
E vossa será só a pescaria.

E a industria agasalhando , a pescaria
 Faz crescer entre vós de dia em dia ,
 E entre nós os rebanhos pela serra.

Por elle pescão já no fundo rio
 O aljofar fino as Tagides formosas ;
 Por elle d'entre a arêa cuidadosas
 Tirão cantando o precioso fio.

Mil vezes visto as tem nossos pastores ,
 Quando á veia do Tejo mansa e fria
 Levão os gados seus ao meio dia ,
 C' huma concha escrever os seus louvores.

E tu , que no alto mar foste creado ,
 E de sempre lançar as redes nelle
 Das mãos endurecida tens a pelle ,
 Rouca a voz , e o cabello emmaranhado ;

Inda do Nome seu estás incerto ?
 Ah pobre Thelgon , pescador grosseiro !
 Volta os olhos ; contempla esse loureiro ,
 Nelle o verás por minha fouce aberto.

THELTON.

„ Arvore sou a Alcestes consagrada. „
 Ao grande Alcestes ! Arvore ditosa !
 Sempre te veja eu verde e frondosa ,
 E nunca de voraz raio crestada.

PALEMO.

Ao grande Alcestes ! Arvore ditosa !
 Nunca profana mão te corte a rama ,
 Em ti creça o seu Nome e a sua fama ,
 E do tempo a pesar dure gloriosa.

THELGON.

Oh grande Alcestes , nosso amor e abrigo !
 Por quem redes e barco no mar tenho ;
 Por quem , sem recear contrario lenho ,
 Pelas ondas azues os peixes sigo.

PALEMO.

Oh grande Alcestes , nossa segurança !
 Por qué as vélas largo, empunho os remos ,
 Por quem a rica purpura colhemos
 Nos crespos buzios , quando está bonança.

THELGON.

Teu Nome escrevi já na branca areia ;
 De conchinhas azues , brancas , douradas
 As novas letras todas são formadas :
 De longe ao vello o mar a furia enfrea.

PALEMO.

Mas eu em grandes letras entalhado
 N'alta ponta o deixei desse rochedo ,
 Porque ao passar as barcas , com o dedo
 Seja dos navegantes apontado.

THELGON.

Porque me faltão as riquezas e arte ,
 Coroas de ouro fino te não teço ;
 Amas os versos , versos te offereço ,
 Que he quanto o pobre Thelgon pôde dar-
 (te,

PALEMO.

Nem versos , nem riquezas offertár-te
 Pode Palemo , pescador do Tejo :
 Mas se algum preço tem o bom desejo ,
 Te offereço o bom desejo de cantar-te.

THELGON.

Sereno pescador , que do Oriente
 Ve o lançar aqui o seu tresmalho ,
 De vermelho coral me deo hum galho ;
 Para Alcestes o goardo reverente.

PALEMO.

De dourados alambres tenho hum fio ,
 Eu cantando o ganhei ao destro Alcano :
 A ti o offerta , Alcestes soberano ,
 O pescador mais pobre deste rio.

THELGON.

Em quanto deste peço os nadadores
 Do fundo as frias lapas habitarem ,
 E pela arêa as ondas se quebrarem ;
 Cantarei noite e dia os teus louvores.

PALEMO.

Cessará de nadar no mar o peixe ;
 Cessarão de nascer na terra as flores ;
 Primeiro do que cessem teus louvores ,
 E de ouvir-se entre nós teu Nome deixe.

THELGON.

Mas que doce harmonia rompe os ares !
 Que suaves , que doces seus accents !
 Os écos dos sonoros instrumentos
 As Ninfas tornão dos profundos mares.

CORO DE PESCADORES.

Cantemos , cantemos
 Com doce harmonia :
 E em tão feliz dia
 Suaves accents
 Suspendão os ventos ;
 Entreem o mar.
 Nunca tão formoso
 Raios espalhando
 O Sol luminoso ,
 As ondas dourando ;
 Dos braços de Thetis
 Se vio levantar.

Mas qual novo portento , qual glorioso ;
 Oh do pelago undoso habitadores ,

Nume supremo neste fausto dia
 Move tanta alegria!
 E ao grato som das citharas sonoras,
 Dos sabios pescadores,
 Que entoão seus louvores,
 Os musgosos concavos rochedos
 Torna amenos e ledos;
 Faz soar com suavissimos accentos,
 Serena as ondas, e suspende os ventos.

Jamais tão ameno
 O Zephyro brando
 Copou branca vela,
 Jamais tão sereno
 Sobre a praia bella,
 O mar encrespando,
 As ondas quebrou.
 Tudo são portentos
 Nas ondas, nos ventos;
 Quem tantos prodigios,
 Oh Ceos, nos causou!

Mas já sinto, já sinto
 O gado de Proteo todo assustar-se;
 Tremer o fundo pego, e em crespos môtos
 De transparente escuma levantar-se,
 Tocar os horizontes: vejo, vejo
 (Oh grande maravilha!) precedida
 De Cerulêos Tritões, que os retorcidos
 Concavos buzios rijamente assoprão,

N' huma concha prateada ,
 De gotas cristallinas salpicada ,
 A sacra Thetis , de Neptuno esposa ,
 Tão gentil , tão formosa ;
 De vermelhos coraes cingida a fronte ,
 A fronte cristallina ,
 Qual já virão na humida campina
 Os mudos nadadores
 A Deosa dos Amores.
 Já todo o mar se abranda ,
 Já doces cantos todo o ar povoão ;
 E o Coro das suavissimas Seréas
 D'entre as plácidas ondas se levanta ,
 E do Tejo famoso a gloria canta.

CO R O.

Oh do famoso
 Tejo ditoso
 Habitação !

PRIMEIRA VOZ.

Em quanto Alcestes
 Tuas ribeiras
 Pisar gostoso ,
 Sempre as primeiras
 Do pego undoso
 Se chamarão.

SEGUNDA VOZ.

As louras conchas,
 Com que te arreias,
 Tuas douradas
 Ricas areias,
 Sempre invejadas
 Das mais serão.

SIVENO.

Que doce o canto foi dos pescadores!
 Que elles tão bem cantassem eu não cria:
 Ah caro Elpino, a sua melodia
 Fazer inveja póde a nós pastores.

No silencio da noite socegado
 O terno roixinol tão docemente
 A dor não canta, que no peito sente,
 Da innocente consorte separado.

C O R O.

Evohe, Evohe:

SIVENO:

Mas que estranho rumor ferindo os ares,
 Entre nuvens de pó dessa montanha
 Levantando-se vai? que voz estranha
 Faz soar esta praia e estes mares?

C O R O.

Evohe, Evohe.

PALEMO.

He verdade, Pastor, lá vem sahindo
 D'entre os ramos o Coro das Bacchantes:
 Olha, Thelgon, os Satyros saltantes
 Como os frondosos thyrsos vem brandin-

THELGON. (do! (1))

Olha o velho Sileno como inchadas,
 E vermelhas as veias traz do rosto;
 Roixos os beiços tem de negro mosto,
 As brancas barbas traz enlabusadas.

Nas ancas do jumento pendurado (do
 Vem o tinto quartão, de quando em quan-
 C'os balanços o vinho derramando,
 Da boca no lugar muito çafado.

Sobre as crinas de peitos já cahindo,
 Do jumento se agarra nas orelhas;
 Arquea bocejando as sobranceiras,

(1) Olha o carro de parras enramado,
 Que os mosqueados tigres vem trazendo,
 Olha o Padre Leneu, que vem bebendo
 Sobre huma chea pipa escarranchado.

De assim vello as Bacchantes se vem rindo
(do (1)).
ELPINO.

Que me dizes do Nume dos pastores!
Attenta como vem todo embrulhado
N' huma pele de touro remendado,
Como as pontas ornadas traz de flores?

Com os ligeiros saltos sacudindo
A pesada cabeça, os grandes molhos
Sobre os pequenos mal abertos olhos
Das cebollas cecens lhe estão cahindo.

Manchado das amoras o focinho
O thyrsos vibra já cambaleando;
E com tremula mão de quando em quando
Aos beiços chega hum cangirão de vinho.

Vede como pulando fere a terra
Ao rijo som dos Crotalos soantes:
Tem-te, rustico Deos! tende-o Bacchantes!
Ai que de costas cahe na dura serra!

Ei-lo em pé se levanta, e furibundo

(1) SIVENO.

He verdade as Bacchantes desgrenhadas
Por hum lado e por outro o vem cercando,
Em altas vozes, Evohe, gritando,
Todas de fresco sangue salpicadas.

Os assanhados olhos a nós vira :
 Ah fujamos , Pastor , da sua ira ;
 Fujamos , que o nariz tem rubicundo. (1)

CORO DE SATYROS.

Evohe.

Viva o Pastor ,
 Que destes Campos
 A gloria he.

Viva , viva. Evohe.

PRIMEIRA VOZ.

Neste copo cristallino
 Desse vinho purpurino
 Fumante , espumante,
 E brilhante

Lança , amigo , lança , lança :

Ei-lo vai cá para a pança

A' saúde do Pastor ,

Que destes Campos a gloria he.

TODOS.

Viva , viva. Evohe.

(1) Esta Bacchanal na maior parte foi composta por Tirse e Elpino , mas nella se achão também alguns versos de Feliciano Alves , excepto no recitado *Santo Padre Leneu* , que he todo do sobredito Elpino.

Roaz imprime o venenoso dente,
 Lança aqui
 Desse liquido rubi:
 Toca e bebe.

PRIMEIRA VOZ.

Toco, sim.

CORO.

Tim, tim.

SEGUNDA VOZ.

Lança o resto, lança, lança:
 Vá de festa, vá de dança,
 Toca o timpano, su, su,
 A ti digo, toca tu,
 Que eu cá faço hum balancé.

CORO.

Evohe:

TERCEIRA VOZ:

Este vinho mais superno
 Que o Falerno,
 Vai á saude
 Do grão Pastor,
 Que destes Campos
 A gloria he.

CORO:

Va á saude
 Do grão Pastor,
 Que destes campos
 A gloria he.
 Viva, viva. Evohe.

XVII.

Anthomelia. Idyllio. I, p. 72

Anfrizo.

*Recitado na Arcadia em o Ajuntamento de
 13 de Maio de 1764.*

NAs frescas margens do Sever frondoso
 Amava Anfrizo a Clori, o terno Anfrizo,
 De hum pequeno jardim cultor gracioso.

Pela Ninfa perdido tinha o siso,
 Pela Ninfa deixava sem cultura
 O roixo goivo, o candido narciso.

N'humã manhã de Maio fresca e pura;
 Quando a rosada Aurora apparecia
 Orvalhando dos campos a verdura,

N'um denso bosque o triste se metia;
 Onde ás flores da Ninfa rigorosa

Estas queixas , porem em vão , fazia :

ANFRIZO.

Oh Clori branca e loura , mais formosa
Que as tulipas do orvalho borritadas
Ao raiar da manhã fresca e saudosa ;

Para quem nas serenas madrugadas
Colho os brancos jasmins , as açucenas ,
Com a cheirosa salva misturadas :

Quando fim hão de ter as minhas penas ?
Com minha morte ? sim , a triste vida
Contente perderei , pois tu o ordenas.

Em meu peito abrirei mortal ferida ,
Cevar-te-has em meu sangue , cruel tera ,
Nas entranhas do Caucasó nascida.

Não bem contava a nona primavera ,
Quando vi tuas graças peregrinas ,
Quizera o Ceo , que a vista antes perdera !

Vinhas tu com Liseta inda meninas ,
Por sinal que era eu quem vos guiava ,
Colher deste vergel as flores finas :

Então de prazer cheo eu te apanhava
As rósas mais gentís , mais frescos lírios ,
Com que as douradas tranças te ennastrava :

Desde então começarão meus martirios ,
 Desde então em meu peito provo a chama,
 Tiranna occasião de meus delirios.

Oh Ninfa ingrata a quem deveras te ama ,
 Como ves sem piedade o triste pranto ,
 Que o triste Anfrizo só por ti derrama !

Como pode esquecer-te , Clori , tanto
 Aquelle tempo , tempo venturoso ,
 De nosso doce amor tão puro e santo !

Quando apenas o raio duvidoso
 Da Aurora no horizonte reluzia ,
 Buscava o teu casal cheo de gozo ;

E juntos em alegre companhia ,
 Sahiamos ao campo , e em doce festa ,
 Sem o sentir , passavamos o dia ,

Ora as fructas colhendo da floresta ,
 Ora os ninhos aos passaros furtando ,
 Ora á sombra cantando pela sesta.

Que vezes de entre os trigos apinhando
 O branco malmequer , o desfolhava ,
 Saber se me eras firme procurando ;

E se entre as suas folhas encontrava
 O presagio cruel de teus rigores ,

E c'o susto do rosto a cor mudava ;

Me dizias entrão com mil amores :
Se alguma cousa , Anfrizo , te mereço ,
Crè ao meu coração , e não ás flores.

Pois como tanto, oh Clori, hoje te esqueço,
Que sem de mim curar só te desvela
Seguir as teras pelo mato espesso ?

Quanto melhor me fora amar Florela !
Posto que o cego Amor m'a não figura
Nem como tu airosa , nem tão bella.

Ella com mil extremos me procura ,
Mil promessas me faz , mil dons me envia,
E que nelles me manda a alma jura.

Ella nunca de mim se apartaria ,
Flla a regar as flores me ajudára
Na serena manhã , na tarde fria ;

Ou quando a crespá murta eu tosqiára ,
Com os leves pa-sarinhos competindo ,
Que cantigas de amor me não cantára !

E tu de meus extremos te estás rindo ,
Nem as queixas escutas desdenhosa ,
Que por ti estou sempre repetindo.

Porque, cruel, porque? porq̃ hes formosa?
 Quem mais bella nasceo, mais engraçada,
 Que na manhã de Abril vermelha rosa?

Pois olha quão depressa desfolhada
 Tão differente está do que antes era,
 Que de todos a triste he despresada.

Já o inverno passou, e a primavera
 Vem de flores croada salpicando
 De miudos jasmis a torcida hera;

Os Zephyros suaves maneando
 As marchetadas pennas, subtilmente
 Por entre a verde murta andão voando.

Ah bella Caçadora! e quão contente
 Passára as horas, se quizera o Fado
 Que eu te tivesse agora aqui presente!

Quão satisfeito então de meu estado,
 Este ameno jardim cultivaria,
 Livre de qualquer outro vão cuidado!

Então nõ facil buxo eu cortaria
 Mil historias de amor, e mil figuras,
 Que por vivas as cresce a fantasia.

Então despenhar-se-ião das alturas
 De vistosas cascatas, os ouvidos

C'o murmúrio alegrando , as agoas puras :

Os ifs com os sycomoros floridos
De fresca sombra as ruas cobririão ,
Huns com outros então entretecidos :

A's nuvens em piramides iriáo
Os ciprestes ; a anemona , o hyacintho ,
O reinunculo a terra alastrariáo.

Clori falsa , por quem morrer me sinto ,
Vem ver-me , e verás logo executado
Tudo quanto vâmente aqui te pinto.

(tado ,
Não te envergonhe , não , meu pobre es-
Que eu tão rude não sou, nem tão grosseiro,
Que das Nintas não seja procurado.

Inda que humilde e pobre jardineiro ,
Toco a lyra , que o terno Orpheu saudoso
Nas márgens do Estrymon tocou primeiro.

Com ella o bom cantor pôde extremoso
Mover o monte , a selva circunstante ,
Parar no curso o rjo caudaloso.

Mas ai triste ! que monta ! se bastante
A mover-te não he , Ninfa mais dura ,
Que dura rocha , ou rigido diamante.

Ah volve, Clorí, a hum triste sem ventura,
 Que suspira por ti, arde, e desmaia,
 Que eterna fé, eterno amor te jura.

Agora que no Oriente a Aurora raia,
 Vem, Ninfa, colheremos as boninas,
 Antes que a prumo o Sol sobre ellas caia.

Aqui ha lagos de agoas cristallinas,
 Onde nadão mil cisnes, e cantando
 Saltão nos ramos aves peregrinas.

Ha fontes de registro, que cruzando
 O ar com seus cristaes, as varias flores
 Vão em subtis chuveiros borrifando.

Ha bosques de hera e murta, onde os Amo-
 A sesta vem passar á sombra fria,
 Depostos os cruentos passadores.

Ah vem, antes que vá crescendo o dia,
 E o Sol o rosto teu torne trigueiro,
 Que á neve faz perder toda a valia.

Aqui debaixo deste jasmineiro,
 Que soprado do Zephyro derrama
 De jasmíns sobre as murtas hum chuveiro;

Onde á sombra de sua fresca rama
 Já repousando estive em teu regaço

(Se he que repouso pode ter quem ama)

Poderás esperar hum curto espaço :
Em tanto que das flores mais graciosas
Hum lindo ramallete aqui te faço :

Nelle os goivos porei , as brancas rosas ,
O azar , pois tantos soffro a teu respeito ,
As cecens , as angelicas cheirosas :

Entre ellas meterei o amor perfeito ,
De tão diversas cores esmaltado ,
Por sinal do que trago no meu peito .

Vem pois , q̃ amor te chama onde te brado ,
Deixa a montanha menos que ti dura ,
Mova-te a compaixão meu pobre estado .

Que prazer achas , dize , que doçura
Em seguir ao raiar da roixa Aurora
O cervo voador pela espessura ?

Olha que inda no mato a fera mora ,
Que deo ao bello Adonis morte fea ;
Inda a formosa Venus , inda o chora .

Deixava o moço insano Cytherea
Envolta em mil suspiros , e assustada
Dos perigos , que em vão não arrecea ;

Só por seguir na selva emmaranhada
A temerosa corça, que se embrenha,
Dos alipedes galgos acoçada (1).

Onde, oh Adonis, onde te despenha
Esse cego furor! onde te guia,
Sem que o doce amor nosso te detenha?

Deixas, titanno, a minha companhia
Pelas teras, que buscas: quanto temo,
Que ellas castiguem tanta tirannia!

Oh que só em pensallo suo e tremo!
Assim Venus lhe diz, assim bradava,
Mas em vão se cansava o seu extremo;

Que seu pranto o cruel não escutava,
E em seus teros desejos embebido,
Na selva cada vez mais se emboscava.

Quando ao encontro dos lebreos seguido,

(1) Não se pôde duvidar, que as palavras compostas enriquecem e adornão muito hum idioma; e que a palavra *alipede*, introduzida aqui por Elpino, explica admiravelmente a ligeireza dos galgos: poderá parecer a alguns, que não convem á simplicidade de hum Idyllio, porem devem reparar, que ella se pôz na boca de Venus: e se ainda assim não ficarem contentes, leião em seu lugar *pressentidos*, ou *agodados*.

Lhe sahe das moutas javali furioso ;
Que nelle emprega o dente retorcido.

Por terra cahe o moço desditoso ,
Regando com seu sangue as tenras flores ,
As alvas mãos , o rosto tão mimoso :

Em vão accodem Venus e os Amores ,
Que já seus bellos olhos tem cerrado
Da eterna noite os funebres horrores.

Este caso fatal e desastrado
(O Ceo queira que em vão eu o não conte)
Odio te faça ao mato levantado.

Deixa , Ninfa formosa , deixa o monte ,
Volve a este vergel , no qual ha tanto
De meus olhos por ti mana huma fonte.

Aqui purpureas rosas , amaranto
Para ti vão as Naiades colhendo ,
Da Aurora rosciadas com o pranto :

Huma o branco regaço está enchendo
De jasmims ; para ornar-te a loura trança ,
Outra hum longo colar anda tecendo :

Mas que alegre , que subita mudança
Vejo nas flores , vejo na verdura !
Sim , resuscita Amor minha esperança ;

Entre as ramas o Zephyro murmura
Mais suave , regando as tenras flores
Mais risonha discorre a fonte pura.

Sim he Clori que chega , os passadores
Na aljava soáo , entre as tamargueiras
Cercada vem dos galgos voadores.

Os ramos apartai , plantas ligeiras ,
Deixai passar meu bem , q̄ alegre chega ,
Deixai passar meu bem , plátas grosseiras. . .

Ah doudo Anfrizo , tanto Amor te cega !
O cego Amor , q̄ entregue a vás quimeras
Deixas as tuas flores sem a rega.

Pelo monte a tiranna agora as feras ,
Sem de ti se lembrar , persegue airosa ,
E tu que a ver-te venha ainda esperas !

Deixa esperança já tão enganosa ,
E busca para emprego a teus amores
Ninfa , se não tão bella , mais piedosa.

Eu vou , vou arrancar aquellas flores ,
Que n'hum verde alegrete te goardava ;
Pois pagas meus extremos com rigores.

Assim o triste Anfrizo se queixava ;
E com a turva enchente de seus olhos ,

Mais que com agoa , seu jardim regava ;
Que em vez de flores produzia abrolhos.

XVIII.

Pharmaceutria. Idyllio.

*Recitou-se na Arcadia em 19 de Junho
de 1764.*

NHum feo bosque de sombrios teixos ,
Que do Sever nas margens se levanta ,
Junto de hum negro pego , que alí forma
A corrente do rio represada ,
No socego maior da fria noite
A bellissima Aglauro e Dorio bella ,
Solto o cabello , o esquerdo pé descalço ,
A' tibia luz , que pallida esparzia
Por entre as bastas arvores a lua ,
Com hum profundo silencio se metião.

Alí da muda selva o horror sagrado
Tremula e descorada a triste Aglauro
Desta sorte interrompe : Enche, oh Doric,
Essa negra caldeira de agoa negra
Do rebalçado charco, em quanto eu fogo
Nestes ramos accendo, e á fera Hecate
O triste altar levanto : já disposto
Para o horrendo prestigio as hervas tenho ;
Tudo já pronto está , só faltão versos.

Versos a Hecate , tristes versos demos.

Triforme Deosa , cujo altar tremendo
Tantas vezes no horror da noite escura
De negra ovelha com o fumante sangue
Banhado tenho , se alguma hora grata
A victima te foi , tu da Cidade
Mais veloz do que sobe a veloz chama
Deste louro , que aqui devota queimo ,
Me traze o meu Elpino , o falso Elpino.
Versos a Hecate , tristes versos demos.

Esse ramo de teixo n'agoa molha ,
E com elle tres vezes rodeando ,
Dorio , as sagradas aras , tres borrita
Esta imagem de cera , que aqui ponho.
Tres vezes dize : assim como se banha
Com a linfa encantada esta figura ,
Por Aglauro de pranto o falso Elpino
O rosto descorado afflicto banhe.
Versos a Hecate , tristes versos demos.

Agora tudo dorme socegado ,
Não sópra o vento , o rio não murmura ,
Nem das nocturnas aves se ouve o guincho ;
Só Aglauro infeliz não tem descanso :
Pague pois o cruel o meu desvelo ;
E qual em torno deste altar sagrado
Este crivo girando não socega ,
Não socegue sem mim o falso Elpino.

Versos a Hecate , tristes versos demos :

Esta de lá e seda negra fita ,
 A Empusa consagrada , humilde tomo ;
 E cuspindo tres vezes , vendo os olhos
 Desta imagé , tres digo em rouco accento :
 Assim como vendados tem os olhos
 Este vulto , que Elpino representa ;
 Assim para não ver prazer e gosto ,
 Em quanto me não vê , os tenha Elpino.
 Versos a Hecate , tristes versos demos.

(machos

Queima , Dorio , as verbenas , queima os
 Encensos , que alí tens da parte esquerda :
 Tu não ves que se apaga o sacro fogo ,
 Que do horrivel encanto o rito horrivel
 Se perturba ? tambem tu me escarneces ,
 E da parte te pões do falso Elpino ,
 Do falso Elpino , que de amor me mata ?
 Ah não ! renova a quasi extincta chama.
 Versos a Hecate , tristes versos demos.

Essas pedras de sal tu n'agoa lança ,
 Em quanto eu na fogueira esta resina
 De venenoso teixo aqui colhida ,
 Das costas para trás espalho e lanço ;
 Dize comigo : assim como no fogo
 Se inflamma esta resina , este sal n'agoa
 Se desfaz e derrete , se derreta
 Por Aglauro , e se inflamme o falso Elpino :

Versos a Hecate , tristes versos demos.

Já treme o sacro altar , já muge a terra ,
 Uiváo raivosos cães ; indício certo
 De que chegando vem a fera Deosa.
 Mas que ! tu , Dorio, tremes, tu desmaias !
 Mudas do rosto a cor , e balbuciente
 Não podes entoar o horrendo verso !
 Não tremas , não desmaies , que propicia
 Preside a triste Hecate ao nosso encanto.
 Versos a Hecate , tristes versos demos.

Versos podem do claro firmamento
 Despregar as estrellas , versos podem
 Parar do Sol o curso , das ribeiras
 Suspender a corrente arrebatada ;
 Com os versos pôde rude Lavradora
 Da Cidade trazer o amado Dafnis :
 Tragão também meus versos da Cidade
 O falso Elpino , que de mim se esquece.
 Trazei-me, versos meus, trazei-me Elpino.

Mas Elpino não vem , inda não cede
 A' dura força dos horrendos versos !
 E talvez na Cidade aos falsos mimos
 De Ninfa Cortesá agora entregue ,
 Do amor de Aglauro rustica não cura :
 Novo encanto usarei. novos conjuros ,
 A cuja força resistir não possa ;
 Os grilhões rompereí que m'o lá prendem.

Trazei-me, versos meus, trazei-me Elpino.

Aqui mil hervas ha , todas segadas
 Com nova fouce aos troxos resplandores
 Da nova lua , hippomanes , cicutas
 Do negro Ponto , da famosa Arcadia.
 Ha cinzas da ave Fenis , cinzas raras ;
 Marilia m^{as} deixou , com ellas pôde
 Trazer Marilia bella o seu bom dia ;
 Ellas tragão tambem o falso Elpino.
 Trazei-me, versos meus, trazei-me Elpino.

Eu vi com estas hervas muitas vezes
 Pelas encruzilhadas n^aalta noite
 Em curuja tornar-se a velha Panthia ;
 E as azas com medonho som batendo ,
 Pelos tectos entrar das aureas casas ,
 E nos braços das mãis , q^e em molle sono
 Jazião descuidadas , dos filhinhos
 Chupar com boca immunda o quente sãgue.
 Trazei-me, versos meus, trazei-me Elpino.

Com a ponta subtil deste alfinete ,
 De que usava Canidia em seus encantos ,
 D'esta figura , oh Dorio , o corpo passa :
 Tres vezes dize , tres comigo attenta :
 Assim como penetra esta figura
 Deste agudo alfinete a fria ponta ,
 Assim de Elpino o coração penetrem
 De inquieta saudade as crueis dores,

Trazei-me, versos meus, trazei-me Elpino.

Estes cabellos , que de Elpino ingrato
 Huma noite cortei , quando dormia
 Descuidado em meus braços , neste lenço
 Aperto com tres nós , e nelle aperto
 O falso coração do falso Elpino :
 No fogo os lanço : ardei, prendas queridas,
 Doces prendas de meu pastor ingrato ,
 E assim arda por mim de amor Elpino.
 Trazei-me, versos meus, trazei-me Elpino.

Eis da triste fogueira se levanta
 Tremula chama , e lambe rodeando
 O pavoroso altar : feliz agouro
 Nos dá benigna Hecate. Eis dentro n'agoa
 Hum vulto se levanta ; com que pressa
 Os passos move ! sim , Dorio , he Elpino ,
 He Elpino , que a ver-me vem correndo.
 Vem, amado Pastor , vem a meus braços.
 Cessai, versos , cessai , que Elpino chega.

XIX.

Epifeneu. Idyllio.

Vinalbo, Parralio, e Brotio.

Este Idyllio foi composto no anno de 1765, e remettido de Elvas, aonde então se achava o Author, com huma Carta a Theotónio Gomes de Carvalho, datada de 25 de Outubro do mesmo anno, na qual entre outras cousas se lê o seguinte.

Eu tinha determinado fazer-lhe humas Notas, mas o tempo me não deo lugar para isso: não posso porem deixar de reflectir com V. m. sobre a sua materia e forma, e prevenir alguns reparos, que se lhe podem oppor. Sabe V. m. muito bem, que toda a Poesia, ou ao menos a Dramatica, Satyrica, e Dithyrambica deve a sua origem aos versos Fescenninos; e que estes versos Fescenninos não são mais que humas rudes composições cheas de pulhas e de injurias que os Camponezes, depois de completos os seus trabalhos, nas festas que aos rusticos Deoses celebravão, para que lhes fossem propicios nas suas Javouras, huns contra os outros cantavão. Em V. m. lendo a Carta de Horacio a Augusto, que he a primeira do livro segundo, achará o mesmo que eu acabo de expor-lhe, nos seguintes versos.

*Agricola prisci, fortes, parvoque beati,
Condita post frumenta, levantes tempore festo:*

*Corpus, et ipsum animum spe finis dura ferentem,
Cum sociis operum, et pueris, et conjuge fida,
Tellurem porco, Silvanum lacte piabant,
Floribus, et vino Genium, memorem brevis avi:
Fescennina per hunc inventa licentia morem
Versibus alternis opprobria rustica fudit.*

Isto supposto, querendo eu introduzir na scena pastoril dous vindimadores, pessoas novas, e que até agora nella não fizerão papel, segundo minha noticia; pareceo-me que devia imitar o que algum tempo soccedera, porque assim seguia a natureza; procurando quanto me fosse possível, que os mesmos conservassem huns longes daquelles antigos Agricultores, e que o seu estilo fosse hum místico do Satyrico, e Dithyrambico. Esta he a razão, porque nelle achará V. m. algumas palavras compostas, e notará as injurias que continuamente se dizem hum a outro, ainda que despidas, em quanto pode ser, de toda a rudeza, e grossaria; lembrado dos versos do mesmo Horacio na Carta aos Pisões:

Silvis deducti caveant &c.

Se não consegui o fim, que me propuz, consolo-me com o

Difficile est proprie communia dicere
do mesmo Horacio na Carta citada.

No que toca aos nomes dos Interlocutores, observará V. m. que todos elles forão tirados de cousas pertencentes ás vinhas, de que os mesmos se supõem cultivadores; por exemplo *Psythio*, e *Brotio* são formados dos nomes Latinos *Psythia*, que significa a uva boa para passar, e *Botrus* o cacho. Nesta parte também quiz imitar os Gregos, e Latinos, que praticavão o mesmo costume nestas composições, como V. m. terá reflectido.

E pelo que respeita ao extasis, ou rapto, com que acaba o Idyllio, devo advertir a V. m. que não entrou no seu primeiro desenho, mas que a elle me levou o enthusiasmo. E ainda que eu estava fóra de usar deste adorno Poetico nas minhas composições; não porque não seja dos mais preciosos, mas porque a sua vulgaridade lhe tem feito perder a estimação; com tudo por dar algum interesse a esta tal ou qual obrinha, o deixei ficar. Como nelle se suppõe Parralio arrebatado por hum Nume, e força superior, que falla pela sua boca, se lhe não devé estranhar o estilo mais levantado, que convem excellentemente ao profetico. Se V. m. reparar bem nesta passagem, verá que todas as figuras della, ainda que com huma perfeita allegoria, são extraordinarias: como o Tejo com ondas de ouro, huma Mulher com sete montes na cabeça: o que tudo affectei por serem proprias semelhantes imagens de hum homem transportado pela embriaguez. Se com tudo não parecer bem a V. m. e ao Senhor Garção, riscalla-hei, porque o Idyllio sem ella pode subsistir.

O Utra vez aos sombrios arvoredos,
 E musgosas ribeiras me arrebatá
 Aquelle santo fogo, que em meu peito
 Das Musas accendeo a formosura,
 E que arde inextinguivel nelle ha tanto:
 Vós douto Coridáo, vós sabio Tirse,
 Qu' ambos sois de minha alma gráde parte;
 Em quanto pelas veigas dilatadas,
 Que de flores esmalta o patrio Tejo,

O gado apascentando , ora as boninas
 Para as Ninfas que amais colheis alegres ;
 Ora cantando ao som das lyras de ouro ,
 Da fria gruta attrahis o velho rio , (1)
 E as Tagides gentis , que por ouvir-vos
 Deixão por acabar os seus labores :
 Ouvi agora os versos , que cantarão
 Aqui onde o Guadiana as margens borda
 De platanos frondosos e altas faias ,
 Em novo estilo dous Vindimadores ;
 Em quanto as doces uvas espremião
 N'hum cheiroso lagar tintos de mosto.

VINALBO.

Dize , rude Parralio , quem te mete
 A pisar com a tosca immunda planta
 As roixas uvas , de que o grande Bromio
 Loução guarnece a ramalhuda fronte ?

PARRALIO.

E tu , louco Vinalbo , que arrogante
 A gente insultas , dize onde apprendeste
 A esprerellas ao som dos rijos sistros ,
 Ou qual foi o lagar onde as pisaste ?

Tom. II.

Q

(1) O Author tambem escreveu na Coll. 1.
 Lá do fundo attrahis o velho rio.

VINALBO.

Vai-te longe d'aqui, vai-te, oh profano;
 Que já sinto chiar do verde carro,
 Em que o bom Nyctileu passèa os campos
 As grossas rodas, e ouço das ferozes
 Desenvoltas Bassarides os urros.
 Ah vai-te, pois receo se te encontrão
 Neste sacro lugar, que de ti fação (elle!
 O mesmo que de hum Rei... Oh quem foi
 Nas montanhas de Thracia já fizerão.

PARRALIO.

(sano,

Póde haver quem tal ouça! Hum rude in-
 Que jamais em a mistica joeira
 Ao grande Bassareu as novas uvas,
 Doces primicias das frondentes vinhas,
 No almo outono offreceo, ou nas Orgias
 Tenaz hera levou, ou loquaz pega,
 Se atreve a profanar com lingua infame
 Os seus misterios! Ah se te não calas,
 Saboé clamarei, chamarei Baccho;
 E farei que em castigo te mergulhe
 Nessa de quente mosto chea dorna.

VINALBO.

E tu sabes cantar? ou por ventura
 Jamais ao som dos occos atabales,
 Retorcidas bozinas, duros sistros
 De Iés, Evan, Atés os grandes nomes

Em suave cadencia repetiste ?

PARRALIO.

Inda a mais subirá o teu arrojo !
 Dize , ruim Vinalbo , não te lembra
 Quando os Vindimadores do contorno
 De Baccho nas alegres Anthesterias
 Venci cantando os Fescenninos versos ,
 Sendo juizes Psythio , e Tamarindo ;
 Que em sinal da victoria , me croarão
 Da mesmz planta , de que Baccho cinge
 A que na testa traz crescente Lua ?

VINALBO.

Bem me lembra , Parralio , sim por certo
 Da passada vindima foi nas festas ;
 Quando na encruzilhada junto á fonte
 Pelos untados odres tu saltando
 Entre as taças de vinho coroadas ,
 De costas te estendeste sobre a grama ;
 E as Ninfas das florestas , que escondidas
 Entre as ramas , os jogos espreitavão ,
 Derão de riso muitas gargalhadas.

PARRALIO.

Não , antes foi nas vodas de Vidalio .
 Quâdo inchadas c'o mosto as grossas veias ,
 Bocejando a miudo , e já sem forças , (1)
 Q ii

(1) A pesada cabeça , o lasso corpo ,
 D'odorifero vinho , &c. (Coll. 2.)

De odorifero vinho hum grande vaso
 Levár querendo á boca, sem accordo
 Sobre ti o voltaste, de maneira
 Que as moças, que de roda te cercavão,
 Lançando hum grande grito de assustadas,
 Para longe fugirão; mas Eralia,
 Eralia tão gentil como travessa,
 As negras bagas do ebulo pisando
 C' o çumo te pintou todo o focinho;
 De que contente toda a companhia,
 De ti escarneceo por largo espaço.

VINALBO.

Sempre foste de enredos grande mestre,
 Embusteiro Parralio; mas se queres
 Comigo sobre o canto experimentar-te,
 Biotio será juiz; vê o que apostas.

PARRALIO.

O mundo está perdido: quem julgára
 Que os Cisnes do Caistro para o canto
 Ousassem provocar as negras gralhas!
 Mas eu farei que logo te arrependas
 Dessa vá ousadia. Olha esta copa,
 De cujo fundo sahe huma parreira,
 Que os ramos estendendo até á boca,
 Depois de lhe formar as curvas azas,
 Em torno a cinge com os pendentés cachos.
 Olha com que destreza o subtil mestre

No meio o mar cortou : parece ao vello ;
Que se altera com o vento, e a praia açouta.
Vê mais como na rocha sobranceira
Esparzido o cabelo , e mal coberta ,
Os bellos olhos volve ao Ceo piedoso ;
Os olhos em que as lagrimas rebentão ;
Huma formosa Ninfa , que apontando
Para essa veloz não , que a panno solto ;
No crespo mar se empéga , contra a mesma
Parece que vingança está pedindo.
Attenta em fim com q̃ancia d'entre a selva,
Das Menades cercado a soccorrella
O vermelho Thyoneu veloz se avança.
Obra sem duvida he de mão de mestre ,
Que o rolo de agoa trouxe ás nossas praias ;
Alí Sargalio a achou , a quem por ella
Dei de uvas moscatéis dés grandes cestos ;
Pois esta da victoria será premio.
Agora , insano , vê tambem que apontas ,
E entremos na referta logo , logo ;
Seja Brotio juiz , ou quem quizeres.

VINALDO.

Não tens , que encarecer-me a tua copar
Que eu cousa apostarei de maior preço.
Huma concha porei , na qual cortado
Tambem o mar verás , e dentro nelle
Huma alterosa não , cujo velame
Pouco a pouco se torce em lentas vides ,
Onde saltão mil passaros cantando ;

Igualmente verás huma Serêa ,
 Em que remata a cortadora proa ,
 Ir-se em leão tornando , e em tigrê fero
 A levantada popa ; a cuja vista
 Espantados os barbaros piratas ,
 Que o tenro Bassareu com grossas cordas
 Ao mastro atar querião , de repente
 Se lanção no alto pégo , onde nadando
 De escamosos delfins as peles vestem.
 Com tanta perfeição o sabio Chromis,
 (Chromis , a quem Siletho n' huma gruta
 Das cousas ensinou a natureza)
 Entalhou as figuras , que se cêres
 Aos olhos , jurarás se estão movendo :
 Se ficas vencedor , por ella podés
 Beber o bom licor , com que vermelhos
 E inchados sempre tens os vesgos olhos ;
 E esse vaso escusar , que tanto gabas
 Que o preço todo perde á sua vista.

PARRALIO.

JOSE E...

Menos vezes aos homens essas cousas
 Se hão de lançar, mordaz Vinalbo, em rosto;
 Mas por mais subterfugios que procurés,
 Nada te valerá. Tu sabio Brotio,
 Escuta o nosso catito, e da contenda
 Se entre nós juiz igual e recto;
 Que eu fatei, que esse dotido hoje conheça
 Quanta vantagem leva ad molle junco
 O levantado ulmeiro, que sustenta

Em seus ramos a vide com os cachos.

BROTIO.

Ora pois começaí, moços ditosos,
 Vossa contenda agora que florece,
 C' os dons de Baccho mais formoso o anno;
 Agora que dos tardos bois puxados
 Na longa estrada com as pesadas dornas,
 Chião os carros, ferve nos lagares
 A cheirosa vindima, e o mosto escutna,
 Em torno trasbordando as largas tinhas.
 Principie Vinalbo, e tu Parralio,
 Depois proseguirás, que o canto alterno
 A Baccho e ás castas Musas mais delecta.

VINALBO.

Evohe, Padre Baccho! da vindima
 Tu jucundo inventor, que os negros cachos
 Da rubicunda fronte tens pendentés,
 Os aureos borzeguins ambos descalços,
 Aqui ebri-festante, aqui te chega;
 E comigo calcando as tenras uvas,
 Do novo mosto tinge as gordas pernas;
 Em quanto descantando os teus louvores,
 Faço calar de inveja o vil Parralio.

PARRALIO.

Saboé, grande Bromio! das Orgias
 Tu venerando author, que os tigres domas,
 E pelo Edonio cume urinisparsas

Fazes saltar as Menades furiosas :
 Saboé ! com teu thyrsos açoura e punge
 Ao perverso Vinalbo , porque aos bosques ,
 Quaes de Preto as vãs filhas , fuja insano ,
 E em vez de profanar os teus misterios ,
 De apparentes mugidos encha os montes.

VINALBO.

Triste lagar com essa gritaria !
 Já treme , e se prosegue vem abaixo :
 Oh cala-te , Parralio , que espantados
 Do descomposto som de tuas vozes ,
 Os passaros fugir vejo dos ninhos ,
 E aos troncos seus correr espavoridas ;
 As Dryades gentis de quando em quando
 Os olhos com o susto atrás volvendo.

PARRALIO.

Pobres Vindimadores ! a cabeça
 Este novo cantar hoje vos quebra
 Ah suspende , Vinalbo , o rouco canto ,
 Que a seus discordes écos sahir vejo
 Dessa vizinha lapa , onde dormia ,
 Com o torto nariz muito vermelho ,
 Indicio de que em colera se abrasa ,
 E olhar-te de través o Deos de Arcadia.

VINALBO.

Tirse , que he das Libethrides delicias ,
 Meus versos bem que tudes ama e preza

Moços, vós que cortais das curvas vides
 Ora os dourados, ora os negros cachos,
 De parras lhe tecei huma capella.

PARRALIO.

Mas a mim Coridão, que Febo estima,
 Cantar me manda, e com meu canto folga.
 Vós que pisais as uvas, lagareiros,
 Hũ verde altar lhe erguei, e em torno d'elle
 De vinho derramai dous grandes copos.

VINALBO.

(Tirse,
 Quem os teus versos ama, oh brando
 Com suave murmurio nos seus campos
 De vinho lhe rebentem vivas fontes;
 E á sombra das videiras ouça sempre
 Os roixinões cantar com os brancos cisnes.

PARRALIO.

Quem tua musa, Coridão, não preza,
 De Midas tem orelhas; esse mesmo
 De Pinalbo com os versos se deleite,
 Ou de palmeiras rãs n'hum verde charco
 Ouça o rouco alarido a toda a hora.

VINALBO.

Quem cuidado quer ter das santas vides,
 Ao Sol as ponha nos lugares altos;
 Então rebentarão com ferteis gomos,
 Que ama Baccho os outeiros levantados.

PARRALIO.

Quem deseja fazer boa vindima ,
Do pardo Outono espere as brádas chuvas ;
Então no fundo tanque a uva inchada
Chamando-te , oh Leneu , alegre esprema.

VINALBO.

Aborreço as raposas sorrateiras ,
Que estaimadas entrando em meu cercado
Não só as uvas , que maduras pendem ,
Mas inda as proprias vides despedação.

PARRALIO.

Todos os annos hum malvado capro
De Nyctileu nas aras sacrificio ;
Pois roendo o bacelo ainda tento ,
C' o bafo venenoso o queima e estraga.

VINALBO.

Oh bom cultor das quintas , oh Vertumno ,
Que tomas n' hum só ponto mil figuras ;
Se com prodiga mão em meus pomares ,
Chover fazes das arvores os fructos ,
De sorte que Parralio ao vellos arda ,
E de inveja emmagreça ; de huma croa
De rosas , e de ginjas hei de ornar-te.

PARRALIO.

Oh goardador das hortas , oh Priapo ,

Que a fonte ferrugenta levantando
 Hes de aves e ladrões terror contínuo ;
 Se das daninhas mãos do máo Vinalbo
 Preservas o meu campo , eu te prometto
 Do vermelho pestoço hum retorcido
 E nodoso pepino pendurar-te.

VINALBO.

Vós , leves gafanhotos , que as searas
 Despojais das espigas n'hum momento ,
 Oh dentro não salteis das minhas sebes ,
 Que eu sou pobre cultor d'hum pobre campo.

PARRALIO.

Vós , oh furtivas abelhas , que o rocío
 Com suave zumbido andais colhendo ,
 Ide o dourado mel chupar nas flores ,
 Não me piqueis os já maduros cachos.

VINALBO.

Quando a minha Viminia ao doce canto
 Solta a sonora voz , dos verdes troncos
 As Dryades para ouvilla lanção fora
 As douradas cabeças ; não se escutáo
 Dos Zephyros , que brincáo entre as flores ,
 Os suaves suspiros ; e encantadas
 De seus doces accents as ribeiras ,
 Pouco a pouco nos leitos adormecem.

PARRALIO.

Quando Eralia gentil nas Anthesterias ,

Terçando airoso hum enramado thyrso,
 C'o leve pé pulando fere a terra;
 Suspendido das mãos cahir as redeas,
 Com que os Tigres governa, deixa Baccho,
 E o ruim cavalleiro de Sileno
 Se esquece de ferir com a verde vara
 As ancas do animal pesado e triste.

VINALBO.

Eu não desejo com trezentas juntas
 As lisirias lavar do largo Tejo,
 Nem cobrir com meus gados suas margens;
 Mas só na primavera, em quanto as vides
 Empo, amada Viminia, ouvir teu canto,
 Com o da casta rola misturado.

PARRALIO.

Eu vindimar não quero as ricas uvas,
 Nem os milhos colher, que o Douro cria,
 Mas só no frio inverno, em quanto as chuvas
 A cava me embaração, bella Eralia,
 Ver-te imitar os Satyros saltando
 Em torno de meu lar cheo de fogo.

VINALBO.

Dize, simples Parralio, e já te cedo
 O premio da victoria, porque causa
 Aos astros pelos Deoses foi levado
 O Cão, que inda raivoso a terra abrasa?

PARRALIO.

Dize , rude Vinalbo , e seras tido
 Entre nós por igual ao louro Febo ,
 De quem a croa foi , que junto ao polo
 Com brilhantes estiellas resplandece ?

VINALBO.

Eis de novo esta concha em honra tua
 Encho e bebo , oh Leneu ! tu que propicias
 Abrolhar fazes , onde o rosto volves ,
 As duras cepas com virentes olhos.
 Eis a enchella outra vez alegre torno ,
 E de Tirse em louvor a empino e bebo ;
 Tirse que a Arion no canto vence ,
 Que a Arcadia cultivou , q̃ as Musas ama ,

PARRALIO.

Eu tambem em teu nome , oh moço eterno,
 Nobrodes , Nyctileu , Dionysio , Jaccho ,
 De mosto beberei esta grão taça.
 Evohe como pica ! eis outra bebo
 Do grande Coridão . . . Evohe ! Bromio !
 Que doce frenesi a alma me occupa !
 Suspende , Evio bicornio , ah sim , suspende
 Os pungentes estimulos , e seja
 Teu fogo menos vivo em minhas veias ,
 Que eu já soffrer não posso o furor santo.
 Que nova ordem de cousas se apresenta
 Aos meus olhos ? sonho ? estou desperto ?

Eis já vejo correr com ondas de ouro
 A' sombra de hum Carvalho o claro Tejo.
 Oh que bella mulher nas suas margens,
 Sem ordem o cabello, as ricas roupas
 Em mil pedaços feitas, suspirando
 Entre montes de cinza jaz por terra?
 Mas que homem singular a soccorrella
 Voa em tanta afflicção? Ei-lo animoso
 A forte mão lhe dá, e a mulher triste
 Mais bella se levanta, e entre as estrellas
 A sublime cabeça, em que robusta
 Sete montes sustenta, alegre esconde.
 E com que esforço n'outra parte luta
 Cõ hũ fero esquadrão de negros môstros (1)
 O mesmo homem, e vencedor se acclama?
 E com que arte as ciladas lhes descobre?
 Ei-los já confundidos voltão costas,
 E de nós para sempre se separão;
 E que erguidos colossos cahem por terra
 A hum só acceno seu ao mesmo tempo!
 Mas que subito estrondo se levanta
 De pitares, trombetas, e tambores?
 Eis Marte acceso volve aos nossos campos
 A turva vista, e sanguinosa espada;
 Oh com que pressa para defendellos
 Brora do Luso a terra de seu seio

(1) Que em mil formas mudados, a substancia
 De nossos pingues campos devorayão.
 O mesmo, &c. (Coll. 1. 2.)

De horrendos batalhões armadas messes !
 E que Ninfas gentis são estas duas ,
 Que de flores croadas apparecem ?
 Huma o Marcio alboroto já socega ,
 E a outra ora severa , ora risonha ,
 Os asperos costumes desterrando ,
 Os homens intrataveis n'outros homens
 Pouco a pouco transforma ; pelos campos
 Ferve a cultura , já nas agras serras
 De espigas coroada a loura Ceres
 A fronte eleva . . .

BROTIO.

Aonde , aonde voas ,
 Oh Parralio gentil ? suspende as vozes ,
 Que encerra o teu furor altos misterios ,
 Que de ouvir não são dignos os profanos :
 Toma , gracioso moço , toma a concha ,
 Justo premio de tão sonoros versos :
 Versos que , se o discurso me não erra ,
 Entre nós te farão sempre famoso ;
 E na futura idade nossos netos ,
 Em quanto as ferreis vinhas vindimarem ,
 Repetirão alegres huns aos outros.

XX.

Leucade : Idyllio Venatorio.

Tirinto.

Falta na primeira Collecção.

NAs margens do Sever ao meio dia,
De seus ligeiros galgos rodeado,
N'hum roliço sovreiro recostado
O caçador Tirinto, assim dizia.

TIRINTO.

Oh Leucade formosa, onde te escondes
Destes meus olhos de chorar cansados?
Quem te tapa os ouvidos, q̄ a meus brados,
Por mais e mais que grito, não respondes?

Porque foges da minha companhia,
Oh Ninfa desleal, e ao vento deste
Tantas promessas, quantas me fizeste,
Promessas que invejoso Amor ouvia?

Não sou eu por acaso inda Tirinto?
Esse mesmo Tirinto, a quem juravas,
Que a vida só por elle he que estimavas?
Ah q̄ inda o mesmo sou por meu mal sinto?

Por ventura quebrei o juramento
 Que fiz de amar-te, em quanto fosse vivo?
 Ou dei de novo algum feo motivo
 Para o teu rigoroso apartamento?

Vós Ninfas destes bosques, vós Pastores,
 Faunos, Silvanos, Deoses montanhezes,
 Vós bem o sabeis, vós que tantas vezes
 Chorar me tendes visto seus rigores.

Depois que me deixaste, Ninfa impia,
 Tudo na selva tudo me entristece:
 Até a mesma caça me aborrece,
 Que n'outro tempo foi minha alegria.

Se ás vezes saio ao monte he tão sem gosto,
 Que por demais as selvas só fatigo;
 Vejo a prea correr, e não a sigo
 A's vezes, de elevado em meu desgosto.

Este o mesmo sitio he (nunca sem magoa
 Ou se cubra de fiores, ou de abrolhos,
 Nelle os olhos porei, meus tristes olhos,
 Sem que todos se arrasem logo d'agoa)

Este o mesmo sitio he, onde primeiro
 Te vi brandindo airosa o trio dardo;
 Onde o fogo voraz, em que hoje ardo,
 Accendeo em minha alma o Deos frecheiro.

Na montaria foi, que fez Umbrano,
Depois que o páo se recolheo ás eiras,
Ao fero javali, que ás sementeiras
E devesas causava tanto dâno:

Ajuntáráo-se nella os moradores
Das vizinhas aldeas, Soberoso,
Silvandro, Alpino, Linco, Agrario, Algoso,
Corcilo, e outros muitos dos melhores.

A bater-se entra o mato, e aonde era
Com os ramos das arvores mais basto,
Os cães se metem, que seguindo o rasto,
Rebentar fazem de entre a mouta a fera:

Foi Linco quem em vão tirou primeiro,
Seguiu-se Algoso, e prova a mesma dita,
Como a provou a mais turba infinita,
Que arremessa de dardos hum chuveiro.

Roncava então a fera, e arriçando
Do lombo as crespas cerdas e pungentes,
Largo campo fazia com os dentes,
As estevas, e cães despedaçando.

Tu então armando o arco, ambas as pontás,
Tirando a corda com destreza, uniste:
Voou a seta com zunido triste,
E na testa lha cravas, onde a aponta.

Cahio o feroz bruto , vomitando
 Rios de sangue pela boca fria ;
 Gritão os caçadores de alegria ,
 Teu nome em altos vivas celebrando.

Então tu , oh cruel , chea de gloria
 O grande cerco foste torneando ,
 Da gente os olhos apòs ti levando ,
 Que te roga mil bens pela victoria ;

E ao passar junto a mim: Ninfa formosa ,
 Amor te offrece , disse , maior palma :
 Igualmente que a fera, esta minha alma
 A teus olhos se rende hoje gostosa.

Olhaste-me risónha , e ao mesmo passo
 Cahir deixaste , como por descuido ,
 (Oh Ceos ! eu enlouqueço quando o cuido)
 Das douradas madeixas este laço.

Ei-lo aqui , oh cruel , que desde essa hora
 De trazello comigo nunca deixo ,
 Com elle me consolo , e em vão me queixo
 De tua semrazão , Ninfa traidora.

Oh laço , hum tempo já penhor constante
 Nestas selvas do amor mais puro e santo ,
 Recebe agora meu amargo pranto ,
 Pranto que não merece huma inconstante.

Desde então que em estreita companhia
 Sempre nos encontrou pela espessura
 Na tarde saudosa a noite escura,
 Na fresca madrugada o claro dia.

No horizonte inda bem não assomava
 Da estrella d'alva o raio luminoso,
 E já junto dos freixos de Trigoso
 Com as redes e cães eu te esperava.

Alí porque teu collo delicado
 Não trilhasses, eu te tomava, oh falsa;
 O rasteiro furão na estreita balsa,
 Que a tiracol trazias pendurado;

E juntos em alegre companhia
 Buscavamos as matas, onde armando
 Ora a rede, ora as feras acoçando
 Passavamos gostosos todo o dia:

Até que pouco a pouco escorregando
 A noite das montanhas eminentes,
 Para a aldèa tornavamos contentes,
 Em os cintos a caça pendurando.

Que fera ou ave então nesta espessura,
 Por mais brava que fosse ou pressentida,
 Ou não rendeo a nossas mãos a vida,
 Ou dos laços subtís voou segura?

Quantas vezes na cama descuidada
 Colhemos viva a lebre em vão ligeira ?
 Quantas vezes no meio da carreira
 Aos ares pelos cães não foi lançada ?

Quantas seguimos pelo mato alçado
 O coelho sagaz , que não escapa
 Ou entre as fragas da escondida lapa ,
 Ou na mácha entre a xara aos cães furtado ?

Quantas a tela armámos na vereda
 Aos gordos perdigões , a quem chamava
 A perdiz ensinada , que cantava
 Dentre os ramos, que a basta mouta enreda ?

Quantas á sombra de hum pequeno ramo
 A falsa ichó armámos ás perdizes ?
 Quantas no trigo as cegas codornizes
 A^o rede careámos com o reclamo ?

E vós oh roixinões , que vos montava
 Tecer no fundo bosque os molles ninhos ,
 Se delles em penuge inda os filhinhos
 Mil vezes para Leucade roubava ?

Nem tu , cerdoso bruto , bem que armado
 Do navalhado dente , livre estavas
 Dos ardidos lebreos , nas manchas bravas ,
 Ou pelos enxurdeiros vís deitado.

Lembra-me ora a manhã, q̄ armando a rede
A's leves avezinhas n'hum ribeiro,
A' sombra nos pozemos de hum salgueiro
A esperar que os trouxesse a elle a sede.

Dourando vinha o Sol os altos cumes
Dos montes desiguaes, os passarinhos
Cantavão cento e cento nos raminhos,
As flores exhalavão mil perfumes:

Por entre as espadanas escumando
Corria tão serena a mansa veia,
Que no fundo se via a fina areia
De pedrinhas coberta estar brilhando:

Tão ledo o prado estava, tão gracioso,
Que nas almas ao vello infundia
Hum não sei que, que de prazer enchia
O coração mais triste, e pesaroso.

Tu então as boninas apanhando,
Que sem conto esmaltavão a verdura,
Em quanto de amor chea, de ternura
Com ellas o chapeo me foste ornando;

Pelas setas de Amor, pelos teus olhos,
Pelas Ninfas das selvas me juraste,
Que as flores (e as boninas me mostraste,
Que tecias com arte em varios molhos)

O ribeiro, que placido corria,
 Dos passaros o canto, a mesma caça,
 Nada prazer te dava, em nada graça
 Achavas sem a minha companhia.

Juraste, e de repente hum pé de vento
 Da raiz arrancou hum verde louro:
 De meu mal foi por certo claro agouro,
 E então nem tal me veio ao pensamento.

Tanta era a fé, tão grande a segurança
 Que em ti fazia, tanta, que antes crera
 Que mudaria o Sol a propria esfera,
 Que em ti houvesse a mais leve mudança.

Desta arte me enganavas, fermentida:
 Mas era tão suave aquelle engano,
 Que oxalá permittira Amor tiranno
 Desta arte me enganasses toda a vida.

Desta arte me enganavas, e eu te cria
 (Que se cre facilmente o que contenta)
 Mas oh Ceos! que entre as flores alimenta
 A peçonha mortal a cobra fria!

Pois quando mais fiava em teu excesso
 A Dorcon te entregaste. Amor, que o viste,
 Como, dize-me, em paz o consentiste?
 He este o galardão, que te mereço?

A Dorcon a mais bella caçadora
Destes bosques se entrega , e deixa fera
O seu Tirinto ! Ceos ! que não se espera ,
Se o rustico Dorcon Leucade adora !

Terão de hoje em diante o mesmo abrigo
As pombas , os falcões : o açor , e a garça
Contentes saltarão na mesma çarsa ;
Será da lebre o galgo doce amigo :

Doce vinho os silvestres-amieiros
Suarão , suarão mel as giestas ;
Será Orpheu Ferino nas florestas ,
Os cervos fugirão da agoa ligeiros.

Oh Ninfa mais gentil , mais agradável
Que a estrella da manhã , porem mais dura
Que as feras que persegues ; por ventura
Com ellas apprendeste a ser mudavel ?

Não , oh tiranna : não , que a natureza
(Que magoa ao contemplallo n'alma sinto !)
Se avara de seus dons a seu instinto
A razão lhes negou , lhes deo firmeza.

Olha , Leucade falsa , a pomba amante ,
E verás que se perde o seu consorte ,
Fiel ao doce amor até á morte ,
Em casta solidão vive constante.

Essa rola , que tão saudosamente
 Gemendo aqui está neste sovreiro ,
 A perda sente do fiel parceiro ,
 Que tu talvez matasses cruelmente.

Mas ah doudo de mim ! ah sem ventura !
 Que estas queixas em vão repito aos ventos ;
 Pois aqui ningué ouve os meus tormentos ,
 Mais que as aves e brutos da espessura .

Vós oh Ninfas das selvas, vós dos montes,
 Por quem em vão jurou esta traidora ,
 Que estais dos olhos meus a toda a hora
 Vendo estillar de pranto duas fontes :

Se algum dia adornei vossos altares
 Das pontas do vivaz cervo galhudo ,
 Ou da pele do porco sedeudo ,
 Vingai , oh bellas Ninfas , meus pesares .

(da ,
 Sim, Ninfas, por seu mal a ingrata appren-
 Em abono de suas falsidades
 A não chamar em vão as Divindades :
 Haja, pois que me offende, quem a offenda.

O veneno cruel , que me devora ,
 Prove a tiranna : ella mesmo veja
 Nos braços de outra o bem que mais deseja,
 O rustico Dorcon , a quem adora .

E que farás, Tirinto? os seus favores
Verás outro lograr ditoso, em quanto
Derretendo-te estás em largo pranto,
Como a neve do Sol aos resplandores?

Não, não: outra ribeira, outra espessura
Irei hoje a buscar, e no desterro
Pagarei como proprio o alheo erro,
Já que assim o dispoz minha ventura.

Fugirei para os campos, onde a gente
Do lustroso azeviche a cor conserva;
Onde queimando o Sol a tenra herba
Dos rios séca a liquida corrente.

Ou para onde com alta neve os montes
Sempre brilhando estão, onde o frio
Se endurece, e mociço torna o rio,
Onde se gela o mar, gelão-se as fontes.

Alí fugindo á perfida esperança,
Que para mais pesar inda me segue,
Verei se a força de meu mal consegue
Ou a vida tirar-me, ou a lembrança.

E tu, que a tal amor tal premio deste,
Leucade falsa, logra em paz a vida:
Logra, mas aí que ainda arrependida,
Mas tarde, chorarás o que perdeste.

A Deos, tiranna ; pois jamais teus olhos
Verão hum infeliz : e vós oh montes ,
Nunca mais de meu pranto as vivas fontes
Farão sem fim crescer vossos abrolhos.

A Deos, selvas : a Deos , clara corrente
Do placido Sever , valles , outeiros :
A Deos , Ninfas gentís, a Deos monteiros ;
A Deos , ficai em paz eternamente.

E tu , minha matilha , que algum dia ,
Em quanto não senti de amor o enleio ,
O meu cuidado foste , o meu recreio ,
Procura mais ditosa companhia.

Vai-te , minha Lycisca , na montanha
Como d'antes persegue as brutas feras.
Que saltas ? q̄ me quês ? de mim q̄ esperas ?
Vai-te , q̄ eu vou morrer em terra estranha.

Aqui d'alma arrancando hum grão gemido,
Que o éco repetio dos fundos valles ,
Emmudeceo ; que a força de seus males
Traspassado o deixou , e sem sentido.

Porem tornando em si , logo arremessa
O arco n'hum a parte , n'outra a aljava ,
O corno n'outra , com que os cães chamava ,
E a embrenhar-se correio na mata espessa.

XXI.

Os Segadores. Idyllio.

Trigoso, Ordalbo, e Fario.

Composto em 1767.

NAs ribeiras do Caia á sombra fria
 De hum cerrado juncal ambos deitados,
 Ordalbo e mais Trigoso, segadores,
 Do trabalho da ceifa repousavão:
 Erão ambos iguaes na idade e patria,
 E no canto e no amor ambos famosos.
 Junto delles sentado o destro Fario
 (Fario Rei da quadrilha, com o dedo
 Por primeiro de todos apontado
 Entre os que a curva fouce maneavão)
 Huma lyra tangia docemente,
 De cujo som Ordalbo convidado,
 Assim entra a cantar, e assim Trigoso
 Quando a sua vez toca, lhe responde.

ORDALBO.

Oh Cidila gentil, mais branca e loura
 Qu' o branco malmequer, qu' o louro trigo;
 Em quanto á sombra jazem os Ceifeiros
 Da calma e do trabalho fatigados,
 Se algum cuidado tens do teu Ordalbo,

Vem , oh branca Cidila , vem a vello.

TRIGOSO.

Formosissima Mysis , mais vermelhá
 Que as vermelhas papoulas, q̃ os medronhos;
 Agora que fervendo as calvas eiras
 Dormem a sono solto os malhadores ,
 Se a lembrança não perdes de Trigoso ,
 Espera , que não tardo , espera Mysis,

ORDALBO.

Oh travessa Cidila , os seareiros
 A palma da belleza te concedem ,
 Mas de baixa te notão : Amor , que dizes ?
 Não vence na belleza a baixa espiga
 Na madura seara á longa cana ?
 O jasmim não excede o malvaisco ?

TRIGOSO.

E a ti , Mysis garrida , as segadoras
 Invejosas da tua formosura
 De fusca te motejão. Ah doudas moças ,
 Despresais vós por negras as amoras ?
 Ou primeiro colheis para o trançado
 As alvas campainhas , que as violas ?

ORDALBO.

Auras leves , que os juncos encrespando ,
 Aqui voando andais onde Cidila
 Ceifa os maduros pães , batei as azas ,

Os seus louros cabellos sacudindo :
 Sim, oh Auras gentís, q̄ he grande a calma,
 E póde o Sol crescer-lhe o carão brando.

TRIGOSO.

Oh Naiades formosas, que nadando
 Em borbulhões de escuma, a superficie
 Do claro rio ergueis, se Mysis bella
 Quizer na malha entrar, Ninfas, dissei-lhe
 Que deixe a dura malha : ah não lhe offenda
 O grosseiro forçado as mãos mimosas !

ORDALBO.

De papoulas, de aloendro, e madresilva
 Teci huma capella, as roixas ginjas
 Salpicadas estão por ella toda ;
 Lesbia, que os roixinoes vence cantando,
 Rindo-se m'a pedio, mas eu lhe disse,
 Tua será, se a não quizer Cidila.

TRIGOSO.

Micale, que em belleza excede as rosas,
 Huma rola me deo, que de continuo
 O parceiro rolando fiel chama.
 Ah deixa, simples ave, as tristes queixas,
 Que a pesar de pastoras invejosas,
 Has de ditosa ser nas mãos de Mysis.

ORDALBO.

Tanto nojo não faz ás sementeiras

O amargo almeirão , o grou daninho,
 Ou quando em leite está o verde trigo
 O pedrisco , que a prenhe espiga acama ;
 Como a mim de Cidila a dura ausencia ,
 Branca e rosada mais que a fresca Aurota.

TRIGOSO.

Não he tão agradável ás searas
 A curva fouce , que fiel dissipa
 As carregadas sombras que a rodeão ;
 Ou a chuva que Abril sem cessar coa ,
 Como a presença a mim de Mysis bella ,
 Negra nos olhos , nos cabellos negra.

ORDALBO.

Olha , Trigoso , a graça , olha a belleza
 Dessa longa seara : o vento ledo
 As espigas lhe encrespa brandamente ,
 Cá e lá a matizão mil papoulas ;
 Pois tão bella não he , nem tão graciosa ,
 Como Cidila graciosa e bella.

TRIGOSO.

E tu , Ordalbo , escuta o doce canto
 Desse melto : que terno , que saudoso
 Quebra a sonora voz e o vento rompe !
 Pois tão doce não he , nem tão sonoro ,
 Como o canto gentil da gentil Mysis ,
 Quando fervendo a malha , a Ceres canta:

ORDALBO. *quinta ORIENTE O*

Lá junto dessa fonte a vez primeira
Eu te vi, e te amei, doce Cidila :
Oh fonte cristallina ! hum castanheiro
Junto a ti plantarei, porque crescendo
Com sua verde copa, as tuas agoas
No estio do calor do Sol defenda,

TRIGOSO.

E tu, verde aveleira, hes testemunha
De meus amantes roubos ! quantas vezes...
Mas convem aos amantes ser calados.
Oh arvore feliz, junto a teu tronco
Hum altar erguerei ao Deos frecheiro,
E á roda o cercarei de verdes mirtos.

ORDALBO.

Vós doces roixinões, que pelos freixos
Cento a cento cantais vossos amores,
Barei as leves azas, voai todos,
E onde Cidila está soltai as vozes :
Assim do occulto ninho mão traidora
Os implumes filhinhos vos não furte.

TRIGOSO.

E vós oh Limoniades, das flores
Espiritos subtrís, lá onde Mysis
De papoulas croada os trigos sega,
Mandai vossos perfumes : mil fragancias

Exhale em torno o sitio venturoso ,
Assim o máo suão nunca vos murche.

ORDALBO.

Dormia ontem Cidila , e hum a abelha ,
Que o mel chupava nas cheirosas flores ,
Huma rosa julgando a linda boca ,
Nella a picou ; porém perdeu a vida.
Oh mil vezes abelha venturosa ,
Que em tão doce lugar perdeste a vida !

TRIGOSO.

A Mysis , que tecia hum ramalhete
Ontem junto da fonte , o seio lhe entra
Borboleta gentil , a quem seguia
Huma andorinha , e alí salvou a vida.
Oh mil vezes ditosa borboleta ,
Que em tão bello lugar salvaste a vida !

ORDALBO.

Vós oh robustos moços , que em carreira
Os campos despoçais da prenhe espiga ,
A compasso movendo as curvas fouces :
Se de Amor não quereis sentir os tiros ,
Maneai , maneai os duros braços ,
E fugi de Cidila ao gentil rosto.

TRIGOSO.

E vós moças gentís , que em grandes feixes
O trigo já segado andais atando ,

Tom. II. 512 53 S

Se Venus quereis ver e as suas graças ;
 Deixai por hum momento solto o trigo ,
 E vinde , ah sim ! correndo vinde todas
 O bello rosto a ver de Mysis bella.

ORDALBO.

Chorando pelas selvas Venus busca
 A Amor, q̄ lhe fugio d'entre os seus braços.
 Gentil Deosa , suspende o gentil pranto ,
 Que onde Amor se acolheo eu já te mostro:
 Se o queres encontrar , os bosques deixa ;
 E nos olhos o busca de Cidila.

TRIGOSO.

Mas Amor, que de lagrimas banhado
 Perdido nestes campos procurava
 Pela formosa Mãi aos segadores ,
 Com Mysis encontrou ; e vendo Mysis ,
 O pranto enxuga , bate as leves azas ,
 E ao collo lhe voou , tendo-a por Venus.

ORDALBO.

Ves , oh Trigoso , ves esta campina ;
 Onde a vista estendida desfalece ,
 De cerradas espigas carregada ?
 Pois primeiro que o Sol no mar se esconda ,
 Se a ver-me vem Cidila , como espero ,
 Tu tornada a verás n'hum campo raço.

TRIGOSO.

Mas eu , Ordalbo , se ora a minha Mysis

Como ás vezes costuma vem a ver-me ,
 Porei de parte a fouce , trigo , tudo ,
 Só por cevar meus olhos em seus olhos.
 Ah vem , Mysis gentil , a quem te adora,
 E perca-se o jornal de todo o dia.

ORDALBO.

Quando a bella Cidila anda na sega ,
 Se enchem de alegria os segadores ,
 Cantão-lhe as segadoras mil cantigas :
 E eu , que notando estou seu alvoroço ,
 De gosto o coração pular-me sinto ,
 Pois a ceifa não he tão festejada.

TRIGOSO.

Se Mysis vem á malha , os malhadores
 Largão os mangoaes , largão forquilhas ,
 E qual se fosse Ceres vinda ás eiras ,
 Saltão sem ordem , bailão , gritão , cantão :
 Mas eu hum não sei que no peito sinto ,
 Que ora raiva me faz , ora tristeza.

Assim findou Trigoso , e já Ordalbo
 Se dispunha a seguillo , quando Fazio
 Calando de repente a doce lyra ;
 Deixai , oh Moços , diz , deixai o canto ,
 Que a sombra desse freixo corpulento
 Mostrando-nos está , que o tempo he vindo
 De entrar-mos a ceifar ; a ceifar vamos ,
 Que o ocio não convem aos segadores.

Ditas estas palavras, velozmente
 Do junco todos tres se levantáão ;
 E tomando do chão as tortas fouces ;
 Se fofáõ a segar as louras messes.

XXII.

Aglaia. Idyllio.

Elpino.

Este Idyllio foi reformadò primeira, e segunda vez pelo Author nas duas ultimas Collecções ; pois em hum manuscrito muito antigo o achamos com o nome de Ergasto, de que elle usava antes de tomar na Arcadia o de Elpino. Principiava : Ha nos campos que rega o brando Tejo ; e prosequia em vinte e quatro quartetos até á Estancia Verdes campos, &c. que he agora a segunda ; dizendo Tejo onde no presente diz Caia, e Ergasto onde agora se lê Elpino. Erão as Estrofes, ou Estancias no primeiro como nos posteriores de treze versos, mas o undecimo, que nestes he endecasyllabo, era no primeiro de sete syllabas : no mais são quasi os mesmos pensamentos e palavras, porem tudo mais apurado na primeira correcção, á qual he muito conforme a segunda. Não

creio porém, que o Poeta tivesse muito tempo e paciência para o rever, por alguns leves defeitos que nelle se observão, não só no manuscrito, que vem na segunda Collecção, o qual não era original, mas também no da terceira, onde vem ultimamente escrito por letra do Author. Naquelle copia faltavão na primeira Estancia os versos 10 e 11; e na Estancia quarta havia dous versos de mais. Na Estancia deoito o verso 11 se lia de sete syllabas, devendo ser de onze; e na Estancia vinte estava o 3.º verso com o consoante errado. Na terceira Collecção supprio Diniz os versos da primeira Estancia, e emendou o da Estancia deoito; porém não só conservou o 3.º da Estancia vinte, mas reduzindo a 13 versos a quarta, errou o consoante na emenda que fez. Em nota daremos a sua lição, e no texto supprimiremos facilmente estes descuidos.

O principio, ou introdução da antiga Ecloga he o seguinte.

Ha nos campos, que rega o brando Tejo,
 Huma selva tão chea de belleza
 Que parece a formou a natureza
 Para encher de delicias o desejo.

Os montes com os valles á porfia
 Apparecem cobertos de verdura,
 E as aves pelos ramos da espessura
 Não cessão em cantar de noite e dia.

Erguem-se em proporção alguns outeiros,
 Onde vão terminar largas campinas,
 Esmaltadas de rosas e boninas,
 Guarnecidas de choupos e salgueiros.

Voando pelo prado brandamente,
 Pinta o fresco Favonio as tenras flores,
 Que diversas na graça, e mais nas cores,
 Podem tornar alegre hum descontente.

Correm por entre a relva murmurando
 Muitos regatos de agoas cristallinas,
 E colhendo o rocio das boninas,
 Andão sempre as abelhas susurrando.

Os jasmims, cravos, goivos, lirios, rosas
 Nascendo estão no meio da espessura,
 E sem custar suor sua cultura,
 As arvores se vem sempre viçosas.

Não ha tronco que alegre não florea,
 Nem flor se vê que ao verde ramo unida,
 Depois de estar em fructa convertida
 Para regalo ao gosto não se offrea.

Não se conhece ali o frio inverno,
 Nem o funebre outono se receia,
 Porque Flora, Pomona e Amaltheia
 Nelle fazem durar o estio eterno.

Cantando docemente os seus amores
 Se escutão pendurados dos raminhos
 Os leves e pintados passarinhos,
 Sem os laços temer dos caçadores.

Não cria o monte, não produz o prado
 Espinho duro, ou herva venenosa,
 Antes nelle se vê sempre viçosa
 A relva que seguro pasce o gado.

Os pastores sentados nas hervinhas
 Ao incendio de Amor e suas freichas,
 Huns então louvores, outros queixas
 Ao som das accordadas sanfoninhas.

Respondem-lhe as montanhas, que guarnecem

O dilatado giro da campina,
 Que das magoas, que sente huma alma fixar,
 Até as mesmas penhas se enternecem.

Não ha tronco ou arbusto no arvoredo,
 Nem em todo o contorno existe penha,
 Onde a fouce não grave, e impresso tenha
 Dos misterios de amor algum segredo.

Alguns nomes se lem bem conhecidos,
 Outros ha, de que o dono inda se ignora;
 Talvez que fosse algum pastor de fora
 Quem os deixou nos troncos esculpidos.

Vão as plantas crescendo pouco e pouco,
 E tambem os amores vão crescendo,
 Que com vã esperança está mantendo
 O desgraçado amante cego e louco.

As pastoras que ali goardão o gado,
 De quem Siques gentil sente mil zelos,
 Porque nas soltas tranças dos cabellos
 Tecem doces prisões ao Deos vendado;

Humas, de amor fugindo o cruel fogo,
 Ou perseguem as feras na espessura,
 Ou nas margens de alguma fonte pura
 Estão alegremente em doce jogo:

Outras, sentindo na alma o amante effeito,
 Colhendo pelo campo as flores bellas,
 Tecem com suas mãos verdes capellas
 Para o pastor, que trazem no seu peito.

Em fim tudo he prazer, tudo alegria,
 Porque até os que amor fez desgraçados
 Tão contentes estão com seus cuidados,
 Que por outros nenhum os trocaria.

Só Ergasto, pastor bem conhecido
 Nas ribeiras, que o claro Tejo rega,
 Entre tantas delicias não socega
 De tirannas lembranças combatido:

Suspirando passava a noite e o dia,
 Todo entregue ao rigor d'hum pensamento,

Sem que entre tantas horas de tormento
Lagrasse hum só instante de alegria.

Hum dia, quando o Sol da ardente sesta
Hia já os calores mitigando,
E o Zephyro os ramos maneando
Se ouvia susurrar pela floresta:

Quando a sombra deixavão as ovelhas,
E fugindo do amparo dos seusinhos,
Saltavão pelo prado os passarinhos
Entre as floyes azues, brancas, vermelhas:

Nas margens de hum regato, que corria
Por entre molles juncos socegado,
A' sombra de hum loureiro recostado
O saudoso Pastor assim dizia.

Verdes campos do Tejo deleitoso,
Correntes frescas, &c.

NHum bosque de altas arvores cerrado,
Que em torno vai regando mansamente
A corrente do Caia cristallino,
No mais vivo calor da sesta ardente,
N'hum alemo roliço recostado,
A's plantas se queixava o triste Elpino.

De seu cruel destino,
Tudo então ao redor quieto estava,
E só triste alterava

O profundo silencio da espessura
O carregado som, com que murmura
Por entre pedras a corrente fria,
E o misero Pastor, assim dizia.

ELPINO.

OUBA 980

Verdes campos do Caia delectoso,
 Correntes frescas, agoas cristallinas,
 Que matizando estais o verde prado
 De mil cheirosas hervas, e boninas:
 Eu me vi já em vós tão venturoso,
 Tão ledo, tão contente, e socegado,
 Que meu humilde estado
 Por outro mais soberbo não trocava.

Desde que o Sol dourava
 A florida eminencia deste monte,
 Até que os claros raios no horizonte
 A meus amantes olhos escondia,
 Era todo prazer, todo alegria.

Quantos dias passei nesta espessura,
 Gastando as horas no suave enleio
 De hum doce pensamento namorado,
 Não querendo minha alma outro recreio
 Mais que estar contemplando a formosura
 D'aquelle gentil rosto delicado!

Oh venturoso estado!

Oh gloria já passada! quão presente
 Na idéa vivamente

A saudosa lembrança te figura!
 Pois quer, para matar-me a desventura,
 Que a todo o instante traga na memoria
 Doces lembranças da passada gloria.

Que arvore se levanta neste prado ,
 Onde na dura casca de seu tronco
 Minha doce affeição se não aviste? (1)
 Que tenra planta , que penhasco bronco
 Deixou então por mim de ser gravado!
 O tronco o diga desse teixo triste ,
 Onde cortado existe :
 „ Pastores que habitais esta espessura ,
 „ Sabei que Elpino jura
 „ D' até á morte amar sempre constante
 „ Da sua Aglaia o angelico semblante ,
 „ Tomando em fé da fé de seus amores
 „ As estrellas do Ceo, do campo as flores.

Com doces esperanças me entretinha ,
 Correndo sempre apôs huma ventura ,
 Que o Amor lá de longe me mostrava.
 De idéas tão gostosas na doçura
 Meu ardente desejo se mantinha ;
 E em quanto tanta gloria me tardava ,
 Satisfeito passava ,
 Ora louvando a trança dos cabellos ,
 Causa de meus desvelos ;
 Ora os olhos gentís , onde escondido
 Amor a tantos peitos tem ferido ;
 Ora a graciosa boca , e o doce riso ,
 Onde achava minha alma hum paraíso.

(1) Que na dura cortiça de seu tronco
 Minha doce affeição não manifeste?

Mas a cruel Fortuna , que em meus males
 Empenhada se mostra , de repente
 O prazer me roubou : cruel violencia
 D'ante os olhos me arranca injustamente
 A formosa Pastora : n'outros valles
 A meu amor a esconde. Dura ausencia ,
 E quem terá paciencia
 Para soffrer teus golpes ? quem constancia
 Para em tão cruel distancia
 Viver sem contemplar sua belleza ?
 O coração me estala de tristeza
 Ao ver quanta esperanza n'hum momento
 Desfeita pelos ares leva o vento !

Apartou-se a Pastora de meus olhos ,
 E nos seus me levou toda a ventura ,
 Deixando só comigo o meu cuidado.
 Desde então quanto vejo na espessura
 Duros espinhos são , secos abrolhos.
 As Pastoras , a selva , o monte , o gado ,
 O fresco rio , o prado ,
 Tudo tão diferente me parece ,
 Que tudo me aborrece :
 Os mesmos cantos das sonoras aves
 Para mim são mais roucos que suaves ;
 E até a clara luz do novo dia
 Me enche de huma mortal melancolia.

Quando por este valle pastorava
 A minha bella Aglaia o feliz gado ,

Com seus olhos, mais bellos do que o dia,
 Alento dando ás flores deste prado,
 Não sei que occulta graça em tudo achava,
 Que tudo satisfeito me trazia:

Em tudo quanto via

Hum doce e natural contentamento

Achava o pensamento;

Mas depois que seus olhos se apartarão,
 Tão diversos, tão funebres ficarão
 Estes campos, tão faltos de belleza,
 Que nelles quanto vejo he só tristeza,

Já se não ouve a grita dos pastores
 Entre o bravo furor d'ardente luta:
 Os Faunos já não seguem as Napéas,
 Nem a Silvia cantar hoje se escuta
 Ora queixas de amor, ora favores:
 Deste bosque as formosas Semidéas

Deixarão as coréas;

O gado fuge da risonha fonte;

Nem ha no valle, ou monte,

Quem não chore, Pastora, a tua ausencia;
 E eu, que de seu rigor sinto a violencia
 Do coração ferir-me no mais vivo,
 Pasmado em considerar como inda vivo.

Já derão fim meus doces passatemplos,
 A caça, a luta, a barra, o baile, o jogo,
 E das Ninfas gentís a companhia,
 Onde accende o Amor seu voraz fogo:

A branda lyra , com que n'outros tempos
 As amorosas magoas divertia ,
 Quebrei ess'outro dia ,
 A pesar dos pastores deste monte ,
 Nos penhascos da fonte.
 Pois como o bem que adoro ausente e firme
 A terna voz não póde já ouvir-me ,
 Outra lyra não quero , ou outro canto ,
 Que o triste som de meu continuo pranto.

Por ti o doce canto me alegrava ,
 A branda lyra , os jogos dos pastores ;
 Por ti seguia as feras na espessura ,
 E do prado colhia as varias flores ;
 Para ti entre rosas concertava
 Os tenros favos cheos de doçura ,
 E a fresca nata pura :
 Para ti os medronhos , e castanhas
 Colhia nas montanhas :
 Para ti cobiçava o senhorio
 Do largo campo , do sereno rio :
 Mas depois deste amargo apartamento
 Nada cobiço mais que o meu tormento.

Quantas vezes a louca fantasia
 Em suaves delirios transportado
 Me conduz pelo meio da espessura
 Sobre aquelle rochedo alcantilado ,
 Onde de ver-te a gloria possuia ,
 Suppondo alí a tua formosura ?

Mas oh quão pouco dura
Este meu tão gostoso desvario!

Pois no bosque sombrio
Só descobrem os olhos, e a memoria
Doces vestigios da perdida gloria,
Que dóbrão no saudoso pensamento
Os motivos crueis de meu tormento.

Alí vejo o lugar onde cantando
Ensinei tantas vezes ás florestas
Teu nome a repetir, Ninfa querida:
Alí vejo tambem inda as giestas,
Por entre cujas flores escutando
Estavas teus louvores escondida.

A hera, que ao olmo unida,
Ao amor, que nossas almas enlaçava,
De amor exemplo dava,
Inda em seus verdes ramos enrolada
Crece viçosa; e a faia levantada,
Que ouviu tantos suspiros namorados,
Inda tem nossos nomes entalhados.

Tudo contemplo, e tudo sem mudança
Meus saudosos olhos estão vendo:
É logo contemplando em meu estado,
Nelle tudo mudado comprehendo.
Vejo cortada em flor minha esperança,
Quando o fructo esperava sazonado:
Vejo em terra lançado
De minha alegre vida o fundamento:

Sem gloria o pensamento
 Da cara vida ao gosto tão perdido,
 Tão triste, tão contrario do que hei sido,
 Que se attento qualquer me considera,
 Huma sombra só vê do que antes era.

Talvez por enganar minha saudade
 Do çurrão, onde sempre anda goardado,
 Tiro de entre outras prendas, q̃ me deste,
 Aquelle lindo laço delicado,
 Que para sempre atar-me a liberdade
 De teus longos cabellos desprendeste.

Mas que pouco dura este
 Pequeno refrigerio a meu tormento!

Pois logo o pensamento
 A' lembrança me traz o infausto dia
 De meus males, de tua ausencia impia;
 E quando em seu rigor cuido e discorro,
 Sem de todo morrer mil vezes morro. (1)

Aquella triste e acerba madrugada
 Da tua infausta e subita partida,
 Cuja dor vence todo o soffrimento,
 Em quanto conservar a infeliz vida
 Na memoria terei sempre pintada:
 Entregue toda a noite a meu tormento;

(1) Var. Morrer me sinto, e por meu mal não morro.

O sono hum só momento
 Meus desgraçados olhos não gostarão ;
 E apenas assomárão
 Da Aurora os claros raios no Oriente ,
 Já eu te vigiava impaciente ;
 E em quáto Ephyre as tranças te enfeitava,
 Oh que tristes suspiros que exhalava !

Alí banhada em pranto , e mais formosa
 Que o resplendor do Sol, que então nascia,
 A' janella chegaste , e suspirando ,
 Que outro bem nos negou a sorte impia ,
 Os tristes olhos triste e saudosa
 Sobre os meus inda mais tristes lançando ,
 No peito foste atando

O laço , que te dei , e assim partiste.

Ai cruel lembrança triste !

Oh barbaro mil vezes fero Elpino ,
 De ver o Sol , de respirar indino !
 Pois hum tão duro coração tiveste
 Para a veres partir , e não morreste !

Largo espaço segui tuas pisadas ,
 Té que de entre humas penhas escondido
 Com meus olhos sem cor , e sem alento
 O último a Deos te dei : então partido
 De dor o peito , as faces descoradas
 Em pranto vi banhar-se , e n'hum momento
 Da morte o cru tormento
 Sem morrer provei : ah se alí morresse

Menor pena soffrera.

Anio e Lidio, que sempre me seguirão,
 E minha dor e meu trespasso virão,
 Quizerão, mas em vão, allivio dar-me,
 Que sem ti nada póde consolar-me.

Oh! e quem me dissera a vez primeira,
 Que de meu mal te fiz participante,
 Que tão cedo traria a desventura
 O sem ventura aborrecido instante
 De tua ausencia! ah gloria lisonjeira,
 Que depressa voaste! ah sorte dura!

Porque minha fé pura,
 Meu limpo amor persegues rigorosa?
 E tu, Ninfa formosa,
 Como hum triste pastor deseparaste,
 A quem tão fina, tão constante amaste;
 Que mil vezes juraste enternecida
 De não deixallo, até deixar-te a vida?

Onde estão, bella Aglaia, os lindos olhos,
 Que só com sua luz serena e pura
 O verde prado enchião de alegria? (1)
 Onde está a celeste formosura,
 Que convertia em flores os abroihos?
 A tua voz tão chea de harmonia,
 Que de prazer me enchia

Tom. II.

T.

(1) Enchião de alegria o verde prado?

Com as doces palavras, onde soa?
 Onde seu éco voa?
 Porque, formosa Aglaia, me deixaste?
 Para onde tão ligeira te ausentaste?
 Por que selvas trocaste, por que praia
 Os largos campos do apprazível Caia?

Invejosos de nossa pura gloria
 Os Fados contra nós se conjuráão:
 A malvada Corisca, e o vil Serrano
 Ambos com feas cores debuxáão
 De nosso doce amor a limpa historia.
 Pode mais que a verdade o falso engano,
 Causa do fero dâño
 Por quem morrer me sinto! Pastor bruto,
 Nunca de pranto enxuto.
 O teu rosto se veja: atassalhado
 Te morra de cervaes lobos o gado,
 Póis a fea traição manhoso armaste,
 Com que a vida do peito me arrancaste!

Ai formosa Pastora, se em amar-te
 O fiel coração cometeo erro,
 Eu só mereço a pena, eu o tormento
 De tão injusto barbaro desterro.
 Torna, Aglaia gentil, torna a lograr-te
 Desta floresta, torna ao antigo assento,
 Ondé com triste accento
 As tuas companheiras, que inda te amão,
 Por ti sem cessar chamão.

Que eu por não pertubar-te a paz serena,
Fugirei deste campo e praia amena,
E a serra buscarei mais desabrida,
Onde em pranto consuma a amarga vida.

Assim o Pastor triste se queixava
Tão absorto em seu mal, q̄ a noite escura
De parda sombra o bosque já cobria:
E em queixar-se de sua desventura
Entre pranto, e soluços não cessava.
Aglaiá, ah linda Aglaiá! repetia,
Que fera tirannia

De mim teu doce rosto esconde?... Quando
Pelas covas cantando

Corta o nocturno grillo o seu desgosto,
Pois erguendo ao som triste o triste rosto,
De escura treva vio a selva chea,
E se foi suspirando para a Aldea.

XXIII.

Idyllio. Filondas, Elpino.

Foi feito por occasião de haver o Conde de Schaumbourg Lippe, mandado de Alemanha, onde então se achava, huma Medallha aberta em honra sua, ao Author, em reconhecimento da Ode Pindarica que este lhe offerecera.

Do presente Idyllio, que falta na pri-

meira e segunda Collecção, vimos hum Manuscripto bastante antigo que não era original: na terceira Collecção o achámos depois não só escrito por letra do Author, mas tambem muito mais correcto e accrescentado; a pesar de que na terceira falla de Filondas preferimos antes a primeira lição, e desta tirámos os versos que se imprimirão em nota.

FILONDAS.

Que fazes, meu Elpino, aqui sozinho
Entre estes sinseraes? q' cousa he essa,
Que estás tão de siso contemplando?
Ella pelo brilhar parece de ouro.

ELPINO.

Não te enganas, Filondas: d'ouro he puro,
Vale mais q' hum rebanho: chega e attenta
Quão bem talhada está essa cabeça;
Repara na viveza, e magestade,
Que neste rosto brilha: se fé deres
Aos olhos, jurarás que está fallando.

FILONDAS.

Tens, Elpino, razão: o destro Alcandro,
Qu' em lavar para o leite os grandes tarros
Entre nós he de todos o primeiro,
Com tal viveza levantar não sabe
As figuras que nelles subtil corta.

Porem de quem será a grave fronte ,
 Que tanta magestade de si lança ?
 Que he de Apollo humas vezes me parece,
 Outras de Marte ser se me figura :
 Sim de Marte he, que de outro ser não pôde
 A brava magestosa continencia.

ELPINO.

Enganas-te, Pastor, esta cabeça
 Nem Marte, nem Apollo representa,
 Mas he só de hum mortal fiel retrato :
 Mas que mortal ! mortal quasi divino ;
 Mortal que no saber Apollo vence,
 E excede no valor o proprio Marte.
 Não te lembras, Pastor, d'aquelle illustre,
 E famoso Guerreiro, que chamado
 De longes terras foi para guiar-nos,
 Quando o fumoso Ibero entrando ousado
 Pelos nossos apriscos descuidados
 Com o pesado jugo ameaçava
 A indomita cerviz da Lusa gente ?

FILONDAS.

Bem me lembra, e tambem q̃ elle manhoso
 Dos contrarios assim enfrea a furia,
 Como nós, quádo erguêdo hũ novo assude,
 Com ramos e com pedras que lhe oppomos
 A corrente do rio represamos.

ELPINO.

Pois esse o proprio he, que estás olhando.

FILONDAS.

Mas onde achaste tu tão rica peça?
Foi acaso nas cercas de Serralvo,
Onde, segundo conta a nossa Gorgo,
Por fero encanto de maligna Fada
Está grande tesouro soterrado?

ELPINO.

Não, amigo Pastor, o Varão grande,
Deixando os nossos campos onde eternos
O seu Nome deixou e sua fama;
De lá ma remetteo de seus pascigos,
Querendo premiar huns novos versos
Que aqui cantar me ouvio em honra sua. (1)

FILONDAS.

Venturoso Pastor, que lá tão longe
Achar o premio foste de teus versos!
Premio, que de gloria encher te deve,
E tão raro entre nós faz a desgraça!

(1) Já eu da sua boca tinha ouvido,
Quando no Tejo me fallou benigno,
Estas palavras, que no peito goardo:
Em quanto o Ceo te dá pouco rebanho,
Canta, sabio Pastor, que a tua lyra
De cantar grandes cousas só he digna,

Olha o que soccedeo ao nosso Alcino (1),
 E em tépos mais atrás a aquelle grande (2),
 Cuja lyra sublime e sonora
 Mais affamada foi do que ditosa. (3)
 Despresos, e pobreza só houverão
 (Lembrallo sem horror, sem dó não posso)
 Em galardão de haver a patria, a lingoa
 Com seus versos honrado e enriquecido.
 Mas deixando lembranças que injurião,
 E injuria farão sempre á Lusa gente;
 Essas letras, que em torno á grande effigie
 Recortadas estão, que dizer querem,
 Elpino venturoso, se he que o sabes?

ELPINO.

Palavras são de Sabios; são talhadas
 Em lingoagem, que nós não entendemos:
 Meris, o sabio Meris, que das pedras
 E das plantas conhece a força occulta,

(1) Domingos dos Reis Quita, que por isso mesmo que a sua fortuna e educação o pozerão n'hum lugar bem distante do Parnaso, a que elle com tanto affinco, e gloria se endereçou, devia ser protegido e animado; foi pelo contrario perseguido e atacado com criticas e invectivas, que até o insultavão pela sua pouca ventura: criticas mais dictadas pela inveja, que pela razão.

(2) Camões.

(3) Allusão ao que o mesmo Camões diz de si no Cant. 10, da Lusíad. est. 128.

E que dellas usando se transforma
 Humas vezes em lobo , outras em urso ;
 Que o ar delgado corta trasmudado
 Ou em aguia caudal , ou triste mocho ;
 Que das aves entende os varios cantos ,
 Os ladridos dos cães , e das raposas
 O rouco regougar , huma por huma
 Todas m'as declarou. Estas que em torno
 Entalhadas se vem da face augusta ,
 Guilherme a dizer vem de Lippe Conde ,
 E de Schaumbourg na illustre antiga casa
 Principe Soberano. Da outra parte (1)
 As que em roda se lem , das Lusas tropas
 Por supremo caudilho o apregoão :
 Est'outras , que debaixo dessa croa
 Abertas apparecem , significão
 Que este premio , será sómente dado
 Do ingenho ás grandes forças.

FILONDAS.

Que não pôde,
 Elpino , da Cidade a esperta gente !
 Ella até faz fallar meraes e pedras.
 He verdade , que nós tambem cortamos

(1) *Lia-se no primeiro manuscrito :*

Estas , que em torno estão do grande vulto ,
 Guilherme dizem só Conde de Lippe ,
 E de outra terra mais que não acerta
 A lingua a proferir , por mais que teime :
 As que em roda se lem da outra parte , &c.

Das arvores nos troncos, e nas penhas
 De Silvia, ou de Dorinda os caros nomes,
 Mas quão differentes são nossos labores
 Dos que ella tecer sabe! além da graça,
 E do tom brando e grave das palavras,
 Que proferir nós outros não podemos;
 Ella de mão em mão, e de anno em anno
 Aos nossos netos fielmente envia
 Com seus nomes o gesto e a figura
 Dos Cidadãos que eternizar pertende:
 Em quanto nossas rusticas memorias
 Facilmente por terra lança e prostra
 Robusta mão, ou bravo pé de vento;
 Ou pó subtil, e tenro musgo apaga.
 Mas volvamos, Elpino, ao nosso conto:
 E estas letras que aqui estão debaixo
 Humas com outras todas enredadas
 (Lembrar da fonte os platanos me fazem,
 Onde as sestas passamos, cujos ramos
 Entre si estão todos enlaçados.)
 Que vem a declarar?

ELPINO:

Estas, Filondas,
 Se a memoria quiça me não engana,
 Mostrando o tempo estão, em que lavrada
 Tão bella peça foi, o qual diz Meris
 Que fora o da colheita já passada.

FILONDAS.

Está bem: porém tu, Elpino amigo,

Que pertendes fazer de haver tão raro ?
 Tu com elle comprar, se não me engano,
 Bem podes de Dorilo todo o gado,
 Ou de Alceu o cerrado regadio.

ELPINO.

Ah rustico Filondas! quanto ignoras
 O preço, que se deve dar ás cousas!
 Eu o não largarei, em que por elle
 Deste campo me offreção todo o gado,
 Ou todas as riquezas de Turino.
 Attento o goardarei, em quanto vivo,
 Não só pelo valor, mas pela gloria
 De ser hum dom de Principe tão grande;
 E quando a fria Parca os mortaes olhos
 Em densas me cerrar eternas trevas,
 De Coridão será, ou do meu Tirse,
 Se a cara vida os Fados lhe deixarem.

FILONIDAS.

Ora pois, meu Pastor, em paz a goza,
 A pesar de pastores invejosos:
 E agora, que seguindo a fresca tarde
 As brandas auras vem, deste ribeiro,
 Que por entre alvos seixos escumando
 Docemente murmura, e docemente
 A prazer e descanso nos convida,
 Na margem nos sentemos. Eu em tanto
 A lyra tangerei, e tu Elpino,
 Ao som de suas vozes cantar podes.

Do grão Guerreiro em hõra algũs dos versos,
 Que te ouvimos cantar nesta ribeira,
 E com que os grandes homens eternizas.
 Em premio não te offreço hũ dom tão rico,
 E que causar te possa tanta gloria,
 Como o que elle te deo, e q̃ hoje logras;
 Pois Principe não sou, e não possuo
 Mais q̃ hum pobre rebanho, e pobre choça;
 Mas este meu cajado, que de mirto,
 Segundo o que parece, foi cortado:
 Nelle do bom Crisfal a triste historia,
 Crisfal do cego Amor tão maltratado,
 Lavrada a vivo está: de antigo mestre
 Obra por certo em tudo muito prima,

ELPINO.

Estás doudo Filondas? imaginas
 Tu por ventura, que os famosos feitos
 Deste grande Varão cantar se devem
 Como os rigores da infiel Tresea,
 Ou de Jolas, Anfrizo, e de Tirinto
 As namoradas queixas? seus louvores
 Querem mais arte e tempo, e mais estudo.
 E pois de todo o Sol já pouco e pouco
 Trasmontando se vai, e das Aldeas
 Começão a fumar as cumieiras,
 A carear nos vamos nossos gados.

FILONIDAS.

Vamos, Elpino, pois. Tu se quizeres,

Poderás esta noite em minha choça
 Ao fogo repousar. Alí teremos
 A fresca coalhada, os molles queijos;
 Nem faltarão medronhos, e castanhas,
 Nem da conchada pinha os duros fructos,
 Com que a travessa Cloe tanto folga.

XXIV.

EPITHALAMIO

*As felices bodas do Illustris. e Excellentis.
 Manoel Bernardo de Mello de Castro,
 depois Visconde de Lourinhã, e da Il-
 lustris. e Excellentis. D. Domingas de
 Noronha.*

Idyllio. Dafnis e Dorilo.

DAFNIS.

Porque (pois ambos juntos nos achamos,
 Eu a cantar, tu a cantar disposto)
 Porque, Dorilo, hum pouco não cantamos?

A Lua vem mostrando o branco rosto
 Por detrás desse outeiro: da ribeira
 Na margem nos sentemos, se he teu gosto.

DORILO.

Antes debaixo aqui desta parreira,
 Que enrolada nos ramos do alto ulmeiro
 Tremendo encrespa a viração ligeira,

Nos sentemos , meu Dafnis : tu primeiro
 A cantar principia , eu sou mais moço ,
 E devo ser no canto o derradeiro.

DAFNIS.

E quem se atreverá no monte nôsso ,
 Onde cantas , cantar , se o teme Umbrano ?
 Mas farei , pois tu queres , quanto posso.

Os versos que compuz , ha eile hum anno ,
 Ao grande Melio , q̃ entre estranha gente
 Eterno fez o nome Lusitano ,

Cantarei : se a memoria me não mente ,
 Estes por certo são ; escuta attente :
 „ Porque observas , Lamon , tão fixamente

„ Dos Planetas o antigo nascimento ?
 „ Eis huma nova estrella se levanta
 „ De benigna influencia e luzimento :

„ Já sua clara luz a terra espanta ,
 „ E em seu justo louvor , chea de gozo ,
 „ Esta ribeira novos hymnos canta.

„ Hum verde altar . . .

DORILLO.

Que tens , Pastor gracioso ,
 Que a cantiga suspendes começada ,

Que escutando te estava tão gostoso ?

Ah Dafnis! assim negra trovoada ,
Que arrojando coriscos e centelhas
Espalha pelos montes a manada ,

Nunca faça abortar tuas ovelhas :
Assim achem no estio sempre o prado
Coberto de alecrim tuas abelhas ,

Que no canto prosigas começado.

DAFNIS.

Falta-me a voz , Pastor, falta-me alento
Para assumpto cantar tão levantado :

O verso não he vil , he alto o accento ;
Mas a voz rouca e baixa , e ao repetillo
Não o posso ajustar, por mais que o intento:

Tu porem , suavissimo Dorilo ,
Já que contigo as Musas repartirão
Hum sonora voz , hum brando estilo ,

Canta ora os doces versos , que te ouvirão
Nas bodas de Damon os goardadores ,
Que depois tanto tempo repetirão.

DORILO.

Não , amigo Pastor, outros melhores

Te cantarei : se não me engana a idea ,
A bodas não são feitos de pastores.

As Tagides gentís na solta area
Huns repertião , outros os saltantes
Faunos ao brando som da clara vea.

Os alemos , as faias circumstantes
Para ouvillos corrião ; não batia
Fresco Zephyro as azas susurrantes.

E eu que a banhar levava n'agoa fria
Do Tejo as louras vaccas , suspendido
Largo espaço fiquei com a melodia :

Té que cobrando o espirito perdido
O canto, que lhe ouvi , fui escrevendo
No tronco de hum Sycomoro florido.

DAFNIS.

Pois canta, meu Pastor, que eu já te attendo.

TAGIDES.

Ha maior tirania ! huma Donzella
Tão tenra, tão honesta , e tão mimosa ,
Ao Coro de Diana consagrada ,
Mais branca que jasmim, e mais formosa
Que na manhã de Abril rosada e bella
A matutina estrella ;
Muito mais pura , muito mais goardada.

Que em cercado vergel flor delicada,
 A hum Guerreiro se entrega,
 Bem que a seus pés prostrado,
 Em ardentes desejos abrasado,
 E á nossa companhia se nos nega!
 Ah! que mais o inimigo executára,
 Se estas nossas ribeiras assollára?

FAUNOS.

Que cousa póde haver mais ajustada,
 Que dar a Esposa ao Esposo que a merece,
 Que conhece seus dotes e que os ama?
 Elle ao galhardo Marte se parece;
 A' Mãi de Amor, das Graças rodeada,
 A Ninta delicada:
 Hum pelo outro em suave ardor se inflâma,
 Doces suspiros, doces ais derrama.
 Leve pois em fausta hora
 A tímida Donzella
 O marcial Heroe, e a Ninfa bella
 Siga contente, quem contente a adora;
 Que do casto Hymeneo o nó sagrado
 Inda almas mais iguaes não tem ligado.

TAGIDES.

Ah cruel Hymeneo, que tirannia
 Póde a tua igualar? Tu do regaço
 Da mái saudosa a filha delicada
 Attancas inhumano, e em duro laço
 A triste prendes, chea de agoniz:

Os jogos , a alegria
 Da tenra idade , idade suspirada
 Por ti deixa de lagrimas banhada ;
 E tu sem ter piedade
 De seus mimosos annos ,
 Com esperanças vãs , doces enganos
 Lhe roubas a innocente liberdade ,
 E em dourada prisão fazes que viva
 De Esposa com o titolo cativa.

FAUNOS.

Oh suave Hymeneu ! os teus favores
 Que cousa igualar pôde ! tu a Esposa
 Com mil ancias e sustos pertendida
 Ao terno Esposo dás , e em paz ditosa
 Sem fadiga lhe fazes , sem temores

Lograr os seus amores :

Tu na pura prisão apetecida
 De duas almas fórmás huma vida :

Tu enches de alegria ,

Tu augmentas a graça

A' nova Esposa , e fazes que renasça
 Nos filhinhos gentís , que em companhia
 Viva do Esposo , que rendido a adora ,
 De Esposa com o titolo senhora.

TAGIDES.

Qual em fresco jardim purpurea rosa ,
 De vigilante Ninfa cultivada
 Para ennastrar-lhe as tranças , feliz crece

A' branda luz do Sol , da agoa regada ;
Sempre mais bella , sempre mais cheirosa ;

Mas se mão cobiçosa

Lasciva a toca , logo se entristece ,
Logo perde a belleza , e desfalece :

Assim a moça bella

Na doce companhia

Das outras moças chea de alegria ,
Chea de graças he quando donzella ;
Mas depois que casou , na prisão dura
Perde a alegria , perde a formosura.

FAUNOS.

Qual de Iduméa a palma celebrada ,
Se em largo campo solitaria existe ,
Nem verdes ramos lança , nem florece
Antes sempre infecunda , sempre triste ,
Qual se de raio fosse já tocada ,

Murcha está e mirrada :

Mas se outra junto della brota e crece
Logo se alegre , logo reverdece ;

E erguendo aos Ceos a rama ,

A Ninfas e Pastores

A que cantem alí os seus amores
Na ardente sésta com as sombras chama ,
Deste modo a Dama he , triste em Donzella ,
Mas depois de casada alegre e bella.

TAGIDES.

Tristes de nós ! da nossa companhia

Roubar querem a Ninta mais formosa,
 Que até hoje pisou nossas áreas;
 E qual ao verde prado o lirio, a rosa,
 De esmalte e de coroa nos servia.

Quem de hoje em diante guia
 Será em nossos bailes e coreas?

Quem nos ensinará nas subtiis teas
 Com os fios de ouro fino

A retratar os prados,
 De violas, e hyacinthos marchetados?
 Ou quem com tom tão raro, e peregrino
 Entre nossas tarefas, e labores
 A' casta Deosa cantará louvores?

FAUNOS.

Felices nós, feliz esta espessura,
 Onde em breve contentes esperamos
 Ver dos Castros o ramo florecente
 Em novos florecer virentes ramos!
 O Fado nos promete esta ventura,
 Talasio a assegura (1).

V ii

(1) Nume que os Poetas invocavão em seus Epithalamios. *Catul. in Epithal. Jul. & Mar.* Alguns querem que seja o mesmo Hymeneu, e que os Romanos lhe dessem este nome por causa do lanificio, que em Grego se chama *τάλκισια*, a que as mulheres Romanas só se obrigavão casando, conforme Plutarco. Outros pertêndem que fosse hum certo Talasio, a quem coube por sorte huma das Sabinas roubadas, e com quem viveo muitos annos em boa harmonia.

Eis nasce o suspirado descendente :
 Eis já crece em virtudes excellente :
 E os dous Tios seguindo (1)
 Pela estrada da Gloria ,
 Ei-lo nas grandes azas da Victoria
 Ferozes inimigos destruindo (2) :
 Ei-lo com cem algemas prende a guerra
 E a paz ditosa faz tornar á terra (3).

TAGIDES.

Ah já te levão : tristes que faremos?
 Vai em paz , bella Ninfa , os Ceos te gui-
 Horas serenas , horas venturosas (em :
 A teus dias as Parcas sempre fiem.
 Nós á nossa Ribeira tornaremos ,
 Ali te fermaremos
 De roixos lirios , de encarnadas rosas
 Frescas capellas tristes , e saudosas.
 Os ramos de hum loureiro

(1) O Illustris. e Excellentis. Diniz de Mello e Castro , primeiro Conde das Galvêas , e o Illustris. e Excellentis. Martinho de Mello de Castro , Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Ultramarinos.

(2) Allusão ás grandes victorias do primeiro Conde das Galvêas , tanto nas guerras da Acclamação , como na da grande Alliança.

(3) Allusão á paz de Pariz , em que o Illustris. e Excellentis. Martinho de Mello foi hum dos Plenipotenciarios.

Ornaremos com ellas ;
 Subirão os seus ramos ás estrellas ,
 A's estrellas levando este letreiro :
 „ Arvore sou a Filis consagrada ,
 „ De gado nem pastor seja tocada.

FAUNOS.

Vem, Ninta, vem depressa, onde te aguarda
 Teu Esposo, que ha tanto por ti chama :
 Ah não queiras mais tempo desdenhosa
 Que aquelle coração, que ancioso te ama,
 Se consuma em desejos, e em vão arda.

Vê, Ninta, que já tarda
 A tua compaixão : entra animosa ,
 Triste no parecer, n'alma gostosa,
 Onde o Leito dourado
 De mil cheirosas flores,
 C'os Prazeres, c'os Jogos, c'os Amores
 Te tem a bella Juno recamado.
 Ah ! entra : não dilates na tardança,
 Da progénie immortal a alta esperança. (1)

TAGIDES E FAUNOS.

Largos annos vivei, gentís Esposos,
 Em doce paz, em doce companhia :
 Sempre ateando estem vossos ardores

(1) Varr. Ah ! entra : não dilate o teu desvio.
 Da grande prole o suspirado fio.

Pura fé, casto amor, terna alegria.
Torne Ilithyia em breve venturosos (1)
Estes campos famosos:

(1) Divindade, que (segundo a Fabula) preside aos partos: alguns querem, que fosse Juno, fundados na passagem de Terenc. in *Andr. Act. III. Scen. 1.*

Juno Lucina fer opem: serva me obsecro: outros pertendem que seja Diana, com as authoridades de Virgilio na *Eclog. 4. vers. 10. Casta fave Lucina: tuus jam regnat Apollo:* de Callimacho. *Hymn. in Dian. vers. 21.* e de Orfeu no Hymno á mesma Diana.

Ωδῶν ἐπαρωγὴ καὶ ὠδῶν ἀμώμητε.

Homero porem no *Liv. A. vers. 270.* da *Iliada*, falla de Ilithyia, como de muitas Divindades, e as faz filhas de Juno. Neste mesmo conceito diz o Oraculo das Sibyllas: *Post hac Ilithyas placato puerperas hostiis.* Mas os Antigos quando fallavão por este modo, entendião por Ilithyias as muitas Deosas, que presidião aos partos; e ora as chamavão Ilithyias, ora Lucinas, ora Genetyllides; porem dizendo simplesmente Ilithyia, entendião huma Deosa filha de Juno, e Irmã de Hebe, cujo officio era proteger as mulheres que parião, e a ella fazião as mesmas Sacrificios. Esta Ilithyia tinha em Roma hum Templo, no qual pagavão certa moeda todos os que nascião, e morrião: instituição de Servio Tullo para saber o numero dos moradores de Roma. Nas medalhas e antigas inscripções se lê o nome de Ilithyia, que se deriva do Grego ἰλιούθειν.

Nasção em breve os grandes soccessores,
 Que igualando em virtude seus maiores,
 Fação sempre temido
 O Nome Lusitano ;
 Que outra vez pague ao Tejo o Oceano
 O antigo feudo , e seja conhecido
 Desde a gelada Thule ao adusto Egito
 De Castro e de Noronha o Nome invito.

D A F N I S .

Qual em cerrado bosque a fonte fria
 Ao cervo sequioso e encalmado ,
 Tal me foi de teu canto a melodia.

Este copo de faia , em que entalhado
 Dessas bodas está todo o soccesso ,
 Das frautas pastorís tão celebrado ,

Por premio , meu Dorilo , hoje te offreço :
 Ainda em folha está , e a escultura ,
 Por ser do destro Alcandro, não tem preço.

E pois já escondo a face pura
 A branca Lua , e em triste sombra grossa
 Envolta nos deixou a espessura ,
 Vamos a descançar na minha choça.

XXV.

Idyllio. Cidralio e Perino.

CIDRALIO.

Solta, Perino, as agoas, q̄ he Sol poste,
 E tempo de regar as laranjeiras.
 Ah bella Limosina! por onde andas,
 Que a ver inda não vens o teu Cidralio?

PERINO.

Já tens aberto o tanque, as frescas agoas
 Ligeiras vão correndo; os regos abre:
 No que convem cuidar cuidemos ora,
 E deixa Limosina, e seus enganos.

CIDRALIO.

Queres tu que cantemos entretanto?
 Que o cantar allivia aos que trabalhão.

PERINO.

Eu por mim estou prestes: cantar podes,
 Que eu te responderei quando for tempo.

CIDRALIO.

Formosa Limosina, inda mais branca
 Que a flor da laranjeira, mais córada
 Que os córados damascos: teus cabellos
 Dos doarados limões a cor exceedem,

E tua linda boca he mais vermelha
 Que os bagos da romã no ramo aberta.
 He tua doce voz muito mais doce
 Q' as uvas moscateis, q' os figos lampos.(1)
 Mas tantas perfeições, Ninta, q' importão,
 Se tua condição inda he mais dura
 Que as duras sorvas, q' os marmelos duros;
 E são tuas palavras mais azedas
 Que os azedos limões, que as uvas verdes?
 Hum palmito de rosas, e de ginjas
 Com tal arte teçi para offrecer-te,
 Que nelle poderás ler enlaçado
 Com teu nome meu nome; as grandes letras
 Pela vermelha fructa são formadas.
 Mas tu a meu amor não tens respeito,
 Nem aos mimosos dons, com q' te aguardo.
 Ah douda Limosina! que não olhas
 Quem despresas. quão rico e abundante
 De viçosos pomares e de fructa,
 Ou já de espinho seja, ou de caroço.
 No inverno, e no verão em meus cercados
 Nunca a fructa faltou, sempre anda a rodo.
 As amarellas cidras, as amoras,
 As raiadas maçãs, as azerolas,
 Peras, figos, melões, romás, laranjas,
 Tudo será teu, tudo te offereço,
 Com outras muitas mais, que não repito,

(1) Na serena manhã inda orvalhados.
 (Coll. 1.)

Com tanto que huma vez a ver-me venhas.
Ah vem, travessa Ninfa, onde te chamo:
Onde outras Ninfas vem, onde voando
Por entre os densos ramos, semelhante
A hum leve perdigão, Amor te espera:
Elle com mil prazeres te convida.
Aqui de Maio nas saudosas tardes
Sentada á sombra de huma laranjeira
De fructos e de flores carregada,
Que com doce fragancia o ar perfuma,
Verás como se queixa a casta rola
Ausente da parceira; e n'outro tempo
Gemer o torquaz pombo, que não sabe,
Que voraz para ti no mato engorda.
Eu, Ninfa, o colherei com a negaça,
E preso de hum cordão de fina seda
A teus pés o porei, se o tu quizeres.
Aqui virão as Dryades trazer-te,
Tão ledas de te ver quão invejosas,
Em brancos cabasinhos de seus ramos
A fructa mais madura entre mil flores:
Huma o viloso pecego, outra os figos,
Outra a succosa lima, as peras outra.
Entretanto a teus pés o teu Cidralio,
Abrasado em amor e palpitando,
Ao vento espalhará mil doces cantos,
Cantos mais maviosos, que os que espalha
Na calada floresta o solitario.
Mas tu, fragueira Ninfa, não conheces
As doçuras de amor, nem seus encantos;

E de Amor e de mim andas zombando.
 Dize, tiranno Amor, como consentes
 Que a cruel Limosina te escarneça?
 Eu para te adornar a tua estatua
 Todos os dias ao romper da Aurora
 Das orvalhadas flores as mais finas,
 Que brota o meu pomar, teço huma croa:
 Eu ponho em teus altares de meus fructos
 As gostosas primicias, ora as uvas,
 Ora a gostosa pera, ora as ameixas,
 E os morangãos, que nascem pela terra;
 E tu de meu amor, cruel, não curas!
 Oh duro Amor de dura mãe nascido!
 De dura mãe? de hum aspero rochedo,
 D'huma dura azinheira, d'huma fera:
 Eu te sirvo fiel, e tu não ouves
 Meus fervidos suspiros, nem meus votos.
 Limosina cruel, que d'Amor zombas,
 Olha como me paga este tiranno,
 Como trata cruel a quem o serve,
 E submisso o venera; e verás logo
 Quanto deve temer quem o despreza.

Assim cantou Cidralio: vós oh Musas,
 Dizei o que cantou Perino agora.

PERINO.

Quem quer em seu pomar ter boa fructa
 Das frescas agoas lhe não seja avaro,
 Ou quando assoma no Oriente a Aurora,

Ou quando no horizonte o Sol se esconde.
 Boa almascega tenha, d'onde possa
 Na tenra infancia as arvores creando,
 As annosas, cansadas e sem forças
 A tempo revezar; que a tenra planta,
 No mesmo ar creada e mesma terra,
 A nova habitação não estranhando,
 Crece com mais vigor. Cuidado tenha
 Que a sasão seja propria a transplantalla,
 Que seja enxuto e bonançoso o dia;
 Nem jámais na viçosa primavera,
 Se fatal precisão o não obriga,
 A^c terra a encommende: corte e limpe
 As raizes mirradas e já podres,
 As confusas e inuteis: isto feito,
 Na nova cama o rebentão disponha,
 Sem que muito trabalhe em soterrallo;
 Porque as fibras, que o succo lhe ministrão,
 Melhor á superficie se alimentão,
 Onde a terra he melhor; melhor resistem
 Ao humor, que em excesso as apodrece.
 Alí do quente Sol mais se aproveitão,
 Alí do orvalho e das serenas chuvas,
 Que no verão benigno o Céu derrama,
 Bebem a seuprazer; e em pouco tempo
 Desenvolvendo os vegetantes braços
 A nova planta, paga largamente
 Ao activo cultor sua fadiga:
 Da callejada mão cahir não deixe
 O boido podão, a dura enxada;

Cave e decote sem cessar no dia,
Não consinta nas arvores viçosas
A comprida vergontea, que se mirra,
Porque o succo vital a desempara.
Decepe as que sem ordem espalhadas
Cá e lá pelo erguido tronco brotão;
Nem ao pé da raiz deixe ir crescendo
Os tenros filhos, que fecunda lança
Em torno á verde mái com o muito vicio.
Se as arvores formosas se envelhecem,
Artes não faltão para remoçallas;
Tudo o duro trabalho tudo vence:
Quiça convem cavando ao redor dellas
Té á grossa raiz sem offendella,
Tirar a velha terra, e n'alta cova
De podre estrume de tardias vaccas
Alguns cestos deitar, e algumas vezes,
Se seco o inverno for, lançar-lhe agoa.
Depois no mes segundo do anno novo
Té ao vivo se corte o duro tronco,
Que a seu tempo robustas e viçosas
Aos Ceos levantarão a verde copa.
Talvez util será despir o tronco,
E os grandes braços da cortiça grossa,
Que de em torno as aperta, e embaraça
Que o succo radical, de que se animão,
Livremmente circule; mas primeiro
Em roda se lhes tire a antiga terra,
E em seu lugar se meta algum sarmento,
E depois com estrume e terra nova

Se tape muito bem a cova toda.
Na arvore que he bravia e pouco util ,
Porque a fructa produz de ruim gosto ,
Outra deve enxertar mais proveitosa ,
E verá ao brotar dos tenros olhos
Como se admira e folga o tronco antigo
De em seus garfos crear folhas estranhas.
Entre tantos cuidados não se esqueça
De alçar no meio dos pendentos ramos
Com o grato peso dos mimosos fructos
O Nume vigilante de Helesponto ,
Que as formigueiras mãos , vorazes aves
Com a comprida cana atterra e enxota.
Com a miuda cinza abraça e cerque
Das arvores o pé ; porque a subillas
A daninha formiga não se atreva ,
E voraz na sasão a fructa estrague.
Mas se o negro esquadrão tiver passado ,
E em bandos infestar os ramos todos ,
Tomando posse dos maduros pomos ,
Com enxofre as perfume , e verá logo
Como em chuveiro cahe cobrindo a terra
O inimigo cruel das altas folhas.
Outras especies ha de savandijas ,
Que em enxames se lanção sobre as plantas,
Devorando crueis em pouco tempo
Não só as tenras flores , tenros fructos ,
Mas inda as mesmas arvores robustas ,
Esperança quiça de longos annos.
Deve pois o prudente Pomareiro

D'altas sebes cobrir os seus pomares
 Contra o vento, que sópra do Oriente,
 E que a maligna praga traz consigo.
 Nem com isto socegue, junto dellas
 De humida palha e de nocivas ervas
 Atè sem cessar grandes fogueiras;
 Porque o fumo ao passar a voraz hoste,
 Remoinhando a affogue e á terra lance;
 Mas se nada bastar, e o cruel bando
 As barreiras vencendo entrar triunfante
 No viçoso pomar, então decote
 Os ramos atacados sem piedade.

Estas cousas, e outras semelhantes
 Devem cantar, Cidralio, os pomareiros,
 E não de hum vão amor vãos desvarios.

CIDRALIO.

Fallas, Perino, assim, porque não sentes
 Seu veneno cruel dentro nas veias;
 Se elle tuas entranhas abrasára,
 De outra sorte talvez me aconselháras:

PERINO.

A planta que he ruim, triste Cidralio,
 Com a raiz se arranca; faze o mesmo
 A' cruel affeição, que tens no peito.

CIDRALIO.

Mil vezes, mas em vão, tentado o tenho,

Que he seu poder maior que minhas forças.

PERINO.

De ocio nasce o amor, de ocio se ceva,
Se tu queres domallo, cava e planca,
Cultiva o teu pomar, e de al não cures.

CIDRALIO.

Cavarei, plantarei, Perino amigo,
E o Ceo queira que seja como dizes.

F I M.

INDICE

Dos Idyllios, que se contem neste
Volume.

A fria sombra da patente faia.	pag. 197
Do mais alto do Ceo vinha descendo.	89
Doce he, Pastor, ao lasso passageiro.	135
Espera, Tirse, espera, que cansado.	148
Huma tarde de Abril fresca, e saudosa.	77
Já a saudosa Aurora vinha abrindo.	35
Já do pastor de Anfrizo os resplandores.	50
Já dos tenros arbustos penduradas.	62
Melanurio e Sargalio pescadores.	191
Nas frescas margens do Sever frondoso.	211
Nas margens do Sever ao meio dia.	256
Nas ribeiras do Caia á sombra fria.	268
N'hum bosque de altas arvores cerrado.	276
N'hum feo bosque de sombrios teixos.	232
N'hum longa enseada, que o remanso.	113

N'huma manhã serena de Janeiro.	31
Oh quanto folgo, Ergasto, de en- contrar-te. - - - - -	101
Outra vez aos sombrios arvoredos.	238
Pastores, que habitais as frescas mar- gens. - - - - -	27
Porque (pois ambos juntos nos acha- mos. - - - - -	300
Que fazes, meu Elpino, aqui sozi- inho. - - - - -	291
Que fazes tu, meu Tirse, aqui dei- tado. - - - - -	122
Solta, Perino, as agoas, que he Sol posto. - - - - -	312
Suspirado Pastor, sejam bem vindo.	175
Toma, meu Tirse, toma esta ca- pella. - - - - -	184

*Erratas.**Emendas:*

Pag. 167. Vers. 5	cinginda	cingida
291	1 pertubar-te	pertubar-te

